Pastorado Eficaz

O Pastor, Profeta de Deus

Donald E. Price, org.

VIDA NOVA

O Pastor, Profeta de Deus

yv

Steve Brown Haddon Robinson William Willimon

Digitalização e edição: Semeador Jr.

Catalogação na Fonte do Departamento Nacional do Livro

B879p

Brown, Steve

O pastor, profeta de Deus / Steve Brown, Haddon Robinson, William Willimon ; tradução : Lucy Yamakami - São Paulo : Edições Vida Nova, 2002 - São Paulo: Edições Vida Nova, 2001 176 p.; 14x21 cm.

ISBN 85-275-0289-5

1. Teologia pastoral. 2. Clero - Ministério. I.

Robinson, Haddon. II. Willimon, William. III. Título.

CDD305-23

- O Pastor, Profeta de Deus
  - Capítulo 3
  - Capítulo 5
  - Capítulo 7
  - Capítulo 9
  - Capítulo 11
  - Epílogo

O Pastor, Profeta de Deus

Donald E. Price, org.

Tradução Lucy Yamakami

©1991 de Christianity Today, Inc.,

Carol Stream, Illinois, EUA.

Título do original: *A Voice in the Wilderness* Traduzido da edição publicada pela *Multnomah Press*, Portland, Oregon, EUA.

1ª edição: 2002

Publicado no Brasil com a devida autorização e com todos os direitos reservados por SOCIEDADE RELIGIOSA EDIÇÕES VIDA NOVA, Caixa Postal 21486, São Paulo-SP 04602-970

Proibida a reprodução por quaisquer meios (mecânicos, eletrônicos, xerográficos, fotográficos, gravação, estocagem em banco de dados, etc.), a não ser em

citações breves, com indicação de fonte.

Printed in Brazil / Impresso no Brasil

ISBN 85.275.0284-4

DIAGRAMAÇÃO

SÉRGIO SIQUEIRA MOURA

CAPA

MAGNO PAGANELLI

COORDENAÇÃO DE PRODUÇÃO

ROGER LUIZ MALKOMES

COORDENAÇÃO EDITORIAL

ROBINSON MALKOMES

Conteúdo

Haddon Robinson

TERCEIRA PARTE:

AS PRESSÕES EXTERNAS

Mark Galli

Prefácio à edição brasileira

O jovem pastor que assume sua primeira igreja, depois de ter passado quatro ou cinco anos no seminário, é uma pessoa cheia de esperanças e de planos. Finalmente chegou a hora de colocar em prática toda a teoria aprendida nas salas de aula; chegou a hora de concretizar os sonhos e os planos para o ministério ao qual ele foi chamado por Deus. Chegou a hora de valer-se da autoridade de que foi investido. Chegou a hora de "Deus me usar para fazer sua igreja crescer e ser abençoada", confessa para si mesmo o jovem pastor.

Afinal de contas, “eu tenho planos e ideias que nunca vi ninguém implementar em nenhuma igreja”. O sentimento que geralmente predomina é o de “agora a coisa vai”. Quanta ingenuidade! O pastor mais experiente, com alguma quilometragem, sente que a coisa não é tão simples e bonita quanto geralmente se pensa, file já sentiu na pele as dificuldades do trabalho pastoral, já passou pelo menos uma vez pela experiência de se sentir física e emocionalmente esgotado diante da frieza e da insensibilidade de muitos membros e até de igrejas inteiras. Ele sabe o que é estar à beira de um ataque de nervos ou sem o menor desejo de se levantar da cama no domingo pela manhã. E ele então lamenta consigo mesmo: estou sozinho no meio de um deserto desolador. Ninguém por perto para me dar alento. Sentindo-se como se falasse para o vento, ele vai empurrando seu ministério com a barriga, às vezes sem nenhuma perspectiva e sem esperança de grandes realizações. Quanta ingenuidade!

A ingenuidade é o que marca esse dualismo tão comum na vida dos pastores. O pastorado nem sempre será um estrondoso sucesso nem um fracasso medonho. É possível chegar a uma perspectiva mais equilibrada e objetiva da realidade do ministério pastoral. É, por isso, que Edições Vida Nova lança agora mais um volume da série *Pastorado Eficaz*. O objetivo da série é oferecer recursos e alento para os homens a quem Deus achou por bem chamar para o ministério. Desejamos apresen-

tar por meio desses volumes ideias e soluções para questões muito práticas e presentes a cada dia na vida de um pastor. Entre essas questões encontram-se os conflitos na igreja, o trabalho de aconselhamento, o ministério de ensino, a administração financeira, o papel e a identidade do pastor e, representando o coração do ministério pastoral, a pregação, assunto deste volume.

Três especialistas em pregação e comunicação apresentam suas impressões, ideias, sugestões e até soluções para problemas pertinentes à ciranda homilética da qual todo pastor se vê refém. Como, por exemplo, valer-se do poder de meras palavras, as únicas ferramentas que o pastor tem em mãos na hora de pregar? Como pode o pastor usar com inteligência a influência que seus membros recebem dos astros da pregação na televisão e no rádio? Será que é possível impor sua autoridade pastoral na hora de pregar? Essas questões perfazem o conteúdo da primeira parte deste volume, que trata das chamadas guerras culturais.

A segunda parte encara com coragem questões relacionadas à pressão interna sofrida pelo pastor no seu papel de pregador. Que fazer quando ele não é levado a sério? Como pregar para pessoas realmente convertidas? Seguindo o exemplo de Paulo, como o pastor pode ser todas as coisas para todas as pessoas, um verdadeiro homem de sete instrumentos? Como pregar sobre assuntos difíceis e delicados? E se o pastor estiver

passando por um período de dificuldades e de sofrimento pessoal? Como arranjar energia para pregar?

A última divisão do livro examina questões ligadas às pressões externas na vida do pregador. Como um pastor pode fazer que um auditório se transforme numa igreja? É possível ser relevante e ter algo de proveito para dizer à igreja? E que fazer no meio da correria da semana? Pregar durante décadas a fio é uma maratona desafiadora, que muitas vezes leva os pastores à completa exaustão. E que fazer com as pessoas desinteressadas na igreja? É possível pregar para elas de uma forma eficaz e que faça algum sentido?

Se você é pastor, este livro certamente terá alguma ajuda a lhe oferecer. A abrangência dos assuntos e a honestidade com que são tratados são a garantia de que você tem em mãos uma ferramenta útil, precisa e afiada. Pois é exatamente isso que a Palavra de Deus é: um instrumento mais cortante que qualquer espada de dois gumes!

Pr. Donald E. Price, org. São Paulo, fevereiro de 2002

Introdução

Até os grandes pregadores passam tempo pregando no deserto, falando para áridas paisagens de pessoas que parecem cactos. Tome-se como exemplo Martinho Lutero, sem dúvida um dos melhores pregadores que a cristandade já conheceu.

Lutero vinha pregando em sua igreja de Wittenberg havia anos, mas quanto mais pregava, mais desanimado ficava. As pessoas não entendiam. Elas ouviam de bom grado, mas em vez de serem motivadas ao discipulado, só se tornavam apáticas. Lutero observou que, apesar de sua pregação, "ninguém age de acordo com o que ouve; pelo contrário, as pessoas tornam-se tão ignorantes, frias e preguiçosas que é uma vergonha, e elas fazem muito menos que antes".

Por exemplo, quando Lutero e os reformadores começaram a ensinar que participar do culto já não era um ato meritório, que aquilo não lhes obtinha crédito aos olhos de Deus, o povo aplaudia. Sem dúvida, as pessoas consideravam um alívio ouvir que o culto era, em primeiro lugar, uma oportunidade respeitosa de agradecer a Deus e ouvir sua Palavra livremente. Mas a frequência ao culto diminuiu.

Em janeiro de 1530, Lutero estava tão farto, que anunciou à igreja que não pregaria mais — a rigor, ele entrou em greve. Lutero, é claro, não conseguiu ficar longe do púlpito muito tempo.

Mesmo assim, o desânimo o perseguiu a vida toda. Um ano antes de morrer, durante uma viagem, resolveu não voltar a Wittenberg, sua cidade natal, o centro da Reforma. Ele escreveu à sua esposa Catarina: "Meu coração esfriou, de modo que não quero mais ficar lá". Ele estava irritado porque as pessoas pareciam muito indiferentes à sua pregação. Alguns até zombavam dele quando discutiam em voz alta o que lhe tinha dado o direito de questionar tanto o que antes lhes era ensinado.

"Estou farto dessa cidade e não quero voltar", escreveu. Preferiria "mendigar o pão a torturar e irritar minha pobre velhice e meus últimos dias com a sujeira de Wittenberg". Dentro de um mês, porém, um dos moradores da cidade pediu que Lutero voltasse.

Embora o desânimo com a pregação venha sendo a sorte comum dos pregadores ao longo das eras, há algumas dinâmicas que fazem da pregação um desafio ímpar no momento em que entramos no século XXI. A televisão parece ter atraído toda a atenção das pessoas. O relativismo quebra as pernas da pregação feita com autoridade. Milhares de baais modernos competem pela lealdade do povo. E nossas igrejas, bem, elas continuam agindo como todas as demais pessoas: como pecadoras medíocres.

Isso é suficiente para fazer um pregador desejar entrar em greve. Ou mudar-se.

Ou aprender a fazer diferença, apesar dos desafios. Três pregadores que têm enfrentado os desafios com eficiência reuniram-se para compartilhar suas ideias neste volume da série *Pastorado Eficaz*. Quando meus colegas David Goetz, Brian Larson, Marshall Shelley e eu entrevistamos esses pregadores talentosos e depois editamos as transcrições formando os capítulos que aqui se encontram, ficamos impressionados com o caráter desses homens. Nenhum deles afirma ter vencido o desânimo; também nenhum deles diz ter elaborado algum método infalível para implantar o evangelho em pessoas que resistem a ele. Mas cada um é bem conhecido por sua capacidade de transmitir a mensagem cristã de maneira criativa e convincente — e isso numa época em que, pelo menos à primeira vista, não parece haver todo esse interesse.

Steve Brown

Steve Brown consegue lidar com desertos eventuais na pregação porque já experimentou o mais árido dos desertos: quando começou o ministério, não era convertido, pelo menos segundo ele mesmo conta. Acreditava num cristianismo diluído e intelectualizado, diz ele. Eu confiava pouco na autoridade das Escrituras e certamente não dava muito valor às doutrinas tradicionais da igreja, como a salvação pela cruz, a dupla natureza de Cristo e assim por diante.

Na época, trabalhava numa pequena igreja em Cape Cod, no estado norte-americano de Mas-sachusetts. Embora fosse pregador eficiente, diz ele: “Eu não via nenhum poder em minha vida nem em meu ministério”.

Steve conheceu alguns cristãos que tinham uma vida espiritual vibrante e ficou impressionado. Então começou a duvidar das suas próprias dúvidas. Mas se controlava. “Ainda não consegui me convencer de tudo isso. Mas o fervor desses cristãos mexe comigo. Só não consigo entender. Se entendesse, me entregaria”, disse a um amigo.

Pouco depois participou de um retiro em que as irmãs que administravam o lugar deixavam mensagens e orações sobre o travesseiro dos hóspedes. Quando chegou ao quarto e leu a mensagem sobre o seu travesseiro, ficou atônito: “Meu Pai, não te compreendo, mas confio em ti”.

Steve sabia que essa precisava ser a sua oração. Foi a grande virada em sua jornada espiritual; aos poucos, passou do deserto espiritual para um relacionamento vibrante e de crescimento com Cristo.

Esse é um dos motivos pelos quais sua pregação é tão bem recebida em todos os Estados Unidos, tanto por cristãos como por céticos. Eles sabem que Steve conhece as lutas, as dúvidas e os períodos de vazio pelos quais eles passam. Eles se identificam com seu jeito desinibido, impetuoso e contestador.

Steve é presidente da *Key Life Network Inc.* e apresenta estudos bíblicos num programa nacional de rádio, *Key Life.* É também professor de comunicação e de teologia prática no *Reformed Theological Seminary* em Orlando, na Flórida. Pastoreou a Igreja Presbiteriana de Key Biscayne, na Flórida. Seu livro mais recente é *If Jesus Has Come: Thoughtson the Incarnationfor Skeptics, Chris-tians, and Christian Skeptics* (Baker).

Haddon Robinson

Depois de certa experiência, alguns anos atrás, Haddon Robinson é um novo homem e um novo pregador. Na época, ele era presidente do *Denver Seminary,* em Denver, no estado norte-americano do Colorado e, por causa de seu cargo, envolveu-se em dois processos na justiça relacionados com a má conduta de duas pessoas ligadas à escola.

“Foi a experiência mais dura que já enfrentei”, diz ele. “Quando você tem pessoas bombardeando seus motivos oito ou nove horas num depoimento, isso pega todas as suas inseguranças e as amplia. Eu lia alguns dos salmos em que Davi diz: ‘sou reto’.

Bem, cheguei a um ponto em que não tinha certeza se eu era reto, em que questionava se tinha agido bem em relação àquelas pessoas. Tomei consciência de minha terrível vulnerabilidade, de minha incompetência para lidar com pressões com fidelidade vitoriosa. Por conseguinte, comecei a crer na graça como nunca".

Naquela época, como um dos pregadores mais respeitáveis de hoje, ele tinha muitos compromissos agendados. "Eu ia pregar, mas não sentia que estava ali. Eu ia para o púlpito e me sentia indigno: *Quem é você para falar a essas pessoas sobre viver pela fé, se sua fé não é nada vibrante no momento?* Às vezes eu pensava: nunca mais vou pregar".

Haddon saiu-se bem dessa experiência e por isso conhece as lutas que o pregador enfrenta quando sua vida é um deserto. E ele coloca sabedoria e humildade nas ideias que compartilha. Had-

don agora ocupa a cadeira Harold J. Ockenga de homilética no *Gordon-Conwell Theological Semi-nary* em South Hamilton, em Massachusetts, nos Estados Unidos. Ele é autor de *A Pregação Bíblica* (Edições Vida Nova) e editor de *Biblical Sermons: How Twelve rivachers Apply the Principies of Biblical Preaching* (Baker). Ele é também coautor de *Mastering Contemporary Preaching* (Multno-mah).

William Willimon

William Willimon teve cedo no ministério uma experiência que o fez cair na realidade: "Um dos atrativos dos ministérios paroquiais para mim era que eu gostava de que gostassem de mim. Adorava ser amado.

Tinha sido muita sorte nesse campo: fui presidente da minha classe muitos anos seguidos; não se consegue isso sem ser uma pessoa agradável.

"Depois fui trabalhar na minha primeira igreja — surpresa! Apesar de minha personalidade encantadora (!), duas famílias saíram da igreja, dizendo: 'Não gostamos dessa versão da Bíblia, não gostamos de pregadores com cabelo comprido e não gostamos de gente formada na *Emory Univer-sity*\ Na hora, pensei com sarcasmo: Bem, só um desses motivos já basta para sair da igreja!"

"Mas foi um grande choque ver que eu não conseguia fazer algumas pessoas da igreja gostarem de mim. Isso mexe com a gente."

Em particular, isso teve pelo menos dois efeitos sobre Will. Primeiro, fez dele um pregador ousado. Ele logo percebeu que não só é impossível agradar as pessoas, como

também que não é para isso que foi chamado. Concluiu que, a exemplo do Senhor, os pregadores têm de levar a espada do mesmo modo que levam a paz; precisamos desistir do desejo de ser agradáveis, se quisermos ser fiéis.

Mas Will não para por aí. Pois ele também tem aprendido a ser convincente como pregador. Embora não se aproveite das fraquezas dos outros, também não é arrogante. Ele deseja que as pessoas depositem toda a confiança em Cristo, e sua pregação é conhecida pela capacidade de desafiar as pessoas a fazer isso de maneira arrebatadora.

Will é deão da capela e professor de ministério cristão na *Duke University* em Durham, na Carolina do Norte, nos Estados Unidos. Ele foi pastor da Igreja Metodista Unida no estado da Geórgia e na Carolina do Norte. Entre seus muitos livros estão *Preaching to Strangers: Evangelism in Today's World* (Westminster / John Knox) e *Peculiar Speech: Preaching to the Baptized* (Eerd-mans).

As virtudes de um bom pregador

Martinho Lutero disse certa vez: "Todo bom pregador deve ter estas faculdades e virtudes: primeira, ensinar sistematicamente; segunda, ser arguto; terceira, ser eloquente; quarta, ter uma boa voz; quinta, ter boa memória; sexta, deve saber quando terminar; sétima, estar certo da sua própria doutrina; oitava, deve expor e empenhar corpo e alma, riqueza e honra na Palavra; nona, deve submeter-se a zombaria e ridiculização da parte de todas as outras pessoas".

Lutero possuía a maioria dessas virtudes, senão todas, mas principalmente a última — caso contrário, não poderia ter ficado tanto tempo no púlpito.

Embora poucos de nós soframos zombaria e sejamos expostos ao ridículo hoje em dia, conhecemos formas sutis e severas de desânimo e solidão. Neste volume, você encontrará observações animadoras para inspirar sua pregação, esteja seu ministério de pregação como um deserto árido, esteja ele como um jardim exuberante.

Mark Galli Editor adjunto Revista *Leadership*

Primeira Parte

AS GUERRAS CULTURAIS

Meras palavras transformam vidas — talvez seja esse o único meio de sermos transformados.

— William Willimon

Capítulo 1

O poder de meras palavras

Quando estava na faculdade em Emory, um colega criou um questionário para sua igreja, com o intuito de medir-lhe a atitude racial. Ele distribuiu a pesquisa e registrou os resultados. Depois, pregou uma série de cinco sermões que de algum modo tocavam na questão racial. Depois de sua série de sermões, colheu a reação deles — a igreja havia se tornado três pontos mais racista que antes!

Fiquei surpreso na época, mas não hoje. Depois daquilo, já me perguntei muitas vezes se minhas palavras eram impotentes, Levantar-me para pregar era como tentar apagar o incêndio numa floresta de quatrocentos hectares com uma mangueira de jardim, Como minhas palavras poderiam fazer diferença para a mãe que acaba de perder o filho recém-nascido por causa síndrome da morte súbita infantil, para a esposa que não consegue engravidar, para a mulher que apanha regularmente do marido, para o marido desempregado crônico e pai de cinco filhos?

Além disso, como uma pessoa sozinha, em pé, falando de um livro antigo pode causar um impacto nessa sociedade tão saturada de palavras e impulsionada por imagens? Parece uma coisa impossível.

Mesmo assim, de acordo com as Escrituras, estas são nossas principais armas: as palavras. Assim, ao longo dos anos, tenho dedicado grande dose de reflexão a esse paradoxo. Eis o que descobri.

Palavras insignificantes

O ofício do pastor não parece valorizado pela sociedade. Não ganhamos muito dinheiro. Não exercemos uma função específica que contribua diretamente para o produto interno bruto ou para os índices dos principais indicadores econômicos. A profissão dos clérigos fica geralmente próxima ao do coletor de lixo na lista das carreiras mais valorizadas pelos alunos no final do primeiro grau.

Não é à toa que às vezes duvidamos do poder da palavra pregada! Não somos paranoicos, portanto, quando começamos a desconfiar de nossa pregação. Mas há outros motivos para desconfiar.

Primeiro, sentimos que estamos lutando contra os apresentadores de televisão. Acreditamos que nosso povo espera que preguemos como âncoras de noticiários. Eles apresentam o noticiário das oito com naturalidade, como se estivessem em nossa sala; isso tem aumentado as expectativas. Poucos de nós, porém, conseguem apresentar a Palavra de Deus com a mesma elegância.

Em segundo lugar, nunca podemos contar com o Espírito Santo para mudar as pessoas como queremos. Tenho de conviver com o pensamento de que em alguns domingos o Espírito Santo possa dizer: "Por falar nisso, Will, estou trabalhando na Polônia esta semana" — esse é um dos motivos pelos quais mantenho um remédio para o estômago no banheiro da Capela de Duke.

Posso trabalhar arduamente elaborando minha mensagem, tornando coerentes as palavras e anunciar essas palavras escolhidas com esmero numa voz bem modulada. E tudo o que vejo é que elas caem em ouvidos surdos. Mas então, quando tenho pouco tempo de preparo e murmuro uma oração desesperada ao subir para o púlpito, alguém diz depois: "Uma das coisas que mais contribuiu para eu tomar a decisão de ser missionário foi o sermão que você pregou". Quando vou verificar que sermão era, invariavelmente me lembro de um domingo em que fiquei desapontado com meu desempenho.

Em terceiro lugar, ficamos sufocados pelas questões dominantes do momento; nossa mensagem, sinceramente, às vezes parece irrelevante.

No domingo depois da última eleição, preguei um sermão sobre os cristãos e a política. O le-cionário ditava o assunto: o debate entre os fariseus e Jesus sobre a moeda de César.

"Quero falar para vocês como votar nas próximas eleições", disse. "Ah, sim, vocês já votaram. Não é isso o que sempre acontece com a igreja? Sempre estamos chegando um pouco atrasados para a festa."

Passei a explicar que o texto da manhã não fora escrito especificamente para ajudar os cristãos a saber como devem se comportar em relação ao governo. "Lucas diz que os fariseus não se importam nem um pouco com a resposta de Jesus", disse eu. "Eles estavam tentando pegá-lo numa

armadilha. Jesus, conforme se vê, não se interessa tanto pela pergunta deles. Ele lhes pergunta: 'De quem é o retrato na moeda?' e então diz: 'Bem, então César deve querê-las'."

“Bom, pessoal, isso é uma piada”, continuei. “Esse texto devia ser engraçado. Jesus está dizendo: ‘Se César está desesperado para ter todo esse negócio, que tenha. Mas vocês devem cuidar de dar a Deus o que é de Deus. Não acho que Bill e Hillary Clinton sejam tão importantes assim. Não acho que os impostos sejam importantes. Penso que Jesus está atrás de peixes maiores.”

Não estou dizendo que os assuntos da rotina diária devam ser desprezados, mas é muito comum deixarmos a aparente urgência deles encobrir o evangelho que, afinal, é a mensagem realmente urgente que temos.

Em quarto lugar, nossas palavras parecem às vezes impotentes porque é raro vermos mudanças em nosso povo. Uma senhora idosa de minha última igreja me disse: “O senhor deve se dar por feliz de estar aqui. A maioria das igrejas não aguentaria sua pregação. Tenho amigos batistas que não aceitariam isso; o senhor seria despedido. Felizmente para o irmão, nós, os metodistas, aceitamos quase tudo”.

Ao que parece, ela ouvira a pregação da Palavra durante anos, mas nunca havia achado justo deixar que isso a transformasse. E ficou claro que minha pregação não estava tendo tanto impacto.

Assim, pregamos num ambiente difícil.

O medo do poder

Dou aulas na Duke Divinity School e, de tempos em tempos, meus alunos trazem para discussão casos que encontram no ministério em igrejas locais. Tenho observado alguns casos interessantes que se repetem. Um deles são leigos que afirmam ter tido uma visão — ouviram uma palavra de Deus ou uma orientação pessoal de Jesus enquanto estavam sentados no quintal, por exemplo — e o pastor não acredita neles. A reação típica dos pastores é: “Você anda trabalhando muito? O que você jantou ontem?”. Quase sempre, os pastores são os últimos a reconhecer a mão de Deus.

Também observei esse padrão em Atos 12. Pedro está preso, e a igreja local de Jerusalém ora pedindo libertação. Depois de ser miraculosamente liberto, Pedro vai à casa em que está acontecendo a reunião de oração pelo seu livramento. Mas os de dentro não acreditam em Rode, que insiste ser Pedro quem está à porta.

“Você está louca”, dizem. Pela incredulidade, ficam surpresos. Com certeza as orações não foram atendidas!

Sou tentado a reagir do mesmo modo quando penso no poder de minhas palavras.

Francamente, fico perturbado com a eficácia do evangelho e, às vezes, gostaria que minha pregação não

fosse tão poderosa. Primeiro, não quero ser responsável por pessoas que façam alguma "bobagem". Quando um mecânico de automóveis ouve no meu sermão um chamado para vender tudo e tornar-se missionário, fico preocupado.

"Espere um minuto. O que você está fazendo?", tenho vontade de dizer. "Não quero esse tipo de poder. Isso pode ser desastroso: você tem esposa, três filhos pequenos e as prestações da casa. Alguém pode se dar mal. Com certeza não quero atrapalhar ninguém."

Segundo, meu lado pastoral às vezes quer proteger meus ouvintes contra o aspecto contracul-tural do evangelho. De tempos em tempos, convidamos os legisladores do estado da Carolina do Norte para virem à Capela de Duke, e cerca de metade deles, inclusive o governador e vários da Suprema Corte, comparece.

Numa dessas ocasiões, preguei sobre arrependimento. Mencionei que o arrependimento era uma das coisas estranhas em que os cristãos acreditam e que nem todos em nosso mundo acreditam em arrependimento. Falei que dizer "sinto muito" ou "eu estava errado, peço desculpas" não é uma reação comum entre as nações. Contei a triste história do *airbus* iraniano que foi abatido acidentalmente por mísseis americanos. Relatei os sentimentos que tive quando assistia pela CNN à reportagem sobre a tragédia — os corpos inchados das vítimas boiando no oceano.

No momento em que disse aquilo, meus instintos pastorais se manifestaram: *isso vai ferir alguns sentimentos. Esse pessoal veio aqui para uma celebração agradável Fica aí você, atirando contra eles com ir, implicações do evangelho.*

No final, um legislador recém-eleito foi profundamente tocado pelo sermão e decidiu legislar de acordo com suas convicções cristãs. Mesmo assim, às vezes fico nervoso quando faço umas declarações duras que o Novo Testamento exige.

Crie mundos

Temos razão de ter medo das nossas palavras. Elas são poderosas. Todos os nossos mundos são criados linguisticamente, ou seja, nossos mundos são construídos por palavras.

Em Gênesis 1 não há mundo algum até que Deus comece a falar. Quando Deus fala, as coisas começam a acontecer. Suas palavras criam um mundo inteiramente novo.

Nós também. Há poucos anos, minha denominação publicou uma revista que tratava de ação social. Os editores entrevistaram líderes em nossa denominação que lutavam por justiça social. Uma das perguntas era sobre como eles se tomaram líderes naquela causa.

Fiquei impressionado porque muitos daqueles líderes mencionaram a pregação. Ouviram um sermão e, como consequência, sentiram-se motivados a se dedicar à ação social como a vocação da

vida deles. Um mundo inteiramente novo e uma nova vida se descortinaram diante deles como consequência de uma pregação.

Talvez fosse isso o que Paulo tinha em mente quando disse: "A fé é pelo ouvir" (Rm 10.17, ARC). A fé cristã é recebida pela audição.

Meras palavras transformam vidas — talvez seja esse o único meio de sermos transformados. A dinâmica teológica dessa transformação — a obra do Espírito Santo — é fácil de compreender, embora um tanto incômoda.

Lembro-me de muitos casos em que, depois de um sermão, alguém chega para mim e diz: "Obrigado. O sermão de hoje sobre salvação foi muito tocante".

Salvação?, penso. *O sermão da manhã não foi sobre salvação. Foi sobre amor ao próximo!* O Espírito Santo torceu minhas palavras e as aplicou de um jeito que eu não esperava.

O Espírito Santo é também tão imprevisível, que incomoda. No verão passado, dirigi um estudo bíblico num retiro em que minhas palavras tiveram um efeito tão mortífero, que o encontro correu o sério risco de matar as pessoas de tédio.

"Tenham paciência comigo, pessoal", eu pedia. "Só faltam mais alguns parágrafos". Meus ouvintes resignados choraram com essa declaração. *Quero sair daqui,* Senhor, pensei. *Prometo que não volto nunca mais.*

Eu estivera ali um ano antes, dirigindo um estudo semelhante. Daquela vez o lugar ficou eletrificado com o poder do Espírito. Alguma coisa estava acontecendo. E, quando terminei, o auditório ficou em silêncio. Então rompeu em aplausos. Todos sentiam o Espírito de Deus pairando sobre o estudo.

Atribuo os dois efeitos ao Espírito Santo. Os rumos do Espírito Santo podem me deixar perplexo, mas é isso que torna a pregação uma aventura tão maravilhosa. O Espírito

Santo faz com que a pregação deixe de ser ciência e se converta em uma bela forma de arte, uma arte que cria novos mundos.

Permita que a Palavra venha à tona

Então, a Palavra que pregamos é intrinsecamente poderosa; pela obra do Espírito Santo, ela cria novos mundos. Mas não se trata de oferecer às pessoas só palavras, palavras totalmente isoladas. Quando pregamos, há outras dinâmicas em ação, e quanto mais sensíveis formos a elas — quanto melhor o nosso uso dessas dinâmicas — tanto mais a força do sermão consegue fluir em sua plenitude.

Por exemplo, há o amor que temos por nosso povo. Certa vez visitei uma igreja de um dos alunos formados na Duke Divinity School e fiquei muito incomodado com o sermão dele. Seu discurso era praticamente emperrado. Ele tropeçava frase sim, frase não, repetia-se e gaguejou durante os vinte e cinco minutos do sermão.

Na hora do cafezinho depois do culto, uma mulher chegou até mim, dizendo:

— Irmão, gostamos muito da Duke Divinity School! Vocês fazem um trabalho e tanto com os pastores.

— Mesmo? — respondi, pensando que talvez ela estivesse brincando.

— Lógico! Devemos nosso pregador a vocês.

Era isso que eu estava pensando durante o sermão!, pensei.

— Ele incendiou nossa igreja — disse ela. — Não dá para ver?

— Ah, não...

— É a pregação dele!

— Pregação dele? — perguntei com os olhos arregalados, sem acreditar.

— Ah, é óbvio que ele tem muito para falar e acha difícil expressar essas coisas importantes por meio das palavras.

Uau! Pensei. *Belíssimo testemunho do relacionamento entre uma igreja e seu pregador. Ela o amava, e as palavras dele faziam muito sentido para ela.*

Trabalhei numa igreja em North Myrtle Beach antes de ir para Duke e raramente

recebia reações ruins de meus ouvintes, exceto dos visitantes. Nossa igreja ficava numa cidade turística, de modo que no verão os cultos ficavam cheios de visitantes. Certa vez preguei sobre divórcio, e no final do culto os visitantes fizeram fila para me atacar: "Você é muito insensível! Por acaso não há pessoas divorciadas em sua igreja?".

Mais tarde percebi por que os visitantes não me aceitavam: não tínhamos nenhum relacionamento. Para os membros frequentes, eu era a primeira pessoa à vista quando surgiam problemas. Quando iam à justiça, eu estava lá. Se ficavam doentes, eu estava lá para consolá-los e para levar conforto à família. Minha igreja havia-me dado autoridade para falar sobre questões difíceis, mas não os visitantes.

Em segundo lugar, Deus concedeu a cada um de nós uma personalidade que levamos para o púlpito. Um aluno que vinha do Meio-Oeste raramente se pronunciava em aula. Uma das exigências da classe era pregar sobre um trecho de Gênesis 1-10. Esse aluno quieto escolheu pregar sobre o dilúvio. Quando chegou sua vez de pregar, leu a história do jardim do Éden e depois a do dilúvio. Ele começou com uma história em câmara lenta sobre o trabalho num acampamento de verão onde encontrou um jovem que se tornou seu melhor amigo.

Depois começou a descrever as longas caminhadas deles pelos bosques, a beleza das árvores do estado de Wisconsin e como era agradável sentar-se na encosta das montanhas.

Tudo bem, pensei. *Ande logo. Aonde você quer chegar com isso?* O aluno prosseguiu: "Meu amigo me convidou para ir à casa dele e visitamos um sítio perto de onde ele morava. Meu amigo disse: 'Agora que somos amigos, quero mostrar-lhe uma coisa muito importante para mim'. Ele entrou no celeiro da família, repleto de cartazes neonazistas, submetralhadoras, literatura antissemita e outros tipos de propaganda odiosa".

Esse aluno então esmurrou o púlpito e começou a pregar com emoção sobre o que vira ali. Ele observou que na história de Noé alguns foram salvos, mas o mal continua, e tudo o que Deus diz é que ele não voltará a nos matar com água, embora o mereçamos perfeitamente. Ele terminou, dizendo: "Somos pessoas que precisam ser salvas". E sentou-se.

A classe ficou em silêncio. Parte da força do sermão vinha do emprego honesto que ele fizera da própria personalidade. Ele era quieto e frio na maior parte do tempo, mas quando algo o incomodava, ele deixava isso claro.

Por fim, também levamos nosso corpo ao púlpito. Quanto melhor nosso uso da

linguagem corporal, tanto mais eficiente a nossa mensagem.

Um professor de homilética em Duke costumava passar em M ias aulas um vídeo de sermões de vários pregadores de todo o país. Um dos pregadores de televisão dizia: "Quero falar para vocês sobre nossas necessidades financeiras", ia até a Bíblia, pegava-a e a abria numa passagem. Ele nunca lia diretamente a Bíblia. Aliás, o assunto que ele estava expondo não tinha ligação alguma com ela. Ele sabia usar símbolos para levar seus ouvintes a reagir de certa maneira.

Depois de ver o vídeo com a classe, o professor dizia: "Gostaria que vocês dessem a metade da atenção que esse pregador da mídia dá aos gestos, ao contato visual e ao tom de voz".

Ele não estava defendendo a manipulação. Mas nosso jeito pode se tornar num obstáculo para a Palavra ou, se usado com bom senso, pode ampliar o poder de nossa mensagem.

Detone a dinamite

Há pouco tempo bateu em minha porta um aluno de Duke, prestes a se formar.

— Dr. Willimon, — começou — um de seus sermões salvou minha vida. Eu estava pensando em me suicidar quando o ouvi num domingo. Só queria lhe agradecer antes de deixar a escola para sempre.

— Uau! Que bom! — respondi. — Quando foi isso?

— Acho que foi em janeiro, uma semana depois que as aulas recomeçaram. O sermão foi sobre o amor de Deus, que é mais elevado, mais profundo e mais amplo que tudo.

Minha mente girava; não conseguia me lembrar de ter pregado tal mensagem. Então percebi.

— Espere aí! Foi o Dr. Thomas Long que pregou aquele sermão, não eu.

— É mesmo, o sujeito loiro. Bem, vocês são bem parecidos.

— Bom, fico feliz por você não ter se matado e tenho certeza de que o Dr. Long também ficaria feliz por isso.

Fiquei um pouco incomodado por não ter pregado aquele sermão, mas, de novo,

impressionei-me com o poder que as palavras de um pregador têm para transformar vidas.

Gerhard von Rad, alemão estudioso do Antigo Testamento, disse certa vez que o melhor sermão que ele ouviu foi pregado durante a Segunda Guerra Mundial — alguns dos dias mais sombrios dos alemães. Com bombas explodindo por todos os lados e o medo abatendo o coração de todos os alemães, aquela pequena igreja havia-se reunido para ouvir um pregador jovem e inexperiente. Quando ele se levantou para pregar, ele abriu a Bíblia, procurando o texto com cuidado e atenção, como se — conta von Rad — desembrulhasse um pacote de dinamite.

Nossas palavras não são meras palavras. Com elas liberamos verdades poderosas e impetuo-samente imprevisíveis do evangelho, transformando vidas aqui e agora — e para sempre.

Nossos ouvintes nos conhecem, confiam em nós e veem em nós uma vida que em grande parte dá sustentação ao que pregamos. Isso dá mais resultado do que jamais dariam meros talentos homiléti-cos.

— Haddon Robinson

Capítulo 2

Concorrendo com os reis da comunicação

Seu sermão termina e você está satisfeito. Então aproxima-se alguém da igreja com um sorriso largo.

— Boa mensagem, pastor. Diga uma coisa: o irmão ouviu Charles Stanley na televisão hoje de manhã? Ele vem pregando sobre a graça há algumas semanas. Mensagens poderosas! Ele diz que...

O membro da igreja tem boas intenções, mas você não consegue evitar o sentimento de que o povo o compara — desfavoravelmente— com um pregador de muitos talentos, um rei da comunicação.

Quando estava no seminário, pregadores famosos falavam em nossa capela e em conferências locais: Harry Ironside, Vernon McGee, Roy Aldrich, Stephen Olford, Ray Stedman. Depois de ouvir esses pregadores, os outros ficavam inspirados. Mas eu saía do culto querendo desistir. Lembro-me certa vez de ter lido um sermão de Peter

Marshall e chorado literalmente de frustração, porque não conseguia produzir um sermão que chegasse aos pés dos dele. Ler um rei da comunicação fez-me querer abandonar por completo a pregação.

Muitos pastores podem-se identificar com esses sentimentos. Hoje, muitos mais "reis" dominam a paisagem homilética. Os pregadores da mídia são dos mais talentosos e eles desfrutam de vantagens complementares como pesquisadores, engenheiros de som e de imagem, além de estarem livres do desgaste do pastorado diário. Além disso, os pastores locais pregam na era da comunicação. Todos os dias da semana, nosso povo ouve a melhor comunicação que o dinheiro pode comprar, de locutores serenos nos noticiários a animadores espetaculares e a comediantes hilários — todos com textos redigidos por escritores profissionais. As agências de publicidade gastam milhões em anúncios que comunicam sedução e poder em trinta segundos de televisão ou em uma página de revista.

Como os reis da comunicação afetaram as expectativas das pessoas em relação à mensagem do pastor local? No basquete, as enterradas eram novidade, mas agora até os jogadores da defesa encestam por cima do aro. Será que os reis da comunicação elevaram o nível de talento que se exige de todo mundo? Será que o pastor local tem alguma vantagem em relação aos reis da comunicação?

Como os reis da comunicação são amigos ou adversários? Será que podemos aprender alguma coisa com eles?

Uma avaliação dissonante

Precisamos admitir: os reis da comunicação têm habilidade e talento. E são bons exatamente no campo em que dedicamos a nossa vida. É bem natural que o pastor se sinta intimidado.

Mas não podemos exagerar — e é exatamente isso que nós, pregadores, somos tentados a fazer em virtude de nossa personalidade. O coração do pastor é sensível. Tudo muito bom, tudo ótimo, mas o lado negativo da coisa é que o pastor costuma ser mais susceptível a falta de consideração e críticas. Se vinte e cinco membros disserem ao pastor "ótimo sermão" ao saírem da igreja, mas uma mulher disser meio na brincadeira "bem, sempre há uma próxima oportunidade", vamos passar o resto da tarde perguntando o que ela estava querendo dizer com aquilo.

Duas experiências próprias ilustram essa hipersensibilidade que nos pode fazer questionar e, às vezes, interpretar mal os efeitos de nossa pregação.

Alguns anos atrás, falei num congresso de obreiros jovens, mas senti que a mensagem não foi bem. Usei uma ilustração importante fora de hora e aquilo me deixou desequilibrado. Tive aquela sensação de me colocar de lado mentalmente, pensando: como meu sermão está ruim! ... mesmo enquanto pregava. Observei alguns jovens lendo revistas.

Quando terminei, senti que o sermão havia sido um fracasso, e tudo o que eu mais queria era sair correndo do local.

Alguns meses depois, estava conversando com um casal que estivera no congresso. Eles disseram: "Gostamos muito da sua mensagem". Entendendo que só estavam sendo gentis, não levei a sério os comentários.

Seis meses depois, enquanto preparava as malas para uma viagem, catei um punhado de fitas de sermões para ouvir no avião.

No dia seguinte, quando mexia nas fitas, percebi que pegara sem querer a fita do congresso de jovens — mensagem que eu não tinha nenhuma intenção de ouvir. Mas mudei de ideia e, um pouco ressabiado, coloquei a fita para ouvir.

Fiquei perplexo. Eu dissera o que queria dizer no sermão e senti que tinha falado bem. Agora, depois de vários meses, eu conseguia ouvir de maneira objetiva. As sensações que tive enquanto pregava aquele sermão não se conformavam à realidade.

É claro que isso é uma via de mão dupla. Em outra ocasião, falei numa igreja e achei que o sermão fora um tremendo sucesso. Depois do culto, enquanto esperava pelo pastor no fundo do templo, achei um bilhete escrito por alguém. Li um tanto decepcionado: "Quanto tempo esse sujeito vai pregar? Vamos ter uma fila imensa na cantina".

Obviamente, meu sermão não causara muito efeito para esse autor anônimo.

O que acontece é o seguinte: nossa hipersensibilidade à eficácia de nossa pregação às vezes compromete nossa avaliação imediata. E, em relação aos reis da comunicação, isso nos coloca logo na defensiva. Só o fato de reconhecermos o problema já diminui um pouco a pressão que sentimos. Mas não é só isso.

As vantagens do pastor local

Embora os que pregam para audiências nacionais por televisão, rádio, fitas e conferências tenham muito a seu favor, o pastor local também possui grandes vantagens.

Estamos trabalhando num terreno mais plano do que imaginamos.

Temos o beneficio, primeiro, de um relacionamento pessoal e afetivo com nossos ouvintes. Quando vamos para o púlpito, temos a credibilidade e a autoridade espiritual que só existem porque estivemos com as pessoas em seus momentos difíceis. Quando pregamos sobre o poder da oração, os membros nos conhecem como os pastores que intercederam com eles quando estavam desempregados. Quando pregamos sobre compaixão, eles nos conhecem como os pregadores que choraram com eles no velório.

Nossos ouvintes nos conhecem, confiam em nós e veem em nós uma vida que em grande parte dá sustentação ao que pregamos. Isso dá mais resultado do que jamais dariam meros talentos ho-miléticos.

O pastor local também goza da vantagem do tempero local. Os ouvintes logo percebem quando quem fala é alguém de fora.

Ouvi certa vez um pregador usar uma ilustração extraída do beisebol, dizendo: "Um batedor conseguiu uma rebatida de quatro bases". As pessoas falam de rebatidas de duas bases, de três bases, mas qualquer um que conheça beisebol diria que o batedor conseguiu um *home run.* O pregador, depois se soube, não era americano.

O que ocorre em âmbito nacional é ainda mais evidente no âmbito local. Há muitas "peculiaridades" locais que só um pastor local consegue avaliar e delas tirar vantagens.

♦ *Peculiaridades linguísticas.* Em alguns lugares as pessoas dizem *farol,* em outros, *semáforo* e em outros ainda, *sinaleira.* Em algumas regiões, *moleque* significa um *menino de pouca idade,* em outras, é termo ofensivo que significa *canalha* ou *indivíduo sem palavra.* Em Curitiba, *penal* é o estojo onde se guardam lápis, canetas, borracha. Algumas regiões falam mais devagar, cantado ou arrastado, em outras se comem sílabas. Em certas partes as pessoas dizem "não vou", "não quero", "não sei", enquanto em outras dizem "vou não", "quero não", "sei não".

O pregador adapta-se naturalmente a essas variações e com isso identifica-se com o povo de um modo que os pregadores nacionais de televisão não conseguem.

♦ *Peculiaridades sociais.* Na periferia, as pessoas costumam usar um vocabulário mais rude e em geral desprezam a linguagem literária. Elas desconfiam dos especialistas; antes, respeitam pessoas comuns e o bom senso delas.

Em bairros de classe média e de gente de formação universitária, as pessoas valorizam o nível de educação e usam discursos mais abstratos. Com frequência confiam em

especialistas e respeitam a erudição.

O pastor local pode dosar o sermão para refletir essas diferenças sociais. Além disso, o pregador local pode referir-se a piadas da cidade ou mencionar nomes de lugares e prédios importantes da região.

Por exemplo, na região da cidade de Chicago, "The El" é o nome abreviado de um dos sistemas ferroviários locais, e "Metra", o nome do outro. Com uma simples referência a um ou a outro numa ilustração, o pastor estabelecerá um cenário com que as pessoas do lugar podem se identificar.

♦ *Peculiaridades históricas*. O pastor local conhece os fatos importantes para os residentes: o grande incêndio, a grande enchente, o time campeão do ano. Um pastor local pode dizer: "Li no obi-tuário do jornal de ontem sobre o falecimento do Professor Silva. Vocês todos o conheciam. Ele lecionou história para a maioria dos nossos filhos. Ele era um esteio de nossa cidade, inspiração para os jovens. Ele nos faz pensar como as pessoas podem ser vibrantes e ativas e como a morte pode chegar rápido".

Uma ilustração local como essa atinge a congregação de maneira mais profunda que uma citação sobre a morte de Aristóteles.

Todas essas peculiaridades dão ao pastor local afinidade, confiança e a vantagem de ser de casa, alguém que conhece as pessoas.

Thomas Long, professor de homilética no Princeton Theological Seminary, disse certa vez que a grande pregação da atualidade é local, isto é, brota de eventos locais, da linguagem local e do povo local e faz referência a eles. Os reis da comunicação podem ter audiência nacional, mas os pregadores locais que conseguem falar dentro das peculiaridades únicas do seu povo podem causar um impacto mais profundo.

Parceiros e mentores

Portanto, temos vantagens. Ainda assim, os reis da comunicação influenciam nossas igrejas de maneira significativa, e não podemos fingir que isso não ocorre. Mas não precisamos reagir com insegurança e atitude defensiva. Há duas reações positivas que podem ajudá-lo a tirar vantagem do ministério deles.

♦ *Seja grato*. É natural sentir ciúmes dos grandes pregadores, embora raramente admitamos isso. Em geral isso assume a forma de uma crítica contra o ministério deles, sempre que o nome de algum deles é mencionado.

Os reis da comunicação atraem ciúmes como um piquenique atrai formigas. Numa cultura que preza o individualismo e a competição, os grandes comunicadores parecem ter mais "sucesso" no ministério. E se outra pessoa vence, entendemos que nós somos os perdedores.

Não é preciso que seja assim. Um amigo que pastoreia em Denver está aprendendo a vencer os ciúmes. Tempos atrás, alguns dos membros saíram de sua igreja e passaram a frequentar uma me-gaigreja dos arredores. Ele lutou vários dias contra ressentimento e rancor. Percebendo que sua única esperança era a oração, começou a orar pela megaigreja e pelo pastor dela. Ele orava regularmente: "Obrigado, Deus, porque eles estão alcançando pessoas que jamais poderíamos alcançar".

Sua atitude causou uma reviravolta. Dali em diante, quando ouvia falar do sucesso da megai-greja, conseguia alegrar-se porque suas orações estavam sendo atendidas. A oração o ajudou a perceber que sua igreja e a megaigreja jogavam no mesmo time, faziam parte de uma rede maior. Quando a igreja maior prosperava, o time prosperava.

Ele também tem aprendido a expressar essa atitude no púlpito. A oração pública por pregadores "rivais" ensina a congregação e reforça para o pastor a ideia de que os ministérios menores não estão concorrendo com os maiores.

Assim também, se um membro diz "aprendi muito mesmo com os sermões de Charles Stanley, o senhor precisa ouvi-lo", podemos responder: "Não é maravilhoso que Deus tenha dado esses dons a Charles Stanley e que ele esteja alcançando tantas pessoas?" Isso parece piegas, mas é uma ideia antiga, uma ideia bíblica, e descobri que funciona. Podemos nos alegrar com os que se alegram.

O alvo máximo dos integrantes do time é vencer. A nadadora que faz a segunda etapa no revezamento fica feliz por sua companheira de equipe ter feito a última etapa em tempo recorde. A rivalidade — e seus ciúmes — não estão em jogo. A medalha de ouro está, e por isso a gratidão é a reação natural dela.

♦ *Imite os pontos fortes — não os fracos.* Os Pelés do mundo da pregação nos inspiram a imitá-los. Falar é fácil, fazer é que são elas. Ironicamente, o que os pastores muitas vezes imitam são as idiossincrasias e as fraquezas dos reis da comunicação.

Os reis da comunicação têm sucesso apesar das fraquezas, não por causa delas. Mas as idiossincrasias deles são tão visíveis, que passam a ser reproduzidas pelos que os imitam.

Um pregador famoso tinha o hábito de fazer gestos atrasados. Ele dizia: "Era um

grande, enorme deserto" e, então, meio segundo mais tarde, abria os braços. Com ele, isso não causava distração alguma; seus pontos positivos minimizavam o problema. Dezenas de seus seguidores, porém, agora gesticulam atrasados, e isso parece uma imitação barata.

Outro célebre pregador balança a perna sempre que fica entusiasmado. Para ele, é um manei-rismo simpático. Mas os que foram treinados por ele fazem a mesma coisa, e parece que sofrem de alguma doença neurológica.

Alguns pregadores bem-sucedidos do passado inspiravam o ar de maneira sonora ou diziam "amém" praticamente em todas as frases. Muitos os imitam em detrimento próprio.

Para aprender com os pontos fortes dos grandes pregadores, precisamos ouvir um dos sermões deles três ou quatro vezes. É preciso ouvir esse tanto para chegar a um distanciamento emocional do sermão e analisar o que o pregador faz.

Primeiro, tente compreender em que o sermão é bom e depois pergunte por quê. Ele atinge suas emoções de maneira legítima? Ele atrai seu interesse na introdução? Termina com um grande senso de decisão e inspiração? Por que os pontos principais são tão memoráveis? O que confere autoridade ao sermão?

Além de analisar sermões, podemos tirar proveito do estudo contínuo da homilética, que nos fornece os conceitos de que precisamos para analisar o que fazem os comunicadores eficientes.

Por exemplo, meu estudo contínuo de livros e artigos sobre pregação tem-me ajudado a ver como envolver os ouvintes de hoje. Os ouvintes de hoje reagem melhor a sermões de abordagem indutiva em que sejam dados vários exemplos da vida e depois se extraiam deles os princípios. Os ouvintes ficam meio entediados quando começamos expondo princípios, mesmo que sejam ilustrados. Muitos ouvintes modernos preferem examinar um assunto e descobrir respostas junto com o pregador, em vez de simplesmente ouvir as conclusões.

Depois que tomei consciência desse padrão na comunicação moderna, pude observar como os comunicadores eficientes exploravam isso com sucesso.

Todo ano escolho um pregador notável diferente, alguns vivos, outros do passado — Peter Marshall, Charles Finney, Alexander McLaren — e o estudo um ano inteiro. Leio seus sermões e sua biografia. Se possível, ouço ou vejo fitas de seus sermões. Então, se me sinto bloqueado quando estou escrevendo um sermão, posso me perguntar: "Como

Spurgeon lidaria com isto? O que Clovis Chappell fairia para isto ganhar vida?”

Também estudo reis da comunicação seculares para descobrir suas abordagens. Estava observando John Bradshaw, psicólogo popular que fala de relacionamentos e da criança interior. Concluí que parte da popularidade dele brota do fato de falar de gente para gente. Pensei: *será que a aplicação simples da Bíblia às pessoas faz com que sintam que a pregação foi para elas? Será que se falarmos da vida delas a partir da Bíblia, usando as Escrituras como meio de explicar as experiências que têm e depois introduzirmos as soluções bíblicas, isso as ajudará a ouvir?* Trata-se de uma diferença sutil que pode ter um grande efeito na reação dos ouvintes seculares.

Uma característica dos grandes atletas é que eles podem fazer com que todos ã sua volta joguem melhor. Não são apenas estrelas; eles fazem com que jogadores medianos formem um time de estrelas.

Os reis da comunicação podem ter feito me sentir inseguro e às vezes incapaz, mas prego melhor hoje por causa deles. O exemplo deles tem-me inspirado, desafiado e ensinado. Talvez nem todos saibamos marcar um gol de calcanhar, mas eles melhoraram nosso jogo, ajudando cada um a obter o máximo do único “talento”, ou dos dois, ou dos dez “talentos” que Deus nos deu. Não estamos concorrendo com os reis da comunicação; estamos competindo ao lado deles.

Se um pastor aparentemente resoluto admite no púlpito que tem seus conflitos, isso se torna um momento poderoso na pregação.

— Steve Brown

Capítulo 3

Voz de autoridade ou companheiro de lutas?

Nossa igreja acabava de assinar um contrato de três milhões de dólares para um projeto de construção. Entrei em pânico quando as pessoas com quem contava para pagá-lo negaram-se a ajudar.

Então liguei para cada presbítero e diácono e os convenci a se dedicarem ao projeto. Recrutei alguém para colar um retrato grande de nossa igreja num papelão e cortá-lo em tijolos de dez mil dólares cada. Também convenci os presbíteros e diáconos a irem à frente aos domingos e anunciarem um apoio de 100% ao projeto.

Então, como ápice de todo o meu trabalho, preguei uma mensagem de venda agressiva da i-deia. Um sermão do tipo "chega de moleza".

Não funcionou. Levantamos o dinheiro, tudo bem, mas fui duramente criticado nesse período. Ofendi tanto um membro, que ele se afastou da igreja. E aquilo deixou a namorada dele muito brava, porque ela tinha resolvido ficar!

Quando olho para trás, percebo como o sermão foi manipulador. Eu praticamente disse que se as pessoas não contribuíssem, ficariam doentes! A igreja naquele momento não precisava de um profeta para espremer feridas, mas de um pastor bondoso que trouxesse ânimo. Agora em retrospectiva, percebo que devia ter-me identificado com o povo: "É um alvo muito difícil, e até eu tenho medo dos

sacrifícios exigidos para alcançá-lo. Mas se dependermos de Deus, ele pode nos dar a coragem para realizarmos isso juntos".

Também tenho errado na direção oposta, sendo passivo quando devia ter dado umas boas palmadas na congregação!

Esse é um dos problemas mais duros que os pastores de hoje enfrentam. Somos chamados para ser arautos da verdade, mas, se não trabalhamos direito, o caldo entorna. Hoje, as pessoas não gostam quando alguém dita o que devem fazer ou em que devem crer.

As pessoas precisam e querem ouvir como um pastor compartilha suas lutas e aflições. Entretanto, uma parte delas quer ouvir uma palavra de autoridade que lhes oriente a vida.

Diferentes pregadores trazem diferentes dons para o púlpito. Alguns são arautos, com uma palavra de autoridade. Outros são amigos: "Permitam-me contar o que Deus tem feito na minha vida". Naturalmente, devemos aproveitar ao máximo nossas qualidades.

Mas, quase todos os pregadores em quase todos os ambientes precisam fazer as duas coisas, se quiserem apresentar a Palavra de Deus de um modo que atinja profundamente as pessoas. Levei anos para aprender a fazer bem uma coisa e outra, e ainda estou aprendendo. Apresento abaixo alguns princípios que sempre tenho em mente.

Um fundamento firme

Quando um pastor frágil admite conflitos na fé, a igreja dificilmente toma conhecimento. É isso mesmo o que ela espera, dada a fraqueza com a qual vem liderando a igreja. Mas se um pastor aparentemente resoluto admite no púlpito que tem seus conflitos, isso se torna um momento poderoso na pregação.

Eis um motivo pelo qual creio que o pregador deve ser, antes de mais nada, um arauto da Palavra de Deus. A longo prazo, isso nos dá autoridade quando pregamos com autoridade e também quando pregamos como companheiros de luta.

Mas outra razão é mais crítica: os pregadores têm um compromisso com a verdade divina. Somos transmissores das Escrituras Sagradas, o que nos concede a autoridade de arautos de seus ensinos. Ao fazê-lo, não temos como contornar o fato de que estamos numa arena toda nossa, totalmente diferente da de nossos ouvintes.

Por conseguinte, não importa o estilo que escolhemos destacar, primeiro precisamos consolidar-nos como pastores fortes, cheios de autoridade. Anos atrás, um pastor amigo me deu uma ideia em relação ao pastorado:

"Steve, as pessoas olham para nós como representantes de Deus. Não gosto disso e nem é bíblico. Mas elas nos tratam do jeito que acham que podem tratar a Deus. Então, se você deixa as pessoas passarem por cima de você, elas pensam que podem fazer o mesmo com Deus."

Talvez tenha gostado daquilo porque venho agindo instintivamente desse jeito.

Quando cheguei em certa igreja, era jovem e ambicioso, e a igreja me pediu que desse atenção aos jovens, pois estava envelhecendo aos poucos. Então comecei a desenvolver relacionamentos com os adolescentes nas redondezas da igreja. A tabela de basquete no estacionamento da igreja provou ser um meio eficiente para me aproximar deles.

Eu estava ali havia apenas seis meses quando certa noite um dos membros da diretoria mencionou de maneira indiferente, quando estávamos sob a cesta de basquete, que a diretoria havia decidido retirar a cesta.

Tive uma explosão.

— Não, não vão! Se vocês tirarem a cesta, vão enviar uma mensagem clara para os adolescentes. Vocês me pediram que atraísse os jovens, mas os estão colocando para fora.

O irmão acenou se despedindo, deu meia volta e se afastou.

Fiquei pasmo.

— Jack, não vá embora!

Ele continuou andando, mas insisti. Subi atrás dele dois lances de escada e fui parar no meio de uma reunião de diretoria. Sentei-me, então.

— Não se preocupem — disse Jack para os outros diretores. — O pastor e eu só estamos tendo um desentendimento. Aliás, — acrescentou — convidei o pastor para nossa reunião.

(Os pastores eram normalmente deixados de fora das reuniões de diretoria.)

— Posso falar uma coisa, Jack? — perguntei. Fiz uma pausa e depois me voltei para a diretoria toda. — Primeiro, ele não me convidou para esta reunião. Sou o pastor desta igreja e não preciso de um convite para uma reunião de oficiais. Segundo, vou participar delas de agora em diante.

O ar ficou pesado, em silêncio, e passei a reclamar da decisão da diretoria. Mas ganhei o respeito deles. Não posso afirmar que tinha consciência do que estava fazendo, mas na realidade estava construindo uma base de força a partir da qual poderia atuar na hora da proclamação da mensagem domingo de manhã.

Ganhe autoridade

É vital estabelecer autoridade. Isso tem importância especial para pastores jovens ou pastores novos na igreja. Para obterem algum sucesso no púlpito, é preciso que logo estabeleçam autoridade e a mantenham regularmente. Mas como?

Um jeito, embora deva ser manuseado com cuidado como se estivéssemos mexendo com explosivos, é pegar um problema por ano — um problema grande o suficiente para causar sua demissão — e levar o conflito às últimas consequências.

Certa vez, mudei as responsabilidades de vários funcionários e líderes da igreja. Apresentei meus planos à diretoria, esperando que aprovasse oficialmente meus atos, como costumava ocorrer nesses assuntos.

Eu estava enganado. Primeiro, disseram que queriam pensar no assunto; depois foram-se mostrando cada vez mais negativos. A questão ganhou proporções, transformando-se num problema consumado de poder.

Resolvi que era uma questão de "demissão", então convoquei uma reunião extraordinária.

Abri a reunião com firmeza:

— Não vou assumir responsabilidades por aquilo que acontece nesta igreja se não tiver autoridade para tomar decisões quanto aos funcionários e líderes. Se eles começarem a pensar que não tenho autoridade para contratar, demitir e organizar os funcionários como acho que devo, não posso fazer o que vocês querem que eu faça. Vamos resolver agora mesmo o que fazer com isso!

Depois de um pouco de discussão, um deles (o que de início fizera objeções às minhas mudanças), disse:

— Steve, não nos importa como você organiza os funcionários. Mas se você não quiser nossa opinião, não pergunte o que pensamos.

Dali elaboramos um novo conjunto de acordos sobre nossas responsabilidades na igreja.

Odiei aquela reunião. A ideia de confrontar a diretoria me desgastou e pensei que perderia o controle da reunião. Tentei me convencer a desistir dela: *Não vou fazer nenhum cavalo de batalha com isso.* Mas então percebi como minha liderança ficaria prejudicada se não fizesse um cavalo de batalha com aquela questão. Isso exige muito de nós, mas às vezes é preciso.

Embora o incidente não tivesse nada com a pregação, reforçou minha credibilidade geral como líder e aumentou naturalmente minha autoridade no púlpito.

Outro meio de transmitir mais autoridade é tornar-se sensível aos símbolos de autoridade.

Quando entrei no ministério, eu parecia jovem. Eu sabia que teria problemas para pregar com autoridade, caso as pessoas olhassem para mim como para uma criança. Então deixei crescer a barba. Aquilo ajudou.

Alguns pastores vestem batina (quando a tradição permite); outros instalam púlpitos maiores. Em todo o caso, sábios são os que se valem desses símbolos com sabedoria.

Se uma qualidade nossa transmite autoridade, precisamos destacá-la. Minha voz é naturalmente grave, então eu cuidava de mantê-la nesse tom para compensar minha juventude.

Na verdade, essa voz, quando ouvida só pelo rádio, faz com que alguns pensem que eu seja maior do que sou na realidade. Recentemente, uma senhora chegou para Kathy, minha secretária na *Key Life Network,* após uma reunião em que preguei.

— Eu precisava vir esta noite. Queria ver como ele era. — Ela me ouvira por algum tempo pelo rádio.

— E ele é como a senhora pensava? — perguntou Kathy.

— Não — disse ela. — Esperava um homem como o do comercial da Marlboro. Fiquei muito decepcionada.

Por fim, de tempos em tempos você pode reafirmar sua autoridade simplesmente pegando as pessoas pelo colarinho e sacudindo: "Isso é importante. Ouça. Isso vem de Deus". Faço muito disso.

A qualidade principal

É claro que um monte de qualidades ronda minha mente enquanto faço essas sugestões. É possível abusar do poder, e discursos enfadonhos e tolos podem acabar fazendo com que você perca toda a credibilidade, até o emprego.

Mas a maior qualidade é a seguinte: você precisa conquistar o direito de confrontar e até de usar os símbolos de autoridade. E isso significa que é preciso uma dedicação sacrificial ao pastorado. Conheço um pastor que é a própria imagem de poder e autoridade. Nas reuniões de líderes ele fala de maneira direta com o pessoal, pedindo a todos que prestem contas de suas responsabilidades:

“Pedi que você entrasse em contato com seis visitantes esta semana. Você fez isso?”

“E pedi que você enviasse cartões a todos os formandos. Você mandou?”

“Agora esta semana quero que cada um de vocês...”

Ele é um líder que não aceita falhas. Mas certa vez descobri por que segue ileso. Ele me pediu que falasse em sua igreja num domingo. Um de seus membros me buscou no aeroporto e, no caminho, perguntei o que ele pensava do pastor.

— Não gosto dele.

— Mesmo?

— É. Não me entenda mal. Eu o seguiria até o inferno.

Fiquei curioso e perguntei por quê.

ele não saiu do lado dela du-

— Quando minha mãe estava à morte — disse-me o homem rante quarenta e oito horas.

O pastor tinha conquistado sua autoridade.

A hora de ser amigo

Não sou alguém naturalmente afetuoso, e isso tem me causado problemas em algumas situações pastorais.

Quando primeiro cheguei à Igreja Presbiteriana de Key Biscayne, fiz amizade com um homem que editava a revista Dolphin. Três meses antes de morrer, ele tomou a decisão de seguir a Cristo. Uma noite antes de morrer ele disse: “Steve, um monte de gente não sabe que encontrei a fé em Jesus Cristo. Então, quando você se levantar junto ao caixão, quero que conte aos que estiverem no enterro o que aconteceu comigo e como isso pode acontecer com eles”.

A igreja estava cheia no dia do enterro e preguei uma mensagem evangelística, cumprindo o que prometi a ele. Depois, todos estavam abraçando e consolando a viúva. Ela chegou para mim certa hora e me deu um abraço. Eu a abracei, mas devo ter recuado, porque ela perguntou:

— Você ficou bravo?

— De jeito nenhum, Ginny — respondi. — Gosto muito de você, mas ainda não estou muito acostumado com abraços.

Agora, anos depois, ninguém acreditaria nisso. Chego para qualquer pessoa como se fosse meu melhor amigo. Mas é algo que tive de aprender.

Embora eu seja um arauto experiente, sou também interessado em comunicação. Sou professor. Tenho interesse em ajudar as pessoas a compreender o que estou dizendo. Anseio tornar Jesus Cristo real para as pessoas.

E tenho aprendido que, para me comunicar com o mundo moderno, preciso ser tanto companheiro de lutas quanto arauto da Palavra de Deus. Ainda assim, preciso admitir que comecei a aprender isso à revelia.

Alguns anos atrás, comecei a ter uma dor terrível nas costas, tanto que, durante quase um ano, fui forçado a andar com uma bengala. Nem conseguia ficar em pé para pregar. Toda vez que me inclinava para algum lado, uma dor lancinante percorria meu corpo.

Mas eu ainda precisava pregar — era meu meio de vida. Então encontrei uma cadeira alta e, com um microfone e a Bíblia na mão, pregava sentado diante da igreja. Logo antes do sermão, alguém afastava o púlpito e o substituía por aquela cadeira giratória.

A mudança do púlpito para a cadeira, descobri, aumentou minha eficiência. O símbolo do grande púlpito servia apenas para acentuar minhas tendências naturais como arauto. Quando aquilo foi tirado, muitos em minha igreja disseram que eu me tornara menos maçante. Em vez de passar a ideia de "é assim que deve ser", meus sermões sofreram uma mudança sutil: "Vamos conversar juntos esta manhã?"

Portanto, assim como os símbolos podem transmitir autoridade, podem também transmitir sensação de amizade.

Além disso, se você quer passar a ideia de intimidade, poucas coisas são mais eficientes do que simplesmente dizer à igreja que você se importa com ela.

Tive um pastor amigo que me disse:

— Estou com problemas na minha igreja e não sei o que fazer.

Depois de conversar um pouco, concluí que, mesmo amando a igreja, Bill ainda não havia transmitido isso a ela. Ele dá a nítida impressão de que quer ficar sozinho; ele

tem o semblante naturalmente grave. Mas o semblante esconde seus verdadeiros sentimentos.

Então eu disse: — Bill, você precisa dizer do púlpito: "Pessoal, eu sei que pareço estar bravo com vocês o tempo todo e sei que vocês não sentem que eu gosto de vocês. Acho que vocês são a melhor coisa que existe depois de um pãozinho quente. Sinto que sou muito privilegiado por ser o pastor de vocês. Amo vocês". Se você dissesse isso uma única vez, nunca mais teria problemas.

Outra ajuda é o conselho dos amigos. Um de meus amigos pastores sempre foi um grande arauto, em parte porque parece um artista de cinema, em parte porque é naturalmente arrogante. Ele sabe que a arrogância é um problema. Então, tempos atrás, ele disse aos presbíteros: "Sei que sou arrogante, e luto com isso o tempo todo. Não gosto disso e quero que vocês me ajudem a resolver esse problema".

Ele nunca falou isso de púlpito— seria o mesmo que jogar a autoridade pela janela — mas fez uma coisa simpática. Aquilo não só convenceu sua diretoria de que ele era um companheiro de lutas, como deu a ele algumas reações periódicas sobre o que estava comunicando do púlpito.

Por fim, tenho de ter certeza de que me conheço. Sou pecador. E passo por aflições. E, quando sou afligido, quero ter certeza de que bebo do cálice até o fim, de modo que possa aprender o que Deus quer me ensinar. Acima de tudo, quero ter certeza de provar sua graça.

Assim, tudo o que digo do púlpito fica bem. Não passo por insensível em relação às circunstâncias da vida das pessoas. Também não pareço um pobre coitado que não entende nada da vitória divina. Posso transmitir a ideia de que a entendo, enquanto proclamo a verdade divina.

Erros a evitar

Quando nos expomos mais no púlpito, tornamo-nos vulneráveis a alguns erros homiléticos. Apresento três que tento evitar de maneira mais específica.

Primeiro, não quero perder o controle. Embora eu queira mostrar às pessoas que tenho emoções, não quero perder o controle.

Walter era minha figura paterna cuja sabedoria bondosa e amor me conduziram em meio ao lamaçal de ódio e divisão com que deparei numa igreja.

A igreja era uma zona de guerra — filhos contra pais, maridos contra esposas — antes e depois de minha chegada. Até haviam trocado socos no salão, fato registrado em vários jornais da cidade de Boston. A questão que causou maior conflito foi o lugar da mesa da ceia no novo templo. Aliás, quando me candidatei, a comissão de seleção me perguntou:

— Onde o irmão colocaria a mesa da ceia?

Sem saber da importância do problema, respondi ingenuamente:

— Vocês podem pendurá-la no teto, que eu não me importo.

Minha resposta esperta conseguiu-me o emprego. Fui contratado e depois atirado numa briga feia dentro da igreja.

Walter e eu orávamos quase todos os dias antes de ele contrair câncer. Na noite em que morreu, fui visitá-lo no hospital. Ele me pediu que ficasse mais um pouco, mas eu tinha outro compromisso. Os médicos me disseram que ele estava bem, de modo que saí, prometendo que o veria pela manhã.

Mas jamais o veria vivo outra vez; Walter dormiu para sempre naquela noite. Fiquei arrasado. Acabava de perder o único pilar no que parecia uma casa de cartas.

Três dias mais tarde, eu conduzia o funeral dele. E, durante o culto, desmoronei. Comecei a chorar, e o órgão começou a tocar baixinho. Então me sentei até recobrar a compostura. Levantei-me de novo só para desmoronar logo em seguida. A morte de Walter gerou dentro de mim um turbilhão de emoções.

Quando finalmente o culto terminou, várias pessoas comentaram: “Ficou evidente que você o amava” e “suas lágrimas mostraram como seus sentimentos são profundos”. Eles se identificavam com minha perda; eu tinha pranteado junto com eles.

Mas falhei como pastor. Eu devia à família um culto que glorificasse a Deus e a consolasse em seu luto. Certamente cabe dizer às pessoas como você está se sentindo, e até cabe uma ou outra lágrima. Mas preciso lembrar que sou o pastor chamado para fazer mais do que simplesmente compartilhar meus sentimentos.

Em segundo lugar, não quero falar demais. Quando descobrimos uma crise em nossa vida, somos tentados a repetir isso sempre que podemos ajudar os ouvintes a ver que entendemos de crises.

Uma crise recente para minha esposa e eu nos chegou do oceano: o furacão Andrew. Nós nos vimos apertados num cubículo quando os ventos atingiram o sul de Miami. Achamos que a morte era iminente. No fim, perdemos nossa casa e muitos bens, mas não perdemos um ao outro.

A história era boa demais para ficar guardada. Então eu contei, várias e várias vezes, sempre que havia oportunidade. Três meses depois, eu estava falando numa reunião de líderes na cidade de Colorado Springs quando, de repente, percebi que nos últimos três meses havia narrado nossa história em todos os lugares em que havia pregado. O que basta, basta, concluí.

Em terceiro lugar, não quero ser específico em relação a certos pecados. Embora queiramos passar a ideia de que somos pecadores, nem sempre é adequado entrar em detalhes. Caso contrário, minamos a confiança do povo.

Alguns pecados, como a raiva, tenho liberdade de descrever com detalhes — exatamente como contei as histórias neste capítulo. Outros pecados, porém, só os menciono por cima. Quando prego sobre cobiça, por exemplo, posso dizer: "Quanto a esse pecado, orei, dizendo: 'Perdoa os meus pecados'" ou "quanto a esse pecado, tive problemas com ele, mas se vocês acham que vou entrar em detalhes, estão redondamente enganados!". Assim, com uma declaração posso fazer com que as pessoas saibam que sou humano, sem ser inconveniente.

O arauto amigo

Muitos anos atrás, falei num retiro da Mocidade para Cristo. Fiz tudo o que podia, menos ficar em pé com facilidade, para falar àqueles adolescentes, mas toda a primeira fila de meninos dormiu em todos os cultos daquele fim de semana. Então, mais tarde, quando me pediram que falasse numa grande convenção de adolescentes, em princípio recusei: gato escaldado tem medo de água fria. Eu não estava entusiasmado com a ideia de repetir a cena, mas, por fim, relutante, aceitei o convite.

Naquela noite, depois que o conjunto musical terminou a apresentação, levantei-me para falar a um auditório repleto de adolescentes. Alguém deixou um banquinho no palco, então me sentei, ajustei meus óculos de leitura e abri minha grande Bíblia preta no texto da noite.

De repente a sala ficou em silêncio. Os estudantes ouviram quase sem respirar, atendo-se a cada palavra. Não era pequena a minha surpresa, para dizer o mínimo, considerando a reação de meu último auditório adolescente.

Quando penso na dinâmica daquela noite, parte do efeito, creio, deveu-se a meus cabelos grisalhos, à minha voz grave e à minha figura sentada diante deles. Tudo aquilo combinou-se para causar um efeito do tipo guru sobre o auditório. Tornei-me um arauto amigo, alguém que se identificou com eles, mas lhes transmitiu a palavra do Senhor.

Conclamo os pregadores a não violentarem a sua própria personalidade. Somos mais eficientes naquilo que faz cada um de nós singular: nossos dons e talentos. Alguns tendem mais naturalmente para a proclamação, outros estão mais inclinados a ser testemunhas afetivas e carismáticas da verdade divina. Mas estou convicto de que todos nós, quando pregamos da melhor forma possível, podemos empregar um e outro para obter o melhor resultado.

Segunda Parte

AS PRESSÕES INTERNAS

Se as pessoas não levam o pastor a sério, é pouco provável que levem a sério a mensagem.

— Steve Brown

Capítulo 4

Quando você não é levado a sério

Um de meus amigos pastores e sua esposa foram à reunião de vigésimo aniversário da turma de colegial da esposa. Mais tarde, ela contou a ele que, quando estava pondo a conversa em dia com uma velha amiga, mencionou que se havia casado com um pastor.

Logo que pronunciou aquelas palavras, um sinal de lamento cruzou o rosto da amiga:

— Sinto muito — disse ela, reduzindo a voz a um sussurro. — É uma pena, porque sexo é muuuuito bom.

Ideias desse tipo me deixam furioso. O povo costuma ver os pastores como pessoas simpáticas que dizem coisas simpáticas para pessoas simpáticas. Certamente não temos nenhuma noção do mundo real! Nós nos tornamos irrelevantes na opinião de muitos.

E qualquer que seja a forma que isso assuma, entendo como um ataque pessoal. Nada me irrita mais do que ser desconsiderado ou estereotipado. Prefiro pregar para um

auditório bravo comigo a pregar para um auditório que pense que tudo o que faço é carregar um guarda-chuva preto e participar de chás femininos.

Tenho que lidar com esse fato de nossa cultura, inclusive de boa parte de nossas igrejas: muitas vezes nós, os pastores, não somos levados a sério. Isso é um problema, não pelo que sou, mas pelo que represento. Se as pessoas não me levam a sério, eu que sou um pastor, é pouco provável que levem a sério minha mensagem.

Portanto, tenho feito mais do que aprender a lidar com esse fato; tenho também aprendido a lutar contra ele.

Razões para o desrespeito

Devemos começar observando alguns motivos pelos quais não somos levados a sério. Algumas razões, é claro, possuem profundas raízes sociais ou espirituais. Quanto a elas, não há nada que possamos fazer.

Por exemplo, estou convencido de que muitos nos desconsideram por causa de uma luta sobrenatural na sua própria vida.

Depois que escrevi meu primeiro livro, fui entrevistado por uma emissora de rádio na cidade de Boston. Faltando cinco minutos para terminar a entrevista, percebi que falara a meu respeito o tempo todo. Então passei de imediato a falar de Cristo e tentei comunicar a essência do evangelho durante os momentos restantes.

Depois daquilo, vários dos câmeras e o diretor de gravação me rodearam e começaram a lançar perguntas sobre a fé cristã. Respondi às perguntas deles até que todos se foram, menos o diretor. De repente lembrei-me de que tinha um compromisso.

— Espere, vou lhe dar meu cartão. Vou escrever o nome de uns livros aqui no verso. Telefone depois que ler os livros. Aí a gente se senta e conversa de novo.

— Obrigado, reverendo — disse ele.

Enquanto eu saía do estúdio, empurrando as portas de vaivém, o diretor me chamou:

— Ei, reverendo! — dei meia volta. — Acho que não vou ler esses livros — disse ele.

— Por que não? Você está cheio de perguntas — retruquei.

— É, você tem razão. Mas não quero ler livros. Porque se eu os ler, posso achar que o senhor está certo. E se o senhor estiver certo, vou ter de mudar. Mas eu não quero mudar.

Raramente as pessoas são tão honestas quanto esse diretor ou mesmo autoconscientes o bastante para saber por que desconsideram nossa pregação. Mas pelo menos ele respeitava o mensageiro. Muitas pessoas desconsideram a nós, os pregadores, porque se nos levarem a sério terão de levar a sério a nossa mensagem.

Não temos como controlar se estão dispostos ou não.

Mas há muitos assuntos sobre os quais tenho algum controle, e o motivo pelo qual não obtenho respeito é porque não ajo como se o merecesse. Apresento dois.

(1) Nós nos levamos a sério demais. Um pastor amigo na Califórnia conta a história da época que jogava golfe com alguns homens, um dos quais pastor. No nono buraco, esse pastor lançou a bola no mato e exclamou:

— Diabos!

Meu amigo não resiste a uma oportunidade de alfinetar e então disse sarcasticamente:

— Pastor Greg, não acredito que um pastor esteja falando uma coisa dessas!

O pastor surpreendeu-se e balbuciou:

— Desculpe-me. Não costumo fazer isso.

— Tudo bem, só estava brincando — respondeu meu amigo. Mas era tarde demais. O pastor ficou incomodado o resto da tarde.

Às vezes ficamos tão preocupados em ser modelos de comportamento cristão, que nos tornamos duros e artificiais, especialmente quando falhamos. As pessoas não nos respeitarão se nos levarmos a sério demais.

(2) Não somos suficientemente sérios com nosso chamado. Nós, pastores, muitas vezes tomamos o rumo da pouca resistência. Fazemos isso em nome da sensibilidade pastoral, mas acabamos perpetuando o mito de que somos covardes, pesos-penas melancólicos quando o assunto é a direção da igreja.

Uma igreja que conheço estava tendo problemas para conservar os pastores no cargo. Parece que antes, em sua história, o pastor principal ocupara o cargo por muito tempo,

mas, quando se aposentou, manteve as rédeas em suas mãos para atender aos interesses da igreja. Desde sua "aposentadoria", nomeara pessoalmente muitos presbíteros e conseguira demitir três sucessores.

Um dos presbíteros percebeu o costume que se havia instalado e, com o apoio de um contingente da igreja, veio falar comigo para eu ser o pastor. Depois que ele descreveu o modelo de interferência do pastor aposentado, disse:

— Mas pensamos que finalmente conseguimos maioria na diretoria e acho que podemos enfrentá-lo.

— Vocês não estão procurando um pastor — repliquei. — Estão procurando um sargento instrutor, alguém medíocre.

— Não diria isso — murmurou.

— É exatamente o que estão procurando. Alguém que seja forte o suficiente para enfrentar esse homem.

— Bem, pode ser. E achamos que o irmão seria um dos únicos dois pastores que conhecemos e conseguiriam fazer isso.

Esse é um comentário bem triste: quando aquele homem pensava nos pastores, não via muita gente forte.

Estabeleça o tom certo

Eu dificilmente seria um sargento instrutor, é claro. Não poderia permanecer como pastor em Key Biscayne tanto tempo se isso fosse verdade. As pessoas querem e merecem um pastor que se importe com elas, e eu acredito que elas conseguiram um desses em mim.

Mas as pessoas também precisam de um líder e merecem ter um. E isso significa às vezes que você precisa jogar duro, tenha ou não personalidade para isso.

Só podemos esperar que as pessoas nos levem a sério como pregadores, portanto, se antes elas nos levarem a sério como pastores. Apresento três maneiras de garantir isso.

♦ *Levante-se por Cristo.* Paulo escreve que não se importa de ser considerado louco pela causa de Cristo, se isso for necessário para que viva e pregue como cristão. Sinto muito dizer que não sou tão corajoso quanto Paulo. Mas tenho a convicção de que

quanto mais nos dispusermos a tomar posições públicas firmes, e às vezes humildes, por Cristo, tanto mais nosso povo respeitará o que dizemos no púlpito.

Depois de me formar na Universidade de Boston, pastoreei uma igreja naquela região. Minha jornada espiritual estava me conduzindo aos poucos para longe do agnosticismo intelectual do velho liberalismo para uma fé mais ortodoxa, centrada em Cristo. Um dos homens que foi meu tutor durante aqueles dias era um pastor mais velho com distrofia muscular, um homem pequeno, pouco articulado, que andava de muletas. Ele pastoreava uma igreja irmã próxima à minha, conhecia profundamente a Deus e me ensinou a orar.

O presbitério local, de que fazíamos parte, planejava iniciar um ministério no centro velho da cidade. Ele e eu estávamos no auditório quando o presbitério discutiu os motivos para levar adiante o projeto. Num ponto da reunião, meu tutor levantou-se e se esgueirou para a frente do grupo.

— Esse ministério no centro velho é uma boa ideia, porque é preciso que as pessoas sejam

salvas.

O presbitério caiu na risada, gargalhando com algo que a maioria de nossos colegas considerou uma declaração presunçosa e ignorante. Fui um dos que não riu, mas também não me levantei em favor do meu amigo. Naquela noite, ajoelhei-me e orei: "Senhor, se algum dia rirem de um irmão de novo, vão ter de rir de dois". Tenho mantido a promessa desde então.

Mencionei essa história em um de meus sermões gravados, e certa vez recebi uma carta de um homem que estava convicto da sua própria falta de coragem. Ele escreveu que estava num trem em Nova Iorque, quando um passageiro levantou-se e começou a perguntar às pessoas à sua volta, com voz alta e irritante, se eram ou não salvas. Depois passou a distribuir folhetos.

"Comecei a me encolher no meu assento," escreveu, "envergonhado desse estranho importuno que estava empurrando o evangelho para cima dos outros passageiros. Mas depois me lembrei da história que o irmão contou sobre levantar-se pela verdade. Então me levantei, coloquei o braço em torno dele e disse aos outros do vagão: 'Quero que todos saibam que ele é meu irmão e concordo com tudo o que ele está dizendo' "

Essas posições corajosas não precisam ser necessariamente tomadas diante de sua igreja. Não se preocupe. Vai circular a notícia de que você se levantou em favor daquilo em que você acredita. E isso significa que outra informação também vai

circular: que você é um pastor de muita credibilidade.

♦ *Diga às pessoas que você é humano.* Alguns de nossos membros não têm ideia do que ocorre na vida de um pastor. Isso significa que às vezes precisamos simplesmente contestar os estereótipos deles.

Um de meus colegas estava aconselhando uma mulher que acabava de admitir ter tido um caso. Ela tentava explicar por que resolveu dormir com um homem casado, quando por fim deixou escapar:

— Você não entende. Você é pastor.

O comentário dela o perturbou tanto, que ele quase pulou sobre a escrivaninha.

— Não vou deixar você fugir assim da responsabilidade.

Enfrento as mesmas tentações que você. Você não pode escapar tão facilmente.

Talvez ele tenha sido um tanto abrupto, mas a mulher entendeu.

Um velho pastor amigo me disse certa vez: "Não diga às pessoas que você é pastor, mas, se descobrirem, que não fiquem surpresos". Concordo com isso em parte. Mas não me importo quando as pessoas se surpreendem, especialmente quando eu pareço tão... normal! Quero que meu rebanho me considere um especialista em sobrevivência urbana, alguém que entende o mundo em que eles vivem e trabalham.

Quando alguém diz:

— Reverendo, algum dia vou te levar para mostrar o mundo real — costumo responder:

— Vejo mais do mundo real numa semana do que você vai ver em toda a vida.

Recuso-me a deixar as pessoas viverem com suas ideias distorcidas.

♦ *Não seja sempre simpático.* Eu havia sido convidado para falar num retiro fora da cidade de Atlanta. Durante uma das reuniões, ilustrei um pensamento falando sobre como cresci com um pai alcoólatra. Mais tarde, uma das participantes bateu-me nas costas, interrompendo-me numa conversa, e disse:

— Steve, seu pai não amava você.

— Como? — perguntei, voltando-me para ela.

— Seu pai não amava você — repetiu. — Meu marido ama nossos filhos porque não bebe e passa tempo com eles.

Senti como se tivesse levado uma bofetada. Fiquei vermelho de raiva e deixei escapar:

— Minha senhora, eu não trocaria meu pai bêbado por dez de anos de maridos sóbrios!

Na maioria das vezes eu terminaria a conversa com educação e ficaria ruminando o comentário dela durante dias. Eu podia ter tido mais tato. Mas tato não é tudo, mesmo no pastorado, especialmente se quisermos que as pessoas nos respeitem.

♦ *Saiba quando dizer basta.* Em uma igreja em que trabalhei, um homem dera cinco mil dólares para a campanha de construção. Ele talvez tivesse entendido que seu donativo lhe dava o direito de atormentar a comissão de construção e a mim, pois era dominador e negativo, e reclamava sem parar.

Um domingo de manhã, enquanto os presbíteros e eu estávamos reunidos para orar antes do culto, ele entrou no gabinete e começou sua ladainha de reclamações sobre o projeto de construção.

"Espere um pouco," disse eu. "Você já usou seus cinco mil. Isso é tudo o que você consegue com cinco mil. Se quiser que eu ouça sua reclamação, precisa dar mais dinheiro. Mas isso é tudo o que você vai conseguir por enquanto."

Ele ficou furioso, naturalmente. E logo saiu da igreja.

Como pastores, é mais comum precisarmos praticar a paciência e a longanimidade com nosso rebanho. Mas há momentos no ministério de cada pastor em que não se deve mais ser paciente, em que a paciência seria um desserviço para a igreja e para o evangelho. É preciso sabedoria e experiência para saber quando você pode sair com um comportamento impetuoso desse tipo. Mas não é preciso muito tempo para as pessoas perceberem que você é alguém com quem precisam ajustar as contas.

Procure a perspectiva mais ampla

Em algumas situações, as pessoas simplesmente não dão valor ao pastor. Em outras situações, elas simplesmente não nos respeitam. Se for esse o caso, trata-se de um problema amplo que precisa de uma estratégia igualmente ampla.

Uma igreja que conheço era famosa por causa dos pastores que desistiam dela. Eles chamaram um dos meus amigos para o pastorado, e quase morri quando ele me contou. Contei o que sabia da igreja: que uma maioria renitente mantinha as rédeas curtas, e sempre que um pastor tentava desafiá-la, ela sabia como tornar sua vida difícil. Eu disse: "Ouça: você precisa ser forte quando pastorear essa igreja".

Cerca de um ano mais tarde ele me telefonou dizendo: "Você precisa me ajudar a encontrar outra igreja. Não aguento mais".

Concordei em começar a procurar, mas não havia igreja para uma mudança imediata. Enquanto isso, meu amigo decidiu adotar outra postura. Ele começou a formar um eleitorado na igreja para conseguir o controle da comissão de nomeações. Aos poucos, colocou mais presbíteros de sua confiança na diretoria. Quando conversamos uma vez sobre isso, eu lhe disse: "Se você um dia conseguir votos da maioria, é melhor fugir com ela — e não leve prisioneiros!"

Ouvi a gravação do sermão dele quando isso aconteceu. Ele dizia: "Hoje eu havia preparado outro sermão, mas em minhas horas devocionais, estava lendo uma passagem sobre Moisés confrontando seus anciãos. Penso que preciso lhes dizer algumas coisas. Agora, não sei se sou Moisés e esses outros que vou mencionar são os presbíteros, ou se eles são Moisés e eu, os presbíteros, mas não posso mais viver com isso. Precisamos pôr tudo a limpo". E passou a dar os nomes das pessoas que considerava serem as causadoras do problema.

Em poucas semanas, convocou-se uma reunião administrativa da igreja para pedir sua exoneração. Mas ele ganhou nos votos e acabou permanecendo mais sete ou oito anos. Quando partiu, deixou uma igreja saudável, uma igreja que demonstrava um respeito saudável por seu pastor.

Alguns dizem: "Não fique bravo, mantenha a calma". Não acho que isso seja cristão, mas aos pastores eu diria: "Se as pessoas não respeitam você, não fique bravo, junte munição". Conquiste o direito de ser duro com eles, cumprindo seus deveres pastorais: visite o hospital; dirija funerais; realize batismos e casamentos. E, enquanto isso, aos poucos, construa uma base que lhe permita pregar como você precisa.

Credibilidade intelectual

Muitas pessoas acham que os pastores são pesos-penas intelectualmente falando. Elas não percebem quanto estudo é necessário para pregar semana após semana, e não têm ideia de todo o rigor acadêmico a que nos submetemos no seminário. Tenho feito

algumas coisas para combater esse tipo de ideia desvirtuada.

A primeira é, acima de tudo, um esforço evangelístico, mas tem a vantagem complementar de mostrar às pessoas que devo ser levado a sério no campo intelectual.

Em certa igreja, organizei o que chamei de "Fórum dos Céticos". Imprimimos convites e incentivamos todos os membros a convidar os amigos ateus e agnósticos. Prometi ser o único cristão presente para não intimidar os visitantes.

Na primeira noite de segunda-feira, deixei os visitantes estabelecerem a pauta. Eles me disseram o que queriam conversar, as perguntas que tinham. Anotei tudo num bloco e então usei aquelas informações para planejar as semanas seguintes. Toda reunião eu gastava alguns minutos para falar da visão cristã do sofrimento, do Diabo ou da fé em Deus. E depois tínhamos uma sessão de mesa redonda por umas duas horas.

Muitos deles acabaram se convertendo, e os que não se converteram pararam de rir da fé cristã ou de seu mensageiro.

Também ensino os alunos a usar, de tempos em tempos, palavras que poucos da congregação conhecem, a citar escritores que poucos já leram, a fazer referências a coisas incomuns — com um único propósito: fazê-los ver que, na realidade, você estuda um bocado para preparar sermões semana após semana.

Naturalmente, pode-se exagerar nisso e é o que costuma acontecer com ministros jovens, em detrimento da clareza de seus sermões. Mas quando bem dosados, atingem o alvo sem atrapalhar a mensagem. Falando sem rodeios: eles vão pensar que você é inteligente e, com isso, vão ouvir melhor o que você tem a dizer.

Pregue para ganhar respeito

Há uma história de um embaixador, homem pequeno, franzino, que falava baixo sempre que estava com pessoas importantes.

Um dia, alguém lhe perguntou por que sempre diminuía a voz.

"Quando um homem grande grita, as pessoas o levam a sério", disse ele. "Mas quando um sujeito pequeno grita, ele só parece bobo. Por isso falo baixo."

Há muitas maneiras eficientes de usar o púlpito para aumentar nossa credibilidade. Esse embaixador compreendia uma coisa importante: não podemos violar nossa personalidade; devemos usar bem nossos dons naturais. Apresento algumas outras.

♦ *Empregue linguagem crua.* Usar profanidades no púlpito me transformaria num homenzi-nho que grita. Xingamentos só violam a integridade do pregador e ainda o distanciam dos ouvintes. Mas às vezes uso um vocabulário que indica uma expressão mais forte.

Por exemplo, "saliva", como em "não vou ficar gastando saliva", também tenho feito declarações como "isto aqui tem mais cômodos que um bordel chinês".

Apesar disso, mesmo ofendendo às vezes, procuro expressões fortes que eu possa dizer com naturalidade e que comunique às pessoas que vivo no mesmo mundo em que elas vivem.

♦ *Nada de eufemismos.* Sendo diretos com as pessoas, também podemos aumentar o efeito de nossas palavras. Em sermões sobre o uso do dinheiro, por exemplo, posso começar dizendo: "Vocês sabem de todos os missionários que sustentamos. Vejam todo esse nosso pessoal que ministra entra dia, sai dia. Vocês são os primeiros a perceber a importância do ministério deles. Vocês sabem que o pessoal da nossa igreja alcança os sem-teto e as crianças com AIDS. Tudo isso sai caro".

Então, faço uma pausa e digo: "Agora permitam-me ser honesto um minuto. Se vocês não sustentarem esse ministério, eu também não vou receber. Portanto, esse assunto é de extrema importância existencial para mim!".

Embora alguns não gostem de minha revelação direta, sei que muita gente está pensando no assunto quando faço um apelo em favor do "ministério da igreja". Eles sabem muito bem que se não alcançarmos as metas, isso afeta meu salário. Então eu o menciono de púlpito.

♦ *Seja do contra.* Fazer declarações de oposição é a terceira técnica para mexer com as pessoas e fazê-las levar o evangelho a sério. Sempre digo aos meus alunos no seminário em que leciono: "Se vocês acham que não devem dizer, provavelmente devem". Posso estar fazendo um apelo evan-gelístico para meus ouvintes e dizer: "Eu não estou nem aí com os milhões de pessoas que estão indo para o inferno". Naquele momento, veja bem, eu não estou nem aí. Mas eu continuaria, afirmando: "Agora, estou preocupado com vocês, porque eu os conheço e quero que digam sim para Cristo". (Faria algumas ressalvas para alguns auditórios, é claro.)

Quando incentivo outros pastores a falar desse jeito, muitas vezes eles dizem: "Steve, se dissesse isso, minha igreja me crucificaria!".

Minha resposta de costume é esta: "Não, você não vai ser crucificado. O povo de Deus

é maravilhoso — pelo menos 90% dele. Se a gente sempre joga olhando para os 10% que ficam bravos conosco (e vão ficar bravos até na eternidade), nunca vamos nos comunicar com eficiência com os outros 90%".

Um dos melhores elogios que recebi foi este: "Steve, você realmente obriga as pessoas a ouvir. Elas não conseguem não ouvir". Esse é o meu alvo quando assumo esses riscos: conquistar ouvintes para o evangelho de Cristo.

Resneito sério

Um ano desses foi particularmente difícil para mim. Eu estava fazendo a limpeza depois da passagem do furacão Andrew e minha mãe havia acabado de morrer. Além disso, minha esposa An-na havia descoberto um nódulo no seio. Pensei: *Senhor, não! Não acho que vou aguentar mais essa. Não sou Jó; não consigo encarar um câncer nela.*

Naquela época, ainda estávamos no estado da Carolina do Norte, empacotando o que restara das coisas de minha mãe. Anna ligou na hora para uma amiga cujo marido é médico e perguntou se poderia ser examinada de imediato.

Um ou dois dias depois, o médico a examinou e garantiu que estava tudo bem.

"Vou retirar o nódulo", disse, "e depois vou mandar para a análise patológica. Mas tenho certeza de que é benigno".

Então, ali mesmo no consultório, aplicou-lhe uma anestesia e retirou cirurgicamente o nódulo. Logo em seguida, o médico fechou o consultório e fomos almoçar com ele e a esposa.

Ainda me lembro do amor que senti por aquele médico naquela tarde. Passei a respeitá-lo profundamente por sua sabedoria e capacidade, por empregar seu dom com bondade para comigo e minha esposa numa situação difícil, assustadora.

É assim que desejo que meus ouvintes atendam ao meu chamado. Pois, se o fizerem, começarão a levar a sério a mensagem que transmito, a mensagem que pode fazer toda a diferença nas situações difíceis e assustadoras pelas quais eles passam.

Gasta-se muita energia homilética para reduzir o evangelho a uma frase de para-choques ou para agir como se ele fosse de fácil compreensão.

— William Willimon

Capítulo 5

Supondo que eles sejam convertidos

Em janeiro de 1991, quando os Estados Unidos sofriam as convulsões da crise do Golfo com o Iraque, cheguei para o culto de domingo numa igreja grande. Durante o culto, o pastor pregou um sermão para as crianças.

— Crianças — disse o pregador depois que a garotada se amontoou na frente do santuário. — Que dia é hoje?

Silêncio. Por fim, um bagunceiro todo arrumadinho soltou:

— Domingo, 6 de janeiro.

— Muuuuito bem! — respondeu o pregador. — Mas hoje é mais que isso. No calendário da igreja, hoje é Epifania. Vocês conseguem falar a palavra *epifania?*

Um coro barulhento de "epifania" ecoou por todo o santuário numa desarmonia de trinta vozes.

— A palavra significa "manifestação" ou "revelação" — continuou o pregador. — E mesmo que vocês talvez nunca tenham ouvido falar da Epifania, aposto que todos já ouviram uma história de epifania bem conhecida, a história dos magos. Quantos conhecem essa história?

De novo, começou uma agitação que indicava que as crianças conheciam a história.

— A estrela revelou aos magos, ou sábios, que Jesus era o Messias que tanto esperavam. Mateus começa seu evangelho dizendo que esses sábios foram os primeiros que chegaram para ver o menino Jesus. A pergunta de hoje, relacionada à Epifania, é a seguinte: de onde vieram os magos?

— Do Oriente? — falou uma criança.

— Muuuuito bem! — respondeu o pregador. — Vieram do Oriente. Mas de que parte do Oriente? Sim, da Pérsia. Pérsia é o jeito bíblico de falar do Oriente. A Pérsia ficava no lado leste da Terra Santa. E agora, onde fica a Pérsia neste mapa, crianças?

— Humm... Irã?

— Isso, Irã. Mas o Irã não é a Pérsia toda — continuou o pastor persistente.

— Iraque?

— Muuuuito bem! Iraque. E Bagdá era uma espécie de capital da Pérsia. Então, hoje, Epifania, é o dia que a igreja se reúne e diz: "Obrigado, Deus, por enviar três iraquianos que viram o menino Jesus antes de nós, que cremos na Bíblia". Agora vocês podem voltar para os seus lugares junto de seus pais.

Enquanto as crianças voltavam aos seus bancos, a congregação se agitava, "procurando os cintos de segurança". Uma história simples para crianças havia atingido toda a congregação com a amplitude internacional do evangelho, projetando toda a experiência americana deles num quadro maior em que Deus é o Senhor de tudo.

Na tentativa de sermos relevantes, é muito comum nós, os pregadores, fazermos exatamente o oposto desse pregador presunçoso: começamos com o mundo do ouvinte, em lugar das verdades peculiares das Escrituras — o que chamo de pregação indutiva ou baseada na experiência. Começamos nossa preparação de domingo dizendo basicamente: "Em que meus ouvintes estão interessados?" Entendemos que nossa tarefa é simplesmente despertar em nossos ouvintes aqueles impulsos humanos básicos com que entramos em cena.

Um amigo, estudioso da Bíblia, mencionou que é comum demais ouvir sermões que não são dirigidos a ninguém em particular, muito menos aos membros convertidos. Seu comentário me instigou a pensar no que significa pregar aos membros convertidos e cheguei a pelo menos três conclusões.

Problemas de tradução

Pregar aos convertidos significa, primeiro, que precisamos levar a sério esse texto, as Escrituras, antes de ir a outros textos. Não tenho a liberdade de passar o evangelho pelos crivos da psicolo-

gia ou da política. Não tenho a liberdade de traduzir o evangelho para, digamos, a filosofia corrente no momento.

Quantos começam um sermão matinal de domingo dizendo aos ouvintes algo como: "Você já ficou deprimido? Bem, a Bíblia trata da nossa depressão, e se vocês abrirem o texto desta manhã, vamos descobrir o que a Palavra de Deus tem a dizer sobre o nosso problema".

Na semana seguinte a esse sermão, estaremos, provavelmente, vasculhando o cérebro para encontrar uma necessidade da igreja e depois percorreremos a Bíblia para descobrir alguma coisa que nos auxilie a falar sobre aquele aspecto da experiência humana.

Este é o problema de boa parte da pregação moderna: ela começa com uma experiência humana básica, ou seja, nossa cultura saturada por terapias, e depois tenta retroceder para a Bíblia.

Voltei ao ministério pastoral depois de lecionar vários anos, e percebi essa tendência. Fiquei surpreso, por exemplo, com o tempo que os pastores gastam com pessoas deprimidas. Parece que há uma epidemia de depressão. Não muito depois de voltar à vida pastoral, recebi um telefonema de uma mulher deprimida. "Pastor, o irmão pode vir aqui agora de manhã? Não estou me sentindo bem hoje. Estou meio desanimada e triste. O senhor está ocupado?".

Falei a ela que passaria por lá à tarde e oraria com ela, na esperança de que aquilo a encorajasse. Então voltei para o comentário de Jeremias que estava lendo e que acabou me ajudando muito. A passagem em discussão tratava do apelo de Jeremias a Israel, para que este chorasse os próprios pecados. Apenas chorando, dizia o comentarista, Israel poderia começar a deixar a condição mundana e obter de Deus uma nova visão daquilo que poderia ser o mundo deles como nação. A visão só viria após as lágrimas.

Na hora que fui à casa da mulher, eu tinha outro tipo de cuidado pastoral para oferecer a ela. Em vez de tratar da depressão com respostas terapêuticas, eu disse:

— Desculpe, venho tratando você como se estivesse doente ou algo parecido. Sei que você está deprimida, mas tudo bem. Um monte de gente acha que esta cidade é um ótimo lugar para viver. Mas você é inteligente, criativa e percebe intuitivamente que há uma doença aqui — as pessoas são muito materialistas e muito preocupadas consigo mesmas. É por isso que você fica deprimida. Você fica esperando na sua casa de trezentos mil dólares...

— Trezentos e cinquenta — ela interrompeu.

— Na sua casa de trezentos e cinquenta mil, esperando seu marido voltar na sexta-feira para aproveitarem o resto do dia. Conheço seu marido: ele não é capaz disso! Nenhum ser humano seria capaz de tanto. A boa notícia é que você sabe que precisa mais do que isso e por isso lamenta. É um bom começo. Podemos cuidar disso. Não poderíamos cuidar disso enquanto você estava feliz.

Quem me ensinou a dar o nome de "depressão" ao que está acontecendo com ela? Não encontramos essa palavra na Bíblia. Não consigo fazer nenhuma ligação entre o "por que estás abatida, ó minha alma?" dos salmos e o que chamamos depressão psicológica. Creio que ela não estava sofrendo depressão, mas uma forma de desespero espiritual.

Sou chamado para ensinar uma nova linguagem, um modo diferente de denominar a dor e tudo o que depende do nome que damos a essa dor. Devíamos dar a essa dor o nome que a Bíblia dá.

George Lindbeck da Universidade de Yale diz que os americanos têm sido condicionados a pensar que a religião é um traço inato, congênito e que as diferentes religiões, como o budismo e o cristianismo, são diferentes modos de expressar esse fenômeno inato comum a todos os homens. Mas a maneira pela qual cada religião fala de sua divindade e de suas doutrinas, diz Lindbeck, é muito diferente, tanto que logo se descobre que os cristãos e os budistas, por exemplo, falam de dois deuses bem diferentes. A maneira pela qual descrevem o compromisso que têm indica um relacionamento muito diferente e, assim, duas divindades distintas.

Do mesmo modo, a teologia da Bíblia e a de nossa cultura terapeuticamente saturada não podem ser transferidas com facilidade. Perde-se muito nessa tradução. A primeira pergunta do pregador, então, não é: "Quais os interesses dos meus ouvintes?", mas: "Que diz o evangelho?"

Fale a língua certa

Um dos melhores elogios que recebi foi depois de um sermão de Páscoa em que disse: "A Páscoa não tem nada com passarinhos voltando na primavera, árvores floridas, borboletas saindo do casulo ou com qualquer bobagem pagã. A Páscoa é um corpo que, de algum modo, se libertou. Os relatos dos evangelhos se empenham para descrever o que ocorreu, mas não se engane: eles estão tentando descrever algo que não é terreno, a morte em ação reversa.

"Portanto, não posso falar do 'renascimento eterno da esperança' ou de 'Jesus vivo em nosso coração'. Estamos falando de um judeu morto, crucificado, que voltou para nos atormentar. E nos assusta como o inferno!"

Um aluno chegou para mim e disse: "Obrigado por me ajudar a expressar o que não creio". Ao explicar o significado real da ressurreição para os cristãos, eu havia confirmado sua incredulidade. Pelo menos, ele levou minha pregação e o evangelho a

sério.

Essa é a segunda característica da pregação para os convertidos — dar prioridade às definições bíblicas.

Em Atos 17, Paulo fala ao povo de Atenas, fazendo o evangelho colidir com suas ideias. Paulo chama os atenienses de religiosos, mas o que eles não sabem é que na verdade aquilo não era um

elogio. Depois ele brinca com o fato de jamais terem visto um ídolo a quem não pudessem cultuar. Em pouco tempo está falando acerca do Deus que eles não conhecem e mencionando a ressurreição, pelo que consegue a reação típica dos gentios: zombaria e interesse filosófico bem-educado.

Vejo aqui um convite e um alerta para os pregadores que desejam contextualizar o evangelho. O convite é para começar onde as pessoas estão, mas o alerta é para reconhecer nossa capacidade limitada de adaptar o evangelho. Em última instância, o evangelho trata de algo sem precedentes — a ressurreição — e só podemos testemunhar a seu favor. As alegações de veracidade do cristianismo não são de fácil validação externa. São uma questão de fé.

Dando prioridade às definições bíblicas em nossas mensagens, estamos comunicando que estar na igreja significa entrar numa nova epistemologia. *Epistemologia* é simplesmente uma palavra elegante para designar as perguntas: "Como sabemos o que sabemos? Como obtemos nossas informações acerca do mundo?" Os convertidos obtêm sua epistemologia na Bíblia. O discurso cristão — batismo, redenção, pecado — não é o discurso psicológico — depressão, dependência, vício. Aliás, a Bíblia afirma que não conseguimos ouvir plenamente o que o pregador diz, a menos que tenhamos nascido de novo.

Para compreender plenamente o discurso cristão, é preciso uma transformação radical, uma desintoxicação, uma conversão que provoque um novo nascimento — não importa como você queira falar dela. Alguém que está a bordo com Jesus é alguém que recebeu poder, foi lavado, limpo, morto e enterrado, ressuscitado, adotado — todas as figuras são batismais.

Não se aprende francês lendo romances franceses traduzidos para o português. Você precisa pegar o francês; precisa aprender os verbos. Não há como fugir da dureza de aprender as flexões e conjugações. Os convertidos, portanto, precisam ser iniciados na linguagem da conversão que experimentaram. Esse é o trabalho do pregador cristão.

Um ataque

Ser batizado significa colocar-se sob a Palavra, estar disposto a ser transformado. Se me filio ao Rotary Club, ganho um crachá, um cartão de membro e um aperto de mão. Mas se me filio à igreja, o pastor me joga na água, quase me afoga, me levanta e depois me chama de "irmão". Supõe-se que o batismo, coisa estranhíssima, cria um novo povo que vê o mundo de um modo bem diferente de antes.

Em terceiro lugar, pregar para os batizados significa permitir que as Escrituras transformem as pessoas. A Bíblia não quer falar para o mundo moderno; a Bíblia quer criar um mundo que não existiria se a Bíblia não falasse.

Nós, os pastores, gastamos muita energia homilética para reduzir o evangelho a uma frase de para-choques ou para agir como se ele fosse de fácil compreensão. Em vez disso, precisamos lembrar às pessoas que ele é realmente muito difícil. De fato, somos chamados para atacar, com o evangelho, as normas prevalecentes. E pelo ouvir do evangelho começa a tomar forma a nova comunidade de Deus.

Às vezes digo: "Tudo bem, pessoal, só esta manhã, vamos todos confiar nesta Palavra de Deus mais do que confiamos em nossos sentimentos ou em nossa experiência. O evangelho não está tentando explorar sua experiência, mas engendrar uma nova. Ele está tentando levá-lo para um lugar em que você nunca esteve. Vamos ver aonde ele nos leva".

Em certo sentido, a manhã de domingo é um jogo com uma regra importante: este livro antigo, desconcertante, agressivo e maravilhosamente desafiador — a Bíblia— conhece mais a verdade que nós. Depois de pregar um sermão, já tive pessoas dizendo: "É a coisa mais estranha que já ouvi. Nunca tinha ouvido algo parecido antes".

A reação pastoral e homilética devia ser: "Ei, não reclamem para mim. Não sou eu quem quis se converter. Essas histórias não são minhas. O original não é meu. Mas é para os convertidos.

"Para mim vocês parecem americanos típicos, mas já que são convertidos, é evidente que Jesus tem uma grande dose de fé em sua capacidade de ouvir esse tipo de coisa."

Se alguém reclamar: "Bem, agora, como devo administrar uma loja de computadores? Com base em quê?", devemos dizer: "Não sei. Esse não é o meu problema. Minha prioridade batismal, concedida a mim pela ordenação, é explicar o evangelho para você. Sua prioridade batismal é viver essas verdades no mundo como sacerdote de Jesus".

Certo domingo de manhã, durante a crise do Golfo, meu colega orou pelos soldados iraquianos e suas famílias. Uma mulher reclamou da oração.

— A oração? — perguntei, incrédulo.

— É. Só acho que para nós é muito importante apoiarmos o presidente.

— Vamos esclarecer isso — respondi. — Somos cristãos. Jesus nos ordenou que orássemos pelos nossos inimigos. Sei que não é fácil, e é por isso que trabalhamos nisso por uma hora e tanto nas manhãs de domingo. Esperamos que um dia sejamos especialistas nisso. Mas isso é inegociável; é assim que se ordena que os cristãos orem.

Nosso povo chega para ser batizado com todos os seus estudos avançados e sofisticação. Mas é preciso despir-se de tudo isso. Martinho Lutero disse que nunca se é velho demais ou inteligente demais para morrer. Todos os dias somos convocados a morrer, tomar nossa cruz e seguir Jesus. Os cristãos, diz Lutero, são os que pulam da cama todas as manhãs dizendo: "Bom dia, Jesus. Continue a colocar-me diante da morte".

Nossa pregação deve capacitar nossos ouvintes a morrer, continuando a obra batismal realizada no batismo deles, para que novas criaturas possam continuar a ser ressuscitadas, semana após semana.

O evangelho imperial

Uma boa pergunta a fazer ao final de qualquer sermão é: "Eles matariam Jesus por isso?" Nem todos os meus sermões suportam essa pergunta; a morte de Jesus pareceria incompreensível se dependesse de umas coisas insípidas que já preguei. As pessoas ficariam mais inclinadas a fazê-lo presidente de uma universidade ou preletor de uma conferência de fim de semana. Se não me cuido, posso reduzir o cristianismo ao esforço para ser uma boa pessoa, alguém entusiasmado pela sociedade.

As pessoas tiveram um bom motivo para crucificar Jesus. Elas reconheceram nele uma ameaça ao mundo constituído, e ele continua sendo uma ameaça. Amo a Jesus por ser ultrajante. Quero que de minha pregação diga: "De quem vocês acham que estávamos falando aqui? Do Papai Noel? Ei, é de *Deus* que estamos falando, de um Deus real, não de alguma projeção do ego de vocês".

Um aluno da Duke me dizia que estava perdendo a fé.

— Qual é a fé que você está perdendo? — perguntei.

— Não creio mais no nascimento virginal.

— E daí? Você é um universitário sexualmente ativo — retruquei. — Você não acredita em virgindade, e ponto final! Você tem dezenove anos; há um monte de coisas que você ainda não sabe. Por que não espera um pouco para ver em que vai dar a sua doutrina?

Então ele fez uma boa pergunta:

— Por que a gente precisa engolir esse tipo de coisa para ser cristão?

— Bom — respondi. — Quando conseguirmos que você acredite nessas coisinhas, então vai estar pronto para as exigências pesadas do cristianismo: como viver essa fé, dar a outra face, deixar de lado seu diploma universitário e todo o poder que ele vai lhe dar. Começamos com o nascimento virginal porque é simples. Depois vamos trabalhar com você as coisas pesadas, como fazer de Jesus o Senhor da sua vida.

Deixar de lado as reivindicações intrometidas e imperialistas do evangelho não é opção, se pretendemos pregar aos convertidos. Não temos a liberdade de trocar a loucura do evangelho pela sabedoria deste mundo. Como pregadores cristãos pregando ao povo cristão, nossa obrigação é pregar a verdade cristã.

Um sermão repleto de generalidades não atinge ninguém.

— Haddon Robinson

Capítulo 6 Tudo para todos

Quando a Grace Chapei, em Lexington, estado de Massachusetts, ficou sem pastor por mais de um ano, preguei lá muitas vezes. A igreja é muito heterogênea, frequentada por professores de Harvard e gente que parou de estudar no colegial, médicos e advogados, bem como faxineiras, ativistas políticos e os que nem leem jornal, pessoas que têm carteiras de investimentos de milhões de dólares e trabalhadores que vivem com salário mínimo. Além disso, os membros são de muitas raças e cores.

Eu me colocava na frente daquela diversidade todas as vezes assombrado com a responsabilidade de alcançar a todos eles. Quando preparava meus sermões, me afligia pensando em como meu sermão poderia atingir toda aquela gente.

Como pregadores, nossa tarefa pode ser expressa de maneira simples: tornar-nos tudo para todos. Concretizar isso é uma tarefa dificílima.

Exigências serias

Quando não conseguimos falar para todos os frequentadores em nossas igrejas, muitas vezes é porque agimos como o médico que só possui duas respostas; desde que o paciente faça as duas perguntas certas, o médico pode ajudar. Ou parecemos o médico que só sabe curar um braço quebrado: se o paciente reclama de dor de barriga, o médico quebra-lhe o braço para poder curá-lo.

A tarefa de alcançar um público amplo acarreta-nos exigências sérias.

♦ *Sacrifique o que vem naturalmente.* Quando Paulo disse: "Fiz-me tudo para com todos, com o fim de, por todos os modos, salvar alguns" (1Co 9.22), não estava falando só de evangeliza-ção. Também estava falando de ajudar os convertidos a crescer. "Com os fracos", com os crentes que tinham consciência fraca, ele se tornava fraco; Paulo restringia a sua própria liberdade por causa deles.

Falar para um público amplo exige de nós um sacrifício. Renunciamos à nossa liberdade de usar certos tipos de brincadeira, de chamar grupos minoritários por nomes que nos parecem razoáveis, de ilustrar só com livros e filmes pelos quais temos interesse, de falar só para pessoas com nosso nível de cultura ou de compromisso cristão. Às vezes sentimos que esse sacrifício é inibidor.

Um pastor que faça objeções sérias contra o movimento feminista, por exemplo, pode deixar sem reação líderes ou ativistas do movimento. Ao fazê-lo, porém, ele se arrisca desnecessariamente a alienar muitas mulheres da igreja.

Mas o sacrifício daquilo que nos acorre naturalmente é o que nos dá uma plataforma para falar. Assim como um judeu legalista não consideraria Paulo digno de crédito, caso este ignorasse a lei, assim também muitas mulheres, por exemplo, não considerariam um pregador tão digno de crédito, caso ele não se mostrasse sensível às suas questões.

Por que ter todo esse trabalho? Primeiro, porque é correto e, depois, porque é sábio. Porque as pessoas que estamos mais propensos a ofender são as que estão à margem, são as que estão pensando com cautela sobre o evangelho ou sobre um compromisso mais profundo, mas são ariscas e logo debandam com qualquer movimento ofensivo dos pastores. É provável que os que já estejam seguros no rebanho permaneçam por perto, apesar de nossas trapalhadas. Os novos que estamos tentando alcançar ficam logo assustados como coelhos do mato.

Um casal de jovens mudou-se para os arredores de Chicago e frequentou uma igreja

vários meses. A igreja os ajudou a enfrentar o desemprego do marido. Várias vezes o pastor encontrou-se com o homem que tinha pós-graduação em ecologia e estava interessado num envolvimento mais profundo com a igreja.

Aí, de repente, ele e a esposa pararam de vir. O pastor tentou entrar em contato com eles várias vezes até que, depois de meses, conseguiu sair para almoçar com o homem. O pastor perguntou por que fazia tanto tempo que não iam à igreja.

"Em alguns de seus sermões", respondeu, "o senhor fez comentários que inferiorizavam a ciência. Se é assim que pensa, acho que não estamos falando a mesma língua".

O pastor lembrou-se das observações: tratava-se de comentários feitos de passagem ou ornamentos retóricos para contrastar o poder de Cristo e a fraqueza da humanidade. Mas a consequência

não foi passageira: um homem que manifestava promessas de se envolver num discipulado mais profundo foi desviado.

♦ *Alcance as pessoas onde elas estão.* A Bíblia nada é senão um livro de exemplos de como levar a verdade às pessoas onde elas estão. Nos evangelhos, vemos que Cristo jamais lidou com duas pessoas do mesmo jeito. Ele disse ao fariseu curioso que ele precisava nascer de novo, à mulher junto ao poço que ela precisava de água viva. Ele levou as boas novas para cada indivíduo, mas o fez no ponto de contato da pessoa.

As epístolas do Novo Testamento diferem umas das outras porque trazem a mesma teologia básica para tratar de problemas diversos. Em 1Coríntios, Paulo defendeu a doutrina da ressurreição contra os que duvidavam dela; em 1Tessalonicenses, ele levou essa mesma verdade aos crentes que receavam o que aconteceria com os que já haviam morrido em Cristo.

Do começo ao fim, vemos Deus ajustando a mensagem ao público sem sacrificar a verdade — uma só teologia, diversos problemas. O impacto mais forte da verdade se dá quando ela fala à situação pessoal de alguém.

A pregação para um grupo determinado

Quando procuramos não excluir ouvintes, somos tentados a pregar sobre generalidades. Por exemplo, se digo: "A irritação atrapalha todo o mundo", não estou falando de ninguém em particular. Um sermão repleto de generalidades não atinge ninguém em particular.

É melhor concentrar-se em dois ou três tipos de pessoas numa mensagem (trocando esses dois ou três grupos todas as semanas). O surpreendente é que quanto mais pessoal e direta a mensagem, tanto mais universal ela se torna.

Posso ilustrar um sermão sobre conflitos dizendo: "Você vive com um colega de república e ele tem uns hábitos irritantes — por exemplo, não lavar os pratos logo depois de comer. Ou você é casada e seu marido volta para casa e se planta na frente da televisão, sem nenhuma consideração por aquilo que você passou o dia todo".

Embora eu não trate diretamente da situação de muitos ouvintes, eles podem se identificar com essas experiências comuns e com os sentimentos que elas provocam.

Algumas vezes por ano, posso pregar um sermão inteiro para um grupo específico da igreja.

"Esta manhã quero falar com os jovens profissionais, de mais ou menos vinte e oito anos de idade, de olho numa carreira longa e bem-sucedida. Jesus está falando sobre alguém como você nesse texto. Hoje não estou falando com os aposentados. Estou olhando para os que estão em rota ascendente."

Ou: "Esta manhã quero falar só para os adolescentes. Alguns adultos gostam mesmo de cochilar um pouquinho domingo de manhã, agora no inverno, mas hoje vocês têm permissão. Hoje quero falar com o pessoal da quinta série até o colegial. Vocês são uma parte importante desta igreja, e eu ficaria contente se vocês me ouvissem".

Todas as aplicações desse sermão seriam para jovens, mas só um ou outro adulto se desligaria. Aliás, uma informação ouvida de passagem pode ser mais influente que uma informação recebida de maneira direta. Quando você chega de frente e diz à congregação que vai falar com um grupo limitado, ironicamente, isso atrai o interesse de todos. A especificidade é muito mais eficiente que princípios gerais acompanhados de "que o Espírito Santo ajude cada um de nós a aplicar isso em nossa vida".

Para ter alguma ideia daquilo que os diferentes membros da minha igreja estão passando, uso uma sugestão dada por um grande amigo, Don Sunukjian. Preparo meus sermões usando uma tabela de situações da vida. No alto da tabela estabeleço colunas para homens, mulheres, solteiros, casados, divorciados, amasiados. Na vertical, tenho uma lista que inclui categorias para grupos separados por idade (jovens, jovens adultos, meia-idade, terceira idade), profissão (desempregados, autônomos, assalariados e empresários), nível de fé (cristãos comprometidos, indecisos, céticos e ateus), doentes e saudáveis, para citar alguns. Elaboro minha tabela com base na igreja e na cidade em que estou pregando.

Depois de pesquisar meu texto e desenvolver minhas ideias, procuro na tabela uma ou duas interseções em que a mensagem teria uma importância especial. Por exemplo, em um sermão sobre dinheiro, baseado na parábola do administrador astuto em Lucas 16, examinei a tabela e pensei numa viúva na igreja cujo marido fora presidente de uma grande empresa, deixando-lhe muito dinheiro. Certa vez ela me disse: "Que chato ter um monte de dinheiro e levar Deus a sério!". Já que eu sabia que outros na igreja tinham renda alta, pensei especificamente em como alguém que tem mais dinheiro do que consegue usar ouviria e receberia essa passagem.

Mas a situação dela não era a única que me interessava. A segunda interseção na tabela que observei foram os trabalhadores pobres.

Um terceiro grupo de interesse especial era o dos que visitavam a igreja pela primeira vez e depois diziam: "Os pastores só sabem falar de dinheiro".

Para os que não têm recursos financeiros irrestritos, falei de como Cristo se atém à atitude do nosso coração, não à quantia que damos. E para os visitantes da igreja, incluí algumas brincadeiras e tratei diretamente da objeção.

Costumo atualizar constantemente minha tabela de acordo com as novas percepções que vou tendo das pessoas.

Por exemplo, depois de um culto, uma mulher me disse como ela e alguns outros afro-americanos haviam pegado uma propaganda do *New York Times* para explicar o ressentimento contra os ativistas homossexuais que usavam a experiência dos negros para descrever a experiência deles. "Eles se entendem por minoria", disse-me. "Ambos somos minorias, mas é só isso que temos em comum. Eles não sabem o que passamos. Eles não conhecem o sofrimento de ser negro."

Ela me ajudou a compreender como se sente uma minoria desprivilegiada e, algum dia, certamente vou incluir num sermão como Deus pode ajudar os que sentem a dor de serem negros nos Estados Unidos.

Como é possível compreender vidas diferentes da nossa, desde faxineiras a donos de bancos de investimento? Do mesmo jeito que os romancistas: ouvindo e observando. Preste atenção nas pessoas que você aconselha, nas conversas à sua volta em restaurantes e lojas, nas personagens em livros e filmes, nas pessoas comuns entrevistadas nos noticiários. Observe como essas pessoas expressam suas preocupações, observe o fraseado específico, seus sentimentos, seus assuntos. Fique atento aos diálogos.

Conheço um pastor que se reúne com um grupo de "sintonia" toda quinta-feira, antes de pregar. Ele almoça com várias pessoas de formações diversas, conta-lhes as ideias do sermão e lhes pergunta como essas ideias chegam aos seus ouvidos. Muitas vezes, o grupo levanta questões que jamais ocorreram ao pastor.

Além de fazer uma aplicação ampla da mensagem, procuro ilustrar de maneira ampla. Sou tentado a extrair muitas das minhas ilustrações dos esportes, o que talvez não interesse à maioria das mulheres (que, de maneira expressiva, responde por mais da metade de grande parte de nossas igrejas). Procuro incluir de propósito ilustrações com que as mulheres possam se identificar, histórias em torno de relacionamentos, extraídas do ambiente doméstico e da família ou daquilo que vivenciam no trabalho.

Quando assisto à televisão, procuro ilustrações. Minha tendência é basear-me em leituras, mas a maior parte da minha igreja não lê o que eu leio. Eles vivem numa esfera diferente da minha, e eu tento honrar isso em meus sermões.

O terreno das maiores coincidências

Os pastores pregam todas as semanas para igrejas diferentes, mas seus ouvintes têm muito em comum. Todas as pessoas nos bancos têm os seguintes desejos:

— Querem encontrar-se com Deus ou fugir dele.

— Querem aprender algo.

— Querem rir.

— Querem sentir-se valorizadas.

— Querem ser motivadas, de maneira positiva, a se tornarem pessoas melhores.

— Querem um pastor que lhes compreenda a dor e a dificuldade que têm para agir corretamente, sem deixá-las isentas de obrigações.

Um dos instrumentos mais importantes para lidar com esses interesses universais são as ilustrações. As pessoas identificam-se mais com pessoas do que com ideias. Elas conversam sobre pessoas, não sobre princípios. Embora estejam firmadas em coisas específicas, as boas histórias transcendem experiências individuais, de modo que pessoas de várias situações conseguem extrair alguma coisa delas. Quando escutam uma história, os ouvintes a contam para si mesmos, inserindo as suas próprias experiências e imagens.

Uma senhora me disse certa vez: “Às vezes a vida cristã é como lavar lençóis”. Ela descreveu como lavava os lençóis à mão num balde grande, como afundava uma parte dele dentro da água e as bolhas de ar que se mudavam para outra parte do lençol, fazendo aquela parte flutuar na água.

“Empurro de um lado, sai do outro”, disse. “Nunca consigo manter o lençol inteiro debaixo d’água.”

Enquanto ela contava a história, a história tornou-se minha. Minha mente fez um retrocesso de meio século, para minha infância. Lembrei de minha mãe lavando roupa num tanque, enfrentando o mesmo problema.

Além disso, nas histórias, os ouvintes colocam-se em cena, tornando-se participantes delas.

Ouvi Gordon MacDonald pregar sobre João Batista e contar esta história: algumas pessoas do tipo administrativo estavam junto ao rio Jordão quando as multidões chegaram até João, de modo que resolveram que precisavam organizar as coisas. Então, montaram mesas e começaram a entregar crachás aos que vinham se arrepender. Nos crachás, escreviam o nome da pessoa e o pecado principal. Bob chega à mesa. Os organizadores escrevem seu nome no crachá e depois perguntam:

— Qual o seu pecado mais terrível, Bob?

— Roubei dinheiro do meu patrão.

A pessoa da mesa pega uma canetinha e escreve com letras grossas: BOB — ESTELIONA-TARIO, e fixa o crachá no peito de Bob.

A próxima pessoa se adianta.

— Nome?

— Mary.

— Mary, qual o seu pecado mais terrível?

— Fiz fofocas sobre umas pessoas. Não foi muito, mas eu não gostava delas.

Os organizadores escrevem: MARY — CALUNIADORA, e fixam nela o crachá.

Um homem se encaminha para a mesa.

— Nome?

— George.

— George, qual o seu pecado mais terrível?

— Estava pensando em como seria bom ficar com o Mercedes do meu vizinho.

GEORGE — COBIÇOSO.

Outro homem aproxima-se da mesa.

— Qual é o seu nome? — perguntam.

— Gordon.

— O seu pecado?

— Tive um caso amoroso.

O organizador escreve: GORDON — ADÚLTERO, e fixa o crachá no peito dele.

Logo chega Jesus para ser batizado. Ele percorre a fila dos cristão esperando o batismo e lhes pede os crachás. Um por um vai arrancando os crachás e fixando-os no seu próprio corpo. Ele se aproxima de João e é batizado. O rio dissolve a tinta de todos os crachás que ele carrega.

Quando Gordon contou aquela história, todos na igreja escreveram mentalmente o seu próprio pecado e o fixaram no próprio peito.

Para encontrar figuras e histórias, às vezes escrevo círculos de ideias numa folha de papel. Se vou falar da casa, por exemplo, escrevo a palavra casa no centro de uma folha, circulo a palavra e depois a rodeio com todas as associações que me vêm à mente: “lar, doce lar”, “bem-vindo ao nosso lar”, “casa de campo”, “voltar para casa no Natal”, “casa e comida”, “quem casa quer casa”.

Essas associações, por sua vez, servem para inspirar outras associações e lembranças, algumas pessoais, outras culturais. O que estou fazendo é escavar frases e imagens que nossa cultura associa com a casa. De alguma parte dessa folha, vou sair com uma ou mais figuras ou histórias mais expressivas.

Do lado delas

Faço de tudo para mostrar às pessoas que as respeito e estou do lado delas. Esse é outro jeito de tentar ser tudo para todos.

Por exemplo, em minha pregação, cultivo um tom de conversa. Muitas pessoas em nossa cultura ficam ofendidas com modos autoritários, discursivos. Esse é o estilo a que os modernos se refe-

rem quando usam sermão no sentido pejorativo ("Não me venha com um sermão!"). Eles o consideram paternalista, coisa de mentalidade estreita.

Também demonstro empatia. Quando cito Malaquias, "eu odeio o divórcio" (NVI), sei que há divorciados sentados na congregação e que eles podem começar a sentir que Deus e Haddon Robin-son os odeia. Portanto, depois desse versículo digo: "Vocês, que são divorciados, sabem disso melhor que qualquer um. Vocês compreendem por que Deus odeia o divórcio. Não porque odeie os divorciados, mas por causa do que o divórcio faz nas pessoas. Vocês têm as cicatrizes. Seus filhos têm as cicatrizes. Vocês podem dar testemunho do que acontece. Deus odeia o divórcio porque ama a vocês".

Descobri que se os ouvintes sabem que você os ama e se identifica com eles, vão permitir que fale coisas pesadas. A maioria das pessoas só pede que você se importe com elas, que não as despreze.

Tomo cuidado com os termos. Mesmo que você tenha certeza de que não tem preconceitos, um ouvinte pode achar que você tem, caso seu palavreado o ofenda.

Tento usar uma linguagem que inclua homens e mulheres. Se conto uma história envolvendo medicina, posso dizer: "Uma cirurgiã está na sala de cirurgias. Quando toma o bisturi na mão..." Uso intencionalmente *ela* em lugar de ele em pontos estratégicos para mostrar que sei que mulheres podem ser cirurgiãs, advogadas e diretoras.

Emprego termos como pessoas em vez de homens. Digo "ele ou ela" em lugar de sempre usar "ele"; ou uso "ele" algumas vezes e "ela", outras. Esses usos não precisam ser divididos meio a meio; até uns poucos pronomes femininos no sermão fazem diferença. Uma experiência radical: tente usar ela durante o sermão todo, exceto quando for necessário usar o pronome masculino. Você vai sentir como nossa pregação tem um sabor masculino.

Chamo os grupos minoritários pelo nome que eles querem. Se alguém chama José e não gosta de ser chamado Zé ou Zeca, sou obrigado a chamá-lo José. Eu costumava dizer *pretos,* depois *negros*.

Usei o termo afro-americano num sermão recente, e depois uma mulher me corrigiu gentilmente: “É africano-americano”.

É evidente que, por mais que nos esforcemos, ainda vamos ofender as pessoas.

Às vezes precisamos pedir desculpas de púlpito. “No sermão da semana passada fiz uma piada de mau gosto. Descrevi as pessoas acima do peso com um termo ofensivo. Sinto muito.

Às vezes digo coisas sem querer e vocês são muito bondosos em me avisar. Tenham paciência comigo”.

Quando pregava na Grace Chapei, recebia pelo menos uma carta por semana em reação a meus sermões. Quando alguém me escreve, sempre envio uma resposta.

Alguns enviam cartas bem ponderadas, e lhes devo uma resposta ponderada. Às vezes estão cobertos de razão; eles me pegam num preconceito. Tenho de admitir.

Às vezes você recebe cartas em que a pessoa é cáustica, não por falha sua. O melhor que se pode fazer é dizer: “Obrigado por escrever. Sinto muito tê-lo ofendido. Eu queria transmitir uma grande verdade das Escrituras e não consegui fazê-la chegar até você. Sinto muito”.

O perigo das minas terrestres

Se nos preocuparmos demais em não ofender ou se lermos muitas cartas de pessoas ofendidas, podemos ficar paralisados. Começamos a explicar cada sentença. Vamos acabar com sermões astutos defensivos, cautelosos e covardes.

Sim, no Natal, precisamos reconhecer que para alguns é a época mais deprimente do ano, mas não podemos deixar que isso roube da igreja as alegrias do período. Sim, no Dia das Mães as mulheres que não têm filhos sofrem ainda mais, e podemos reconhecer isso, mas todos têm uma mãe a quem honrar, e não devemos reprimir a igreja que deseja honrá-las. Embora tenha consciência das minas terrestres, entendo que meus ouvintes são em geral pacientes e compreensivos. Se cometer um erro, posso me desculpar. Descobri que a maioria concede ao pastor o benefício da dúvida.

Tento não ser rígido, defensivo ou hostil no púlpito, pois isso só provoca as pessoas, fazendo com que se ofendam mais facilmente. Dizer “vocês não devem ser tão sensíveis” ou “estou enjoado dessa linguagem politicamente correta” não faz bem para ninguém — nem para você nem para seu rebanho.

E há momentos em que o pastor precisa pregar a verdade à custa de alguns melindres, mas precisamos fazer isso com um peso no coração, não com um cassetete na mão. Nada exige maior coragem de um pastor que pregar o que pode lhe custar o púlpito.

Sempre haverá um desconforto saudável enquanto tentarmos ser tudo para todos. Isso é bíblico, mas exige que andemos sobre o fio da navalha. Queremos ser o mais atraente possível, mas não à custa do comprometimento da mensagem. Mas quando andamos sobre o fio da navalha, experimentamos algo sem igual: várias pessoas, com interesses diversos, oriundas de ambientes distintos, todas atentas, ouvindo as boas novas.

As pessoas não conseguem obedecer, não porque tornemos o evangelho bom demais, mas porque não o tornamos bom o suficiente.

— Steve Brown

Capítulo 7

O lado difícil do evangelho

Anos atrás, preguei um sermão pesado sobre a questão do divórcio. Nada de meias palavras e, para deixar bem clara a minha convicção sobre o caráter pecaminoso do divórcio, disse: “Eu, para começar, nunca vou me divorciar!”

Durante a semana, a esposa do presidente da diretoria de nossa igreja veio ao meu gabinete. Tanto ela como o marido eram divorciados, embora, em ambos os casos, conforme saberia depois, tivessem justificativa bíblica. Ela ficou magoada e ressentida com o sermão: “O irmão não devia ser tão crítico”, disse.

Eu não entendia do que ela estava falando e não estava disposto a “fraquejar” no que considerava princípios bíblicos claros. Então me defendi.

Mas aquilo ficou engasgado. Anos mais tarde, revi aquela mensagem e percebi que, em essência, ela estava correta. Não que o ensino estivesse errado, mas minha atitude estava. Quando disse: “Nunca vou me divorciar!”, estava sendo elitista, olhando as pessoas de cima para baixo, e elas mereciam mais respeito.

“O evangelho bem pregado interfere em tudo o mais sobre a terra”, disse Henry Ward Bee-cher. Especialmente quando pregamos as verdades difíceis do evangelho, sabemos o que Beecher quer dizer. O evangelho invade todos os cantos e todas as curvas da vida dos ouvintes: sexualidade,

pensamentos, sonhos, contas bancárias, pecados secretos, alvos, prioridades, motivações, família, trabalho.

Queremos “interferir”, mas sem justiça própria. Edificar a igreja, não condená-la. Queremos falar a verdade, mas em amor.

Graca do início ao fim

Numa igreja episcopal, uma senhora foi à frente para tomar a ceia e se ajoelhou ao lado dos outros. Ela estava perturbada com os próprios pecados e, ao se ajoelhar, sentiu-se ainda mais oprimida pela culpa. Quando o pastor aproximou-se com o pão, sentiu-se tão sufocada, indigna de receber o corpo de Cristo, que começou a se afastar da fila. O pastor, porém, logo colocou o pão diante dos lábios dela, dizendo: “Tome, mulher. É para pecadores. É para você”.

Essa é minha ideia básica, não só sobre a ceia, mas também sobre a pregação: é para pecadores, e sua base é pura graça. Isso vale principalmente quando precisamos pregar o lado difícil do evangelho. A menos que eu seja claro sobre a prioridade da graça radical, jamais serei capaz de pregar com eficiência o lado difícil do evangelho.

Conheci um pastor famoso por pregações proféticas. Ele pregava contra falsas doutrinas, contra o pecado, contra isso e aquilo, pregava com grande maestria. Ele manejava bem a espada, e todos lhe diziam que ele era magnífico.

Certa vez ofereceram-lhe uma igreja, e ele mencionou de modo um tanto arrogante que um dos presbíteros daquela igreja fumava charutos. Ele havia me ligado para saber minha opinião sobre assumir a igreja. Por fim chegamos ao que interessava.

— Você quer que eu fale a verdade ou quer que eu seja agradável? — perguntei.

— Só me fale a verdade.

— Não acho que você deva aceitar essa igreja porque não acho que vai conseguir amar aquela gente. Até cometer um pecado bem grande e viver o suficiente, você nunca será o pastor de que eles precisam. Seu problema é que todos falam que você é um pregador maravilhoso. Quando você faz todo mundo sentir-se culpado, as pessoas o elogiam para que você não pense que elas cometeram aquele pecado. Se for para essa igreja, vai achar que é o melhor desde a época de Spurgeon, mas as pessoas vão se sentir condenadas e culpadas o tempo todo.

O que aquele pastor não entendia e o que muitos pastores não entendem é que as pessoas já se sentem culpadas e condenadas quando entram na igreja. Não preciso dizer ao homem que está saindo com a secretária que ele está errado, principalmente se ele for convertido. Aliás, em vinte e oito anos de pastorado, jamais encontrei um cristão que não quisesse melhorar.

Além disso, como C. S. Lewis defendeu com veemência em *Cristianismo Puro e Simples*, os incrédulos também têm uma bússola moral interna. Eles sabem por instinto quando erram e, quando se dão ao trabalho de aparecer na igreja num domingo, não é porque pensam que todos lá são santos!

Portanto, não preciso convencer ninguém do pecado; o Espírito Santo já está trabalhando na vida deles. Mas preciso fazer com que as pessoas saibam o que não sabem: que a graça é real, imerecida, incondicional. Nada de se, e ou mas.

Martin Lloyd-Jones, o grande pregador inglês, disse certa vez que se você não é quase

anti-nomista, não é cristão. Na época, ele estava pregando sobre o livro de Romanos. Ele disse que se você não vê a graça como a primeira e a última palavra da vida cristã, se você não está no limite da heresia com respeito à graça, não compreendeu a mensagem radical do Novo Testamento.

Essa graça radical, evidentemente, é ameaçadora porque parece abrir as portas para o pecado. Ela é tão sujeita a interpretações enganosas, que não se pode escrever sobre ela sem uma grande dose de explicações. Meu livro *When being good isn't good enough* (Quando ser bom não é suficiente) é na realidade uma defesa da graça radical e penso que teria gerado acusações de antinomismo, se eu não tivesse citado Calvino, Martin Lloyd-Jones e Spurgeon algumas vezes!

Ficamos tão preocupados em ver as pessoas agindo certo, que, quando precisamos falar disso, acabamos falando só isso. Sem querer, pregamos sermões que, se lhes tirássemos o nome de Jesus, poderiam ser pregados por qualquer fariseu. Somos como um moralista qualquer.

Por mais ameaçador que seja, porém, não vamos avançar muito na pregação do lado difícil do evangelho nem avançar muito na santificação do povo, até que preguemos da graça para a graça.

Uma mulher atraente, com jeito de bem-sucedida, veio se aconselhar comigo. Depois de alguns minutos, ela me contou seu pecado tenebroso: antes de se casar, trabalhara como prostituta em Las Vegas. Embora fosse cristã dedicada havia anos, ainda sentia o peso da culpa.

Em outro caso, falei com um casal que mais tarde tornou-se líder na igreja em Key Biscayne. Mas o casamento de vinte e cinco anos havia começado com um fato perverso, e eles estavam profundamente perturbados com aquilo: o marido e o melhor amigo dele haviam-se divorciado cada um da sua esposa para se casar com a mulher do outro. Em suma, haviam trocado de pares. Isso não só afetou o casal, mas também os filhos. Depois que finalmente se abriram a esse respeito, ficaram lá sentados, chorando.

Nesses dois exemplos, as pessoas não precisavam de uma punição moral — elas viviam juntas em fidelidade havia anos. O que precisavam era compreender e vivenciar a graça.

É exatamente esse o tipo de pessoa que quero alcançar e edificar em Cristo — pecadores. A menos que a graça seja o fundamento de tudo que ouvem, não irão longe na vida cristã. Lembro-me constantemente de que as pessoas não conseguem obedecer, não porque tornamos o evangelho bom

demais, mas porque não o tornamos bom o suficiente. Somente quando veem a maravilha suprema e a bondade da graça de Deus as pessoas ficam suficientemente agradecidas e motivadas para entregar o coração, a alma e a mente para Deus. Quando a graça é o fundamento, falar do lado difícil do evangelho torna-se café pequeno. Bom, quase.

Conheca-se

Quando frequentava as aulas na Universidade de Boston, um estudante que estava elaborando sua tese de doutorado em Harvard me entrevistou por várias horas. Ele queria descobrir por que as pessoas entravam no ministério cristão de tempo integral. Depois de entrevistar uma dezena de ministros, concluiu que a maioria é motivada pela culpa.

Isso é ruim para eles e para as pessoas em suas igrejas. Pastores motivados pela culpa fazem os outros se sentirem culpados. Pastores perdoados, pessoas que vivem sob a graça, libertam os outros.

A primeira coisa que os pastores precisam fazer antes de pregar uma palavra dura à igreja é examinar-se com severidade, examinar as suas próprias motivações.

A culpa latente é com certeza uma questão fundamental que deve ser tratada. Temos de estar conscientes daquilo que chamo síndrome da Letra Escarlate. Pregamos de acordo com nosso próprio senso de indignidade. Se nos debatemos com a pornografia, esse é o problema que atacamos com maior frequência e ferocidade. Ou pode ser a cobiça, o orgulho ou a inveja. Mas se somos motivados a pregar as duras novas por causa de nosso pecado, não vamos produzir muitos frutos duradouros.

Outra questão é a ira. Estávamos no meio de um grande projeto de construção na Igreja Presbiteriana de Key Biscayne quando percebi que estava irritado com um membro importante. Ele havia enviado cartas para todos da igreja, cartas em que criticava a mim e ã comissão de construção. A comissão de construção realizara treze reuniões em toda a cidade para explicar o projeto aos membros e aquele homem havia participado de todas elas! Depois de tantos ataques, a esposa do presidente chegou para mim aos prantos: “Não vou mais participar disso!”

Minha raiva foi aumentando aos poucos. Cheguei a um ponto em que comecei a pregar para aquele homem e seus aliados em meus sermões. Certa vez, enquanto pregava, fui andando e me co-loquei na ala em que ele se sentava no templo. Fiquei o mais perto possível dele e praticamente falei para ele. Não sei se alguém mais sabia do que estava

acontecendo, mas eu sabia. Não me orgulho daquilo. Foi totalmente inadequado.

Quanto mais conscientes de nossas emoções, portanto, menos erros cometeremos em nossos sermões difíceis.

Há muitas maneiras de tomar consciência dessa nossa parte.

Certamente o ponto de partida é a oração. Muito tempo atrás, "Senhor, mostra-me como sou" tornou-se minha oração básica. É muito comum começar minha oração matinal com uma confissão pessoal, pedindo que Deus me sonde: "Senhor, não me deixe mal. Não quero entrar no jogo da negação. Mostre-me o que realmente acontece dentro de mim". E, para minha aflição, ele mostra!

Descobri que os livros ajudam. *De dentro para fora,* de Larry Crabb (Editora Betânia) e *Transparent Self: self-diclosure and well-being* (Van Nos Reinhold, 1971) têm-me ajudado a encarar minhas motivações com honestidade.

Mas a melhor maneira é encontrar um irmão de fé que possa ser "companheiro de alma". Trata-se de algo sobre o qual você precisa orar, porque não é o tipo de coisa que possa fazer com qualquer um. Mas, para citar uma vantagem, tenho descoberto o quanto me ajuda ter um amigo com quem não preciso usar minha máscara profissional. Dizemos um para o outro o que realmente pensamos e sentimos, e o que achamos que está acontecendo com o outro.

Por meio desse processo, tenho descoberto muitos motivos ocultos e pecados, e isso tem-me tornado um pregador mais sensível contra o pecado. É difícil ser um crítico autossuficiente quando conheço tão bem meu próprio pecado.

O mais importante é que isso me põe em contato com a maravilha da graça. O evangelista e professor Michael Green organizou certa vez uma festa de degustação de vinhos como um meio para alcançar os incrédulos. Enquanto as pessoas provavam *Chablis,* os cristãos tentavam dirigir a conversa para assuntos espirituais.

Infelizmente, uma mulher, professora universitária, ficou um tanto embriagada. Ela se virou para Michael uma hora e disse:

— Sabe, não creio em nada disso.

— Eu sei — respondeu, e acrescentou: — Mas você não gostaria de crer?

Lágrimas começaram a brotar de seus olhos.

Às vezes, até os pregadores consideram a graça perfeita de Deus boa demais para ser verdade. Mas é isso que descobrimos sempre que exploramos a nós mesmos. E quando voltamos a experimentar essa graça, estamos quase prontos para pregar as duras novas.

Até onde eles conseguem aguentar?

George Buttrick, grande pregador da geração passada, disse que não podemos pregar certas coisas antes de estarmos três anos com uma igreja. Outras, não podemos dizer antes dos cinco anos. Outras, antes dos quinze.

Isso é outro jeito de dizer que precisamos saber a carga que nosso relacionamento com a igreja consegue aguentar. E o segredo está em viver com ela no espírito do evangelho que tanto desejamos proclamar.

Uma noite, o conselho de presbíteros fez uma coisa que achei particularmente irritante. Um dos obreiros pedira ajuda para comprar uma casa e eles recusaram. Então, depois de votar, cada um pegou o carro e foi embora. Eu estava no meu gabinete e eles mandaram o mais novo dos presbíteros para me contar o que aconteceu.

Fiquei tão bravo, que assustei o jovem, fazendo-o esbarrar na luminária quando saía da sala. Corri para o estacionamento, mas todos já haviam saído. Então, fui para a casa do presbítero mais próximo e bati em sua porta. Ele já estava de pijama. Ele saiu na varanda e eu comecei a gritar com ele.

— Agora se acalme, Steve. Calma. — Por fim ele disse: — Você vai falar desse jeito com os outros presbíteros?

— Não tenha dúvidas disso.

— Olhe, você gritou muito comigo, eu entendo. Mas alguns são novos no conselho. Tenha cuidado.

Fui para a casa de outro membro do conselho e fiquei andando pela sala, gritando e esbravejando por causa da injustiça feita àquele companheiro.

Na manhã seguinte, ele me ligou dizendo:

— Como vai, brutamontes?

— Tudo bem.

— Queria te avisar que meu cachorro estava escondido embaixo do sofá ontem à noite.

Acabei pedindo desculpas por minha explosão e o conselho teve a bondade de me perdoar.

O importante é que havíamos estabelecido bons relacionamentos naquele conselho. Eles sabiam que eu fazia aquele tipo de bobagem. Eles também sabiam que, acima de tudo, eu queria viver em fidelidade a Cristo. Tínhamos pedido desculpas uns para os outros não poucas vezes.

Só nessa atmosfera de amor e perdão eu podia dar conta de pregar as duras novas da Bíblia.

Conheça seu rebanho

Nada mais me choca. Ninguém, na igreja ou fora dela, consegue confessar um pecado que me deixe com os cabelos em pé. Todos já ouvimos: "Pastor, o irmão não sabe como é o mundo real". Sabemos que isso não faz sentido. Vejo mais do "mundo real" numa semana do que os outros conse-

guem ver num ano. Tenho feito tantos "rescaldos" após suicídios, enterrado tantos bebês e ouvido tantas confissões atormentadas, que nem tenho como lembrar. Não é difícil crer na depravação total.

Portanto, quando prego, pressuponho o pior nas pessoas. Primeiro é comprovado que as pessoas são capazes do pior. Segundo, comecei a perceber que, paradoxalmente, elas avançam mais rumo à santificação quando admitem que são pecadoras miseráveis.

Eis alguns modos específicos de fazer isso:

♦ *Deixe a Bíblia falar*. A graça é a primeira e a última palavra, mas isso não quer dizer que não lidemos de maneira franca com o pecado. Afinal, não estamos apresentando as Dez Sugestões, mas os Dez Mandamentos. Mas procuro deixar claro para as pessoas que não é a minha palavra que acusa, e sim a Bíblia.

Já comecei sermões sobre divórcio da seguinte maneira: "Tenho consciência de que metade de vocês já se divorciou. De certo modo, eu gostaria de pular esta passagem, mas não posso, porque Deus está presente aqui e é isto que ele diz".

E então apresento o pecado sem ameaças, como em Isaías, quando Deus diz: "Venham

cá, vamos discutir este assunto...” (BLH).

Posso dizer: “Vamos lá, pessoal. Vocês não querem deixar Deus irritado — é por isso que resolveram segui-lo. Mas isto é o ele diz: vocês não podem chegar para cultuar com uma atitude orgulhosa. Simplesmente não funciona. Como ele diz..."

♦ *Coloque-se no lugar delas.* As pessoas não vão me deixar ser mensageiro de palavras duras, a menos que saibam que eu me coloco sob as mesmas palavras. Então muitas vezes reconheço de púlpito minhas falhas.

Por exemplo, muitas vezes confesso meu problema com a raiva. Até contei à congregação da minha “lista de pancadas” que uso para orar pelos meus inimigos. Meu alvo é tirar as pessoas da lista de pancadas e colocá-las na minha lista normal de oração. Certa noite de quarta-feira, anunciei que tinha conseguido tirar todo o pessoal da lista de pancadas, e a congregação rompeu em aplausos.

Se o sermão é sobre um pecado que não seja especialmente problemático para mim, posso rir e dizer: “Hoje posso pregar aquele sermão, porque não tenho problemas com esse pecado!” Crio um ambiente isento de críticas, brincando um pouco com minha tentação à justiça própria.

♦ *Identifique a culpa recriminadora.* Uma tentação, conforme observei, é motivar por meio da culpa. De fato, as pessoas já se acostumaram tanto com isso, que não conseguem imaginar algo

diferente. Elas ficaram acostumadas com a sensação opressora da culpa, que têm uma surpresa feliz, quando o pregador de repente vira a mesa.

Em seminários por todo o país, faço uma atividade para ajudar as pessoas a verem o tipo de “prisão” em que podem estar; a prisão da responsabilidade, do pastor ou da culpa. Vemos ao todo doze prisões. Quando chego à parte da culpa, digo: “Nenhum de vocês falou do evangelho para alguém esta semana, e as pessoas estão indo para o inferno”.

“A hora devocional de vocês é uma vergonha. Alguns não gastam nem cinco minutos por dia com aquele que ama vocês e morreu na cruz por vocês.”

“E com que frequência vocês realmente ajudam o próximo, e isso sem falar da família de vocês?”

Continuo até ver as pessoas se contorcerem. Algumas parecem ficar indispostas quando

jogo sobre elas o que sabem ser totalmente verdadeiro. Mas quando solto a moral da história: "O que vocês estão sentindo agora é culpa pura e simples. É assim que somos motivados muitas vezes. Batemos em nós mesmos até nos sentir totalmente miseráveis. Mas amigos, vamos lembrar que vivemos em Cristo. Não precisamos mais viver na prisão da autorrecriminação".

É quando as pessoas se ajeitam na cadeira. É quase como se eu ouvisse: "Agora, sim, enten-di". E, pela primeira vez, muitos reconhecem o quanto têm sido motivados pela culpa. Uma vez desmascarada essa motivação, as pessoas têm muito mais condições de reagir da maneira adequada — não só por conta da culpa.

Também me certifico de que as pessoas saibam como um sermão difícil é estruturado. Se passei a maior parte do tempo falando de algum pecado, em algum ponto do sermão vou dizer: "Agora, lembrem-se de que, em tudo o que eu disse, Cristo morreu por vocês. Só posso dizer isso porque já fomos aceitos por ele".

♦ *Fale de um arrependimento pela graça.* Precisamos cuidar de como falamos de arrependimento aos outros. Eu costumava declarar: "Confissão é dizer: 'Sinto muito, entornei o caldo", e arrependimento é limpar o caldo". Mas percebi duas coisas.

Em primeiro lugar, nem sempre é possível limpar a sujeira. Alguns criaram uma confusão que não conseguem apagar como se nada tivesse acontecido. Mulheres fizeram abortos que não podem ser revertidos. Homens cometeram adultérios que não podem ser desfeitos. Pessoas se divorciaram e voltaram a se casar, depois se divorciaram e se casaram de novo, deixando filhos com feridas que jamais se fecharão por completo. Cristãos disseram coisas que arruinaram reputações e dividiram igrejas. Embora caibam desculpas, muitas vezes as pessoas precisam viver com cicatrizes espirituais.

Em segundo lugar, essa concepção de pregação logo transforma o arrependimento em outra obra. Quando isso acontece, as pessoas são levadas ao desespero. Elas fazem de tudo para cumprir aquilo que prometeram no ato de contrição, mas inevitavelmente falham em algum ponto. Então vão ficar se debatendo na culpa, em vez de se chegar para Deus, porque têm vergonha de enfrentar aquele a quem fizerem promessas tão brilhantes.

Michael Quoist, autor de *Prayers* (Sheed & Ward, 1985), descreveu a sua própria experiência dessa dinâmica. Uma vez, quando estava desesperado com seu próprio caminhar cristão, orou a Deus, dizendo: "Pequei, Senhor. Brinquei com o pecado. E gostei. Agora ele me persegue como um cachorro. Não posso continuar desse jeito".

Então Deus, escreve ele, falou-lhe palavras como estas: "Levante a cabeça, meu filho.

Você pensa que eu deixei de amar você? O problema é que você confiou em si mesmo, em vez de confiar em mim. O pior não é cair na lama; é ficar ali".

Conclamar ao arrependimento não significa chamar as pessoas para consertarem todos os erros que cometeram. Arrependimento significa concordar com Deus sobre quem ele é, sobre quem você é, sobre o que você fez e sobre o que precisa ser mudado. Nada mais, nada menos. O paradoxo da graça é que estamos mais perto da santidade quando confiamos na misericórdia de Deus do que quando tentamos ser perfeitamente santos.

♦ *Comece com leite.* Se as pessoas são pecadoras miseráveis, então precisamos aceitá-las onde estão. Este é um princípio antigo: não podemos lhes dar carne até que tenham aprendido a beber leite.

Por exemplo, quando desafio as pessoas a iniciar uma vida devocional, dou-lhes um alvo moderado com que começar: dois ou três minutos pela manhã. E depois digo: "Não tentem fazer mais que isso! Orem o Pai Nosso, leiam alguns versículos das Escrituras e parem. Se quiserem mais que isso, venham falar comigo".

Assim, deixo a pressão de fora. Em vez de desafiá-los a uma hora diária, coisa que deixaria a maioria se sentindo derrotada e indigna, começo devagar e fortaleço seus sentimentos de realização.

Costumo dizer que, se você vê um cachorro jogando xadrez, você não critica o jogo dele. Só o fato de ele estar jogando xadrez já faz você ficar contente.

♦ *Deixe alguns fora do jogo.* Às vezes é preciso deixar claro que você não está apontando o dedo para alguém.

Um homem na igreja era ativista em questões familiares. Ele pagava um alto preço por aquilo, empenhando tempo, dinheiro e tranquilidade, enquanto enfrentava as autoridades seculares por

causa da integridade da família. Em um de meus sermões, eu estava explicando como precisamos amar uns aos outros e que não devemos ser adversários quando lidamos com não cristãos. Percebi que talvez ele estivesse pensando que eu me referia a ele.

Então, interrompi o sermão, virei-me para ele e disse: "Jack, não estou falando de você. O que você faz tem lhe custado caro e me orgulho de você".

Às vezes é preciso dar às pessoas permissão para se curarem primeiro antes de começarem a marchar no exército do Senhor. A igreja que pastoreei em Key Biscayne

sabia curar as pessoas. Para lá se dirigiam pessoas torturadas pelo pecado e por instituições religiosas, e elas precisavam de um lugar seguro. Muitas não estavam prontas para ouvir o lado difícil do evangelho. Precisavam de consolo, amor e ânimo.

Periodicamente, durante os sermões, eu me dirigia àquelas pessoas: "Se faz pouco tempo que você conheceu a Cristo, se sua vida ainda está completamente atrapalhada, não se preocupe com o que vou falar. Seu dever, por enquanto, é conhecer seu Salvador amoroso. Haverá muito tempo para você fazer alguma coisa por ele. Mas quanto aos que conhecem Cristo já há algum tempo..."

Um homem que acabou se tornando líder da igreja me disse "Muito obrigado por simplesmente permitir que eu ficasse nos bancos quando cheguei. Por cinco anos era tudo o que eu conseguia fazer".

Passando da crítica para o amor

Um colega pregador contou a seguinte história: Durante suas campanhas militares, Alexandre Magno mantinha um dia de julgamento por semana. Os acusados de covardia eram levados à sua presença e, se considerados culpados, executados na hora.

Um dia, os guardas colocaram diante de Alexandre um jovem que teria fugido da batalha e se escondido atrás de uma rocha. Por algum motivo, disseram os observadores, enquanto ouvia as acusações contra o rapaz, o rosto de Alexandre foi se descontraindo. Talvez estivesse pensando na jovem que o soldado amava em sua terra natal e nos filhos que eles teriam algum dia.

— Filho, qual é o seu nome? — perguntou o grande comandante.

— Alexandre, senhor — respondeu o jovem.

As feições do general se transformaram, e seus olhos brilharam de raiva. Descendo da tribuna, pegou o soldado covarde e o lançou ao chão.

— Rapaz, ou mude de nome ou mude de jeito.

Infelizmente, esse tipo de atitude ríspida é o que caracteriza boa parte da pregação profética de hoje: "Cristão: ou mude de nome ou mude de jeito!". Isso só produz mais culpa e vida cristã ineficiente.

Em lugar disso, quero sugerir uma atitude de amor, um amor que deseje ver as pessoas atingir seu máximo e um amor que cuide delas onde estejam.

Aprendi um pouco disso com John Stanton. Quando ele pastoreava a Igreja Presbiteriana de Westmont em Johnstown, no estado da Pensilvânia, ele entrava todos os sábados no templo vazio e orava. Um por um, ele se postava atrás dos bancos, colocava a mão sobre eles e orava pela pessoa que se sentaria ali no dia seguinte.

Eu mesmo fiz isso alguns anos. Descobri que, assim como as outras coisas, isso aumentou em mim o amor pelo meu rebanho. Então, pregar o lado difícil não era tão difícil. Não, nunca foi café pequeno. Mas também não se transformou em algo indigesto.

Simplificando o que quero dizer, pelo poder de Deus, a pregação difícil sobre temas difíceis tem sido um meio de graça para este pastor e para seu rebanho.

Quando passamos por algum sofrimento duradouro, é comum precisarmos pregar sobre coisas que não repercutimos no momento.

— Haddon Robinson

Capítulo 8

Quando você está sofrendo

O Seminário de Denver foi processado na justiça três vezes no final da década de 80. Num dos processos, um ex-aluno havia molestado sexualmente um menino, e a família processou o seminário. Os outros dois envolviam um ex-professor que tivera um relacionamento impróprio com um aconselhando.

Num desses casos, tive de prestar depoimento. Eu não tinha ideia do que esperar, mas não estava assustado porque nem eu nem o seminário havíamos feito algo indevido. Com nosso advogado ao meu lado, entrei na sala onde daria o depoimento, onde encontramos quatro advogados da acusação.

O depoimento começou, e logo percebi uma coisa assustadora. Os quatro advogados do outro lado da mesa eram impiedosos, e o meu estava desnorteado. Quatro lobos contra um cordeiro. Era a primeira vez que meu advogado lidava com um caso daqueles e ele não tinha me preparado para o que acontece numa audiência.

Só mais tarde aprendi a estratégia legal por trás de tais audiências. A acusação sabe que mesmo que você seja inocente, os processos legais podem provocar colapso financeiro. As companhias de seguro têm medo de júris e se dispõem a pagar cem mil dólares, mesmo que você ganhe a

causa. Assim, muitas vezes prontificam-se a fazer acordos fora da corte, mesmo que você seja inocente.

Toda a ação, portanto, ocorre nas audiências. É ali que a acusação tenta deixá-lo com medo e levá-lo a um acordo por fora.

No meu caso, eles fizeram um bom trabalho. Meu depoimento levou dois dias. No primeiro dia, os advogados de acusação me atormentaram por nove horas com uma pergunta atrás da outra, fazendo tudo o que podiam para contaminar minhas respostas, torcendo meus motivos, questionando minha integridade.

Desde então, tenho falado com outros que enfrentaram depoimentos, e eles dizem ter sido essa a pior experiência da vida deles. Para mim, certamente foi.

Mas era só o começo. A seguradora do seminário disse em certo momento que eu, individualmente, não estava coberto pela apólice da escola. (Eu também fora citado no processo.) Em outro ponto meu advogado (meu novo advogado!) disse: "Eles não têm bons argumentos contra nós". Mas sabia que hoje tudo pode acontecer na corte, por isso dez minutos mais tarde avisou: "Você deve pegar todos os seus bens e colocar no nome da sua esposa. Eles ainda podem tomá-los, mas fica bem mais difícil". Então, nossa poupança para a aposentadoria foi toda colocada no nome de Bonnie.

Enquanto isso, um ex-funcionário do Seminário de Denver começou a espalhar inverdades a meu respeito por toda a comunidade, o que manchou minha reputação. Eu não tinha nenhum meio eficiente de me defender.

A angústia que Bonnie e eu sofremos durante aqueles meses foi devastadora. Francamente, não reagi bem. Como o apóstolo Paulo, me afligi com "lutas por fora, temores por dentro". Mas precisava continuar pregando na capela, em convenções e igrejas que havia agendado com meses e anos de antecedência e, mais tarde, como pastor interino na Grace Chapei no estado de Massachusetts.

Todos os pastores atravessam períodos em que têm de pregar em meio ao sofrimento. Como pregar quando você não tem vontade — quando sua atenção está em outro lugar, você se sente incapaz de se concentrar, quando sua família está conturbada, ou sua saúde vai mal, ou detratores na igreja estão apontando a artilharia em sua direção, quando você está passando por solidão ou por sentimentos de fracasso?

Perigos no túnel

Atravessar um período prolongado de sofrimento é como andar num túnel escuro, frio e

úmido. O túnel do sofrimento do pastor traz alguns perigos específicos.

Primeiro, podemos acabar usando o púlpito para terapia pessoal. Seu estilo de pregação pode mudar durante uma crise. Muitas vezes, no meio disso tudo, o pastor que está sofrendo prega um sermão do qual nove décimos são sua história de dor e um décimo, a Bíblia. Os ouvintes identificam-se com o sermão e são tocados.

O pastor ouve uma reação favorável à mensagem e, na próxima semana, por ser difícil estudar nesses momentos, decide abrir mais uma vez o coração. A mensagem é baseada principalmente na experiência dele, com algumas pitadas de Bíblia. De novo, os ouvintes reagem com simpatia.

Logo ele estabelece um modelo. Agora corre o risco de pregar semanalmente a partir dessa experiência e não da Bíblia. Em vez de viver o que prega, ele passa a pregar o que vive. A pregação torna-se uma catarse para sua dor.

Não se pode fazer do púlpito um lugar de terapia pessoal frequente, sem que se sofra as consequências. Os membros não vêm à igreja todo os domingos para ouvir os conflitos da alma do pastor. Não deixam de sentir empatia, mas depois de um tempo o culto semanal passa a ser um sedativo emocional. As pessoas não seguem muito tempo líderes que não conseguem lidar com as suas próprias emoções.

Outro perigo é valer-se do púlpito como trincheira. Se seu sofrimento vem de um conflito na igreja, é forte a tentação de usar o púlpito para apontar suas armas contra os oponentes.

Digamos que o diácono Carlos de Souza esteja empenhado em pegar o pastor. No sermão, o pastor cita o versículo: “Alexandre, o latoeiro, causou-me muitos males”.

“Todos sabemos como é isso”, diz o pastor. “Há momentos em que queremos ir adiante por Deus, mas outros levantam-se numa reunião administrativa e levam a igreja de volta ao passado. Precisamos seguir a Deus como fez o apóstolo Paulo, mesmo que as pessoas tentem nos bloquear o caminho”.

O pastor nunca menciona Carlos de Souza, mas todos os que estão cientes do problema compreendem de imediato os comentários. Esses ficarão irritados com o pastor, por ele ter usado o púlpito como arma, especialmente se acham que a oposição do diácono tem seus méritos.

Se nossa igreja está em conflito, precisamos tomar cuidado para que as pessoas não vejam em nossos comentários um ataque que jamais pretendíamos fazer.

Além disso, podemos deixar de pregar todo o conselho de Deus. Quando sofremos, ficamos inclinados a pensar que todos estão sofrendo. Mesmo que jamais mencionemos nossas dores pessoais, nossa pregação pode tornar-se um serviço de ambulância estritamente voltado para crises. Os que têm saúde, os que estão em ascensão nos negócios, os que se sentem fortes no Senhor não ganharão muito com nossa pregação.

Fui com minha filha ver o filme *Wall Street* alguns anos atrás. Gordon Gecko, um dos personagens principais do filme, era bem-sucedido e até impiedoso como operador da bolsa de valores.

Depois do filme, minha filha disse: "Papai, e se Gecko dissesse para o senhor: 'O senhor é cristão. O que diria para alguém como eu? O senhor tem uma hora para dar a melhor cartada'. O que o senhor falaria para ele?"

Ela me deixou sem resposta. Às vezes a igreja não sabe o que dizer aos Gordons Geckos do mundo. Só conseguimos falar com eles, parece, depois que caem. Mas as Escrituras falam tanto aos fracos quanto aos fortes. Não desprezo intencionalmente os bem-sucedidos em meus sermões, mas é fácil isso acontecer quando estou sofrendo.

Quando estamos sofrendo, precisamos que outros nos lembrem de que há mais temas de pregação que depravação, graça, fé e oração. Também precisamos pregar sobre retidão, soberania de Deus, justiça, evangelização e outras doutrinas fundamentais. Se alguns temas não estão me nutrindo no momento, isso não significa que tenham deixado de ser um bom alimento para os outros.

Pregando no escuro

Algumas situações aflitivas são naturalmente compartilhadas com a igreja: a morte de pessoas queridas, doenças sérias.

Outras situações exigem discrição: problemas financeiros, pressões no casamento, conflitos na liderança da igreja, um lapso moral. Mesmo que jamais mencionemos tais problemas, nossa pregação muda quando passamos pelo túnel da aflição.

Quando passei por esse período de aflição intensa no Seminário de Denver, alguns disseram que sentiram mais brandura e empatia em minha pregação. Isso com certeza era o que eu sentia. Se me decorreu algum bem desse tempo de aflição, foi um senso esmagador de minha carência de Deus. Eu me sentia completamente vulnerável. Embora não fosse culpado de nenhuma negligência ou erro legal, sentia-me carente da graça como nunca.

Quando os acusadores insistiam nos meus motivos e conduta, quando outros espalhavam calúnias e boatos, aquilo me forçava a examinar minha própria vida. Eu sondava o meu coração e via que, apesar da inocência legal, eu era como outra pessoa qualquer, um ser humano pecador com motivações impuras boa parte do tempo, carente da graça de Deus o tempo todo.

Um sermão que preguei enquanto estava "no túnel" foi sobre a parábola do filho pródigo. Falei a respeito do pai: sem se importar com a própria dignidade, seu coração cheio de graça e aceitação, ele correu para se encontrar com o filho, o pródigo. "Só quero que saibam que o pai está correndo ao encontro de vocês", disse eu à igreja. "Os braços dele estão bem abertos e ele não está bravo

com vocês. Mais que tudo, ele só quer que vocês voltem para casa. Ele diz: 'Não me importo se você está coberto de lama e esterco. Eu não me importo se você está com um cheiro insuportável. Seja bem-vindo! Seja bem-vindo!'"

"Se é assim que você está hoje, seja bem-vindo em casa. Levante-se e venha. Quero dizer-lhe que você é bem-vindo em casa."

Uma mulher que atendeu àquele apelo me disse: "Sempre estive na igreja e ouvi apelos a vida inteira. Não havia jeito de me apresentar na frente de nenhuma igreja. Mas eu queria ir. Eu queria ser bem-vinda em casa".

Durante uma conversa com uma colega de trabalho, compartilhei as ideias para aquele sermão, e ela começou a chorar. Ela é uma pessoa bem controlada. "Nunca na vida", disse, "tinha sentido todo o significado daquela parábola".

Essas reações não foram causadas por alguma nova técnica de pregação ou percepção profunda de minha parte. Eu havia experimentado de maneira nova a graça de Deus, e o poder daquela graça simplesmente brotou, sem que minha consciência se empenhasse para que aquilo ocorresse.

O sofrimento e a família do pastor

Nossa família participa da escuridão quando andamos em meio ao sofrimento. Ela nos vê no melhor e no pior dos estados. E depois nos vê em pé diante da igreja, pregando a vontade de Deus. A família não questionará nossa sinceridade se evitarmos dois erros.

Primeiro, não dê a entender que aquilo que deve ser realmente é em sua vida. A responsabilidade do pastor é declarar o que os cristãos devem fazer. Ensinamos os outros a ler a Bíblia e a orar todos os dias, meditar com a família regularmente,

compartilhar a fé em todas as oportunidades, orar pelos líderes da nação, ofertar o máximo para missões, sacrificar-se pelos outros, viver de maneira altruísta. Ao mesmo tempo, são poucos, se é que há algum, os pastores que fazem tudo o que os cristãos devem fazer.

Isso não é surpresa nem problema, se formos honestos. Só é problema se damos a entender o contrário. E torna-se um grande problema quando passamos por aflições na família.

Se damos a entender em nossa pregação que temos todas as respostas, que nossa fé é inabalável, que "só precisamos de Jesus", que temos tudo isso junto, mas, enquanto isso, nossa família nos vê em dúvidas, bravos, confusos em casa, ela vai concluir que somos hipócritas e duvidar da realidade daquilo que pregamos.

Quando tive aquela experiência em Denver, não fui um modelo de fé inabalável, indubitável. Passei por momentos de profundo desânimo. Minha família me viu passar por eles. Se me levantasse

domingo após domingo dizendo "quando passarem por provações, confiem em Deus, não vacilem nem duvidem", teria perdido um bocado de credibilidade diante deles.

É melhor dizer algo como: "Quando passamos por provações, precisamos confiar em Deus. Às vezes podemos vacilar. Às vezes podemos duvidar. Mas precisamos buscar a fé. Só pela fé no Senhor Jesus Cristo podemos manter o passo, mesmo sentindo que estamos escorregando".

Segundo, não use como ilustração seus melhores momentos, como se eles fossem a regra. Por vários meses, um pastor sofre ataques incansáveis do conselho de presbíteros. Isso rouba o melhor dele. Amargurado, volta para casa todas as noites e, no jantar, reclama com a família sobre a última crítica e fala mal de vários membros do conselho.

Uma noite, no meio do conflito, porém, ele diz à família: "Precisamos orar pelos membros do conselho e pela família deles. Sem dúvida na vida deles também há aflições que fazem com que sejam negativos comigo".

No dia seguinte e durante semanas, porém, o pastor volta a fazer comentários amargurados diante da família.

Mais tarde o pastor prega sobre orar pelos inimigos e ilustra seu pensamento, dizendo: "Como vocês devem saber, passamos por alguns desentendimentos na igreja alguns

meses atrás. Durante aquele período Deus ajudou minha família a se reunir em torno da mesa de jantar e orar por aqueles que nos atacavam pessoalmente".

Ele está dizendo a verdade, mas faz parecer que aquele ideal é a regra. É provável que não esteja tentando enganar conscientemente a igreja; está é tentando inspirá-la com um exemplo de atitude correta. Mas ele corre o perigo de envenenar a família que viu seu comportamento ambivalente.

Como pregar quando não temos vontade

O sofrimento não permite que nos concentremos em nada além de nossos problemas. Ele nos absorve, nos confunde e mina nossas energias, tirando-nos a vontade de preparar sermões e de nos "levantar" para pregar. Para pregar apesar do sofrimento é preciso que façamos duas coisas: compar-timentar e filtrar.

Quando passamos por algum sofrimento duradouro, é comum precisarmos pregar sobre coisas que não repercutimos no momento. Falamos da soberania de Deus, quando sentimos que tudo está fora do controle, ou da confiança em Deus, quando nós mesmos nos angustiamos por causa de orações sem resposta.

Nesses momentos, precisamos cumprir o chamado de pregar a Bíblia. Pregamos o que a Bíblia diz, não o que sentimos. Nós, por nossa própria autoridade, baseados em nossa experiência, tal-

vez não possamos dizer: "Tudo coopera para o bem", mas podemos dizer: "A Palavra de Deus diz que tudo coopera para o bem".

Em certo sentido, às vezes precisamos compartimentar nossas experiências e sentimentos. Nessas horas, talvez não tenhamos uma interação pessoal com o texto ou uma ilustração extraída da nossa vida. Essa é a realidade.

Em tais horas, cabe reconhecer publicamente a ambivalência entre a grande promessa do texto e a condição humana. Se você está pregando sobre os salmos e chega ao ponto em que o salmista diz: "Daí retribuir-me o Senhor, segundo a minha justiça, conforme a pureza das minhas mãos, na sua presença", mas você sente o peso do seu pecado, pode dizer: "Talvez você se sinta como o sal-mista hoje. Você não é perfeito, mas foi perdoado e pela graça está tentando andar com Deus. Você tem vontade de louvar a Deus porque ele é um Deus de justiça que recompensa os retos e retribui ao perverso. Vocês podem fazer isso. Outros têm uma grande sensação de fracasso — sei que isso acontece muito comigo. Vocês podem dizer com integridade: 'Tenho te servido de todo o coração'. Vocês se sentem mais como 'o principal dos pecadores'. Portanto, este

salmo não expressa seus sentimentos hoje. Ainda assim, o salmista está numa condição em que todos nós queremos às vezes estar. Então vamos prestar atenção e ver o que podemos aprender".

Também precisamos filtrar. Se mantivermos o sermão sempre "lá longe", vamos acabar perdendo nosso senso de autenticidade. Se ficarmos martelando o que chamo de sermões "casinha de cachorro" — vamos ver, preciso de três pontos que comecem com a letra T — sem viver os sermões, ficamos vazios. Por vezes, precisamos filtrar nossa pregação, fazendo-a passar por nossas experiências, escolhendo textos que ressoem aquilo que sentimos, compartilhando algumas lições difíceis que estamos aprendendo, mesmo que jamais lhes contemos a história por trás de tudo.

Anos atrás, quando lia a parábola das ovelhas e dos cabritos no julgamento, eu me sentia como uma ovelha. Eu tinha fé em Cristo, visitava os amigos no hospital, contribuía financeiramente para a Visão Mundial.

Quando passei pelo túnel, senti-me totalmente indigno da salvação. Pela primeira vez, li aquela parábola e percebi que depois que Cristo elogia as ovelhas, elas respondem: "Quem? Eu?" Elas não sabiam que eram ovelhas. Elas não se sentiam ovelhas.

Cheguei à conclusão de que se eu chegar ao céu, será porque Deus vai dizer que sou ovelha, não porque sinto que estou fazendo o que as ovelhas fazem. É tudo pela graça.

Comecei a pregar essa passagem. Sentia que precisava pregá-la porque ela refletia o meu coração; dava alguma noção do que eu estava passando.

Depois que os três processos contra o Seminário de Denver terminaram, meu advogado reuniu-se com o corpo docente para explicar tudo o que ele não pôde explicar durante os julgamentos.

Ele disse aos professores, por exemplo, que o presidente de outro seminário havia revisto todo o depoimento e os registros do seminário. Ele testemunhou que teria lidado com a situação exatamente como eu lidara. Depois que todos os fatos vieram à tona, alguns do corpo docente entraram em contato comigo para dizer que a reunião me havia justificado.

Tudo agora já ficou para trás, mas minha vida nunca mais será a mesma. Nem minha pregação.

Terceira Parte

AS PRESSÕES EXTERNAS

Precisamos nos tornar pastores, se quisermos que nosso povo se transforme numa igreja.

— William Willimon

Capítulo 9

Como um auditório se transforma em igreja

No primeiro Natal que passei em Duke, época em que eu não pregava regularmente, minha esposa e eu frequentávamos uma igreja local. Naquele ano o Natal caiu num domingo. Nosso filho estava com dois anos; então o vestimos com roupas de Natal novinhas em folha e rumamos radiantes para a igreja. Estávamos felizes só de pensar no culto.

Mas quando o pastor levantou-se para dar boas-vindas à igreja, disse: "Hoje é a primeira vez nos últimos anos que o Natal cai num domingo. Seria injusto pedir ao coro que cantasse esta manhã, já que hoje é o grande dia da família e de todos. Por isso, não haverá canto coral".

"Também não vou pregar de fato hoje. Em vez disso, trouxe uma pequena história para compartilhar com vocês. Bem, estou surpreso por vocês estarem aqui. A maioria está com hóspedes em casa. Estar aqui hoje deve ter sido bem complicado."

"Vou embora", cochichou-me minha esposa. "Você fica com o nenê, se quiser". Ela estava chateada porque o pastor não havia honrado sua igreja preparando-se, e saiu.

Mas eu não conseguia ser tão crítico com aquele ministro. Lembrei-me de muitos cultos de véspera de Natal, em que eu tinha de me sacrificar para montar um programa só para descobrir depois que ninguém aparecia. Além disso, ele tinha certeza de que seu povo não estaria ligado; todos estariam distraídos como a plateia de Hollywood.

Certamente a dinâmica da igreja moderna é desanimadora. O domingo tornou-se só mais um dia de consumo. Os que vão ao culto quase exigem diversão.

Mas mesmo assim ainda formam uma igreja cristã, e fazemos bem em tratá-los como tal, embora muitas vezes seja difícil entender como fazemos essa distinção. Como pregamos a esse grupo semana após semana? Como podemos fazê-los deixar de ser consumidores individualistas e transformá-los numa comunidade de santos que atendem à Palavra de Deus?

As frustrações

Alguns fatores impedem que nossos auditórios de domingo formem uma igreja, e o primeiro é que nosso povo adotou muitos dos valores de nossa sociedade de consumo e

lazer.

Vemos isso no estilo de vida das pessoas. Um pastor do estado do Colorado reclamou recentemente por causa das viagens de fim de semana dos membros. A igreja dele fica nos arredores de I Denver e muitos membros possuem casas de campo em locais não muito distantes dali. Em certos períodos do ano — na temporada de esqui, por exemplo, que pode ir do início de novembro até o meio de abril — muitos membros, em geral constantes, têm frequência irregular. É inútil tentar manter um espírito de comunidade.

Também vemos o consumismo nas expectativas das pessoas. Não muito tempo atrás participei de uma conferência de leigos de uma denominação importante. Quando perguntei:

— O que vocês esperam de um sermão?

Um dos participantes disse:

— Queremos sermões que nos façam começar a pensar de um jeito novo sobre alguma coisa.

Em nome do estímulo intelectual, aquelas pessoas queriam consumir ideias novas em vez de

serem confrontadas com as velhas verdades das Escrituras. A atitude delas reflete a dos ouvintes, um espírito consumista inclinado a ser servido.

Segundo, os frequentadores têm menos laços fortes com os outros na igreja. Em minha última igreja, para os que estavam próximos da aposentadoria, a igreja era um clube. O grupo do jantar especial na igreja era o mesmo do jantar festivo na cidade. Se lhes perguntasse “quais os seus cinco melhores amigos?”, a maioria citaria o nome de pelo menos três pessoas da igreja.

Até uma geração atrás, a maioria das pessoas que frequentava nossas igrejas vivia na mesma cidade, pegava correspondência na mesma agência de correio e fazia compras nas mesmas lojas. Muito da vida delas era partilhada antes mesmo de chegarem à igreja na manhã de domingo.

Mas para a maioria dos jovens da minha última congregação, a igreja era apenas um dos muitos pontos de parada ao longo de uma avenida cheia. Muitos viviam a vinte ou trinta minutos de carro e nem conseguiam mencionar o nome de um amigo chegado na

igreja.

Terceiro, um frequentador normal da igreja está bem desacostumado com o linguajar cristão. As pessoas chegam à igreja no domingo sem um conhecimento prático do cristianismo. Elas ouvem nossas palavras sem algumas pressuposições fundamentais das Escrituras.

Recentemente, uma mulher reclamou para mim por causa do grupo de jovens do qual sua filha de dezessete anos participa. A menina afirmara algo assim: "A Trindade é um conceito fora.de moda. Não precisamos mais pensar em Deus desse jeito tão complicado".

O líder dos jovens dissera: "Bem, isso está errado. Não é assim que os cristãos entendem isso".

A mãe ficara profundamente ofendida: como o pastor de jovens podia ter sido tão presunçoso para dizer à menina que ela estava errada?

"Sua filha é muito brilhante", respondi depois de ouvir a mãe. "Ela conseguiu uma bolsa excelente na faculdade que escolheu. Mas é ignorante e desinformada quanto à doutrina cristã. Como cristãos, não estamos aqui para dizer: 'Concordo com isso ou discordo daquilo'. Estamos aqui para ser instruídos, para ser iniciados num modo muito diferente de ver as coisas".

Quarto, muitos encaram os sermões como consumidores à procura de um bom serviço. Algumas semanas antes do meu primeiro sermão de paraninfo em Duke, chamei de lado alguns for-mandos que conhecia bem e lhes pedi sugestões.

"Por favor, fale de Deus", disseram. "Vão nos dizer nos discursos de formatura que somos 'a esperança de amanhã'. Mas na mensagem de paraninfo, não bata leve."

Mas no ano passado, quando fui fazer o mesmo, ofendi o pai de um formando. Estava falando sobre a incerteza dos jovens adultos quando enfrentam o futuro. E depois disse algo assim: "Vocês devem estar inseguros, com os grandes déficits em que caímos, coisa que vocês vão ter de pagar. Talvez vocês tenham sido criados pela geração mais egoísta que já dirigiu os Estados Unidos. Não é de admirar que estejam assustados".

Mais tarde, um pai irritado me disse: "Não paguei cem mil dólares por esse curso para ouvir alguém me dizer o quanto sou mau".

Aparentemente ele achou que não recebeu a devida paga pelo dinheiro empregado.

Confira as atitudes

Nossas igrejas volúveis podem nos tentar em duas direções. Por um lado, podemos ceder à sua mentalidade consumista. Evitamos controvérsias, mesmo que sejam bíblicas, e nos empenhamos para fazer as pessoas sentirem-se bem, moldando o culto para que saiam animadas no final.

Por outro lado, o ceticismo pode se estabelecer: "Minha gente não se importa com o evangelho. Tudo o que as pessoas querem é se distrair, se sentir bem com a vida miserável que levam". Então pregamos sem esperar nenhuma mudança expressiva.

Uma reação melhor exige uma mudança fundamental de atitude. Tenho visto ao longo dos anos que o comportamento de uma igreja é às vezes decepcionante. Embora o caminho seja longo, há sinais claros de que desejam tornar-se uma igreja. Apresento três atitudes que desenvolvi para me lembrar disso.

Primeiro, fico maravilhado quando as pessoas aparecem. Há uma porção de outras coisas que as pessoas poderiam fazer domingo de manhã. Muitos fazem sacrifícios para chegar à igreja.

No inverno passado, o presidente da Duke me incumbiu de gastar mais tempo com os alunos, de modo que certa madrugada de domingo (duas e meia da manhã), depois de um jogo de basquete, fui a uma fogueira com alguns deles. Cheguei até um aluno que conhecia, e ele ficou surpreso em me ver. Então falei em tom de brincadeira:

— Bom dia, David. Aposto que você não vai estar na capela de manhã.

— Vai ser mais fácil para mim do que para você — brincou comigo. — Estou acostumado, e você não.

— Eh, David. Você é muito novo e arrogante! — respondi. Então passamos meia hora falando dele. *Não acredito que estou aqui,* pensei. *Devo pregar daqui a poucas horas.*

Mais tarde, de manhã, às cinco para as onze, eu estava em pé junto ao coro no fundo do templo quando David entrou.

— Você está de pé! — disse eu surpreso.

— Estou — disse ele, — e pareço melhor do que você. E você deve ter dormido mais que eu.

Isso mesmo, pensei. *E não bebi o que você bebeu ontem.*

Enquanto se dirigia para o templo ele disse:

— É bom você caprichar hoje.

Quando penso nas quinhentas razões para não ir à igreja, quando imagino como a pregação deve parecer arcaica para as pessoas — e como prego de maneira desagradável certos dias — fico totalmente maravilhado com as pessoas que aparecem sistematicamente.

Segundo, aprendi a gostar das surpresas agradáveis do ministério. Quando algo notável acontece em consequência da pregação, por exemplo, somos tentados a pensar: Bem, *já é não é sem tempo.* Em vez disso, quero ser grato ao Espírito de Deus que atuou, gerando fé e uma comunidade cristã.

Certa vez preguei um sermão sobre sexo e na semana seguinte recebi um telefonema de um pai.

— Não sei que tipo de reação você obteve no sermão do domingo passado — disse ele. — Mas só quero dizer que meu filho de dezessete anos estava lá.

Preparei-me para a bronca.

— Tive de brigar com meu filho para levá-lo à igreja na semana passada — continuou. — Eu o forcei fisicamente a ir. Quando ele chegou, estava irritado e sentou-se com os braços cruzados. Não ouvi direito o sermão porque estava muito ocupado cuidando dele — prosseguiu. — Mas quando você começou a falar de sexo, ele ficou boquiaberto. Ele ficou pasmo vendo você pregar sobre um assunto desses. Fiquei muito orgulhoso de estarmos lá. Fiquei orgulhoso do você. Quando você terminou, não falei nada. Mas quando estávamos voltando para casa ele disse: 'Cara, é assim que ele prega sempre?' 'É', respondi. 'É assim que costumam ser os sermões do Pastor Willimon', menti. Nem todos os seus sermões são tão interessante. Mas eu só queria agradecer a você o que disse no domingo.

Por fim, trato com respeito pastoral os que vieram para o culto. Muitos chegam com fardos para os quais estão buscando o socorro divino.

Nos meus primeiros quatro anos em Duke, lecionei somente na escola de teologia. Era a primeira vez desde a faculdade que não pregava, então frequentava a igreja local. Um domingo, entrei no templo e sentei-me ao lado de uma mulher de meia-idade. O órgão

ainda tocava o prelúdio, de modo que me virei para ela e perguntei como estava.

— Não muito bem — respondeu. Meu marido foi morto na semana passada.

— Como?

— Um motorista bêbado o matou — continuou. — O que torna a morte dele mais difícil é que estávamos separados.

— Sinto muito.

Recomposto, virei-me para cumprimentar um senhor que acabava de sentar-se do outro lado.

— George, como vai? — perguntei.

— Faz um mês que não venho.

— Algum problema?

— Bom, minha mãe morreu. Foi a pior coisa que me aconteceu. Sinto muita falta dela.

— Sinto muito ouvir isso.

O culto começou bem naquela hora. Fiquei muitíssimo grato com aquilo. Desde então nunca pensei que meus ouvintes não precisam da comunidade criada pelo evangelho ou que não a querem.

Treinamento coletivo

Sempre fico intrigado com os torcedores do time de basquete de Duke. Como se houvesse um comando, quando o técnico adversário sai do vestiário usando uniforme, todos os alunos do ginásio começam a gritar em uníssono: “Ele não é de nada! Não é de nada!”.

Como dois mil estudantes sabem quando começar e o que. gritar? São observadores astutos do jogo; foram treinados.

Para que nossa gente se torne uma igreja também é preciso treinamento. As forças centrífugas que dispersam as pessoas em nossa cultura são fortes. Não podemos simplesmente esperar que venham no domingo, sabendo o que devem fazer.

Aprendi que treiná-los pode ser mais fácil do que pensamos. Em uma das congregações que pastoreei, fui avisado de um membro considerado "cabeça quente". Um meses depois que cheguei, aquele homem se aproximou de mim depois do culto.

— Não consigo pensar do jeito que você falou hoje, pastor — disse ele. — Vai ver que não entendi alguma coisa, mas não acho que você esteja certo.

Na hora fiquei meio na defesa:

— Wally, não sei direito o que você ouviu...

— Calma lá — interrompeu. — Não pedi que você retire o que disse. Só estou dizendo que não entendi e por isso não concordo. Que tipo de pregador você é, afinal? Alguém que se levanta e diz alguma coisa e depois retira quando alguém discorda?

Mais tarde o homem disse:

— Aí é que está, você fica lendo livros o tempo todo. Fica pensando todas essas coisas maravilhosas. Eu tenho uma loja de informática e você pode aprender a cuidar de uma em um ano — há dezenove anos estou fazendo isso. Domingo é a única hora que me vejo como alguém pensante. Na segunda-feira, um aposentado que trabalha comigo e eu abrimos a loja e depois nos sentamos, tomamos café e conversamos sobre o seu sermão.

Wally, descobri, não era esquentado, era só um homem impaciente com pregadores que não levavam a sério o próprio trabalho. Jamais esqueci dos comentários dele. Ele me autorizou a tratar de coisas importantes nas manhãs de domingo. Se o dono de uma loja de informática estava interessado em interagir com o sermão de domingo, eu sabia que poderia treinar os outros para fazerem o mesmo.

Minha primeira prioridade, portanto, é pregar um sermão que fale do evangelho, em vez de fazer um discurso que explore as experiências das pessoas. Na tentativa admirável de ser relevante,

ouço muitos sermões que apresentam soluções terapêuticas travestidas de "princípios" bíblicos, em que a Bíblia acaba parecendo a mais nova onda na psicologia popular.

Além disso, meu sermão não deve ser uma preleção ou um discurso político. Quando pregamos sermões desse tipo, só reforçamos os hábitos das pessoas. Elas passam a esperar que o sermão trate, acima de tudo, daquilo que acontece no mundo delas.

Pelo contrário, o sermão trata, acima de tudo, de Jesus Cristo e do que ele fez por nós e do que ele ordena que façamos para ele e uns para os outros. Quero pregar de tal modo que as pessoas esperem ouvir alguma palavra nesse sentido. Em suma, quero treiná-las para que não perguntem: "Isso foi importante para as últimas coisas que aconteceram no meu mundo?", mas: "Esse sermão foi fiel ao texto revelado das Escrituras?".

Num sermão recente sobre a passagem de Efésios que fala sobre não deixar que palavras torpes saiam de nossa boca, eu disse: "Vocês me conhecem. Gosto de pregar sobre coisas graves — sexo, guerra, racismo — sobre os pecados grandes. Mas o que Efésios está falando hoje parece muito insignificante. Um dos motivos pelos quais gosto dos pecados grandes é que é mais fácil falar dos problemas raciais da África do Sul do que daquilo que aconteceu na última reunião do conselho".

Fiz um contraste entre o que eu queria pregar e os alvos claramente explicitados no texto. Então comecei a pregar a passagem que me fora dada. Enviei uma mensagem clara de que o que prego não é necessariamente ideia minha; sou obrigado pelas Escrituras, e isso é o que as pessoas estão percebendo.

Se minha primeira obrigação é ouvir a Palavra (em contraste com as palavras humanas), minha segunda obrigação é fazer as pessoas reagirem à Palavra, fazê-las falar dessa Palavra. Não faz muito tempo preguei um sermão sobre Romanos 1. O apóstolo Paulo começa Romanos com uma lista enorme de pecados: inveja, malícia, assassinato e coisas semelhantes. Depois de se referir à passagem, apresentei algumas estatísticas dos crimes violentos no estado da Carolina do Norte.

Então disse: "Paulo nos dá sua lista de estatísticas devastadoras. Mas então, depois de montar esse quadro deprimente a que 'Deus os entregou', ele passa para 'Deus veio a nós'".

Ilustrei com uma história do jornal *Durham Morning Herald* sobre uma mulher negra cujo irmão levara um tiro e morrera quando ia preparar um peru para os pobres antes do Natal. Junto com o artigo havia um retrato de cortar o coração: a mulher prostrada na calçada, gritando de desespero.

O artigo registrava as palavras dela: "Não devia ser assim". A mãe daquele homem e da mulher também estava ali, segurando uma Bíblia. Alguns amigos também estavam presentes e teriam dito: "Vamos descobrir quem foi e vamos matá-lo!"

Mas apontando para a Bíblia, a mãe disse: "Não, esta é a minha arma".

Concluí o sermão, dizendo: "Quero que ouçam essas duas mulheres e lembrem-se de

duas coisas: primeira, isso não devia acontecer; nós criamos essa confusão e podemos mudar por meio de Jesus. Segunda, a Bíblia é nossa arma, não foguetes ou revólveres".

Queria que meus ouvintes saíssem do culto dizendo: "Achei isso terrível, deprimente" ou "isso me parece meio simplista. O Pastor Willimon acredita mesmo que a resposta para os índices de crime em Durham é Jesus — basta aceitar Jesus que tudo se resolve?" Assim, preguei para obter uma reação, para fazer as pessoas pensar e falar.

Depois de um filme ou de um concerto excepcional, as pessoas saem e se veem falando com gente totalmente estranha só porque juntas experimentaram algo fantástico. Quero que o mesmo ocorra como resultado de minha pregação, mesmo que minhas hipérboles às vezes não sejam bem compreendidas.

Talvez eu queira atacar as experiências das pessoas com as verdades violentas do evangelho. Como disse Martinho Lutero, "o sermão é o raio lançado do céu para explodir pecadores impeniten-tes e ainda mais os santos íntegros".

O treinamento pastoral

Mas o treinamento de nossos ouvintes para algo mais que consumo na manhã de domingo pressupõe que compreendemos o mundo em que eles vivem. Isso requer que nós sejamos treinados. Em outras palavras, precisamos nos tornar pastores se quisermos que nosso povo se transforme numa igreja.

Certa vez visitei uma mulher frágil de minha igreja no trabalho dela. Os dois homens para quem trabalhava eram irmãos, ambos vulgares e odiosos. O ar do escritório estava pesado de fumaça de charutos. Fiquei com falta de ar quando entrei ali.

Falava com a mulher junto à mesa dela quando um dos irmãos gritou de outra sala:

— Onde está a droga daquele relatório?

— Não sei onde está o relatório G - d — gritou o outro, sentado na sala do outro lado do corredor.

— Peggy — gritou um dos dois — encontre esse maldito relatório.

— Estou falando com o meu pastor — respondeu ela. — Pego para você em dois minutos.

— Não quero saber com quem você está falando — disse um deles. Quero o relatório

G - d!

Ela se virou para mim e disse:

— É isso que vivo oito horas por dia, cinco dias por semana. Já consigo ouvi-los gritando pelos corredores quando chego de manhã.

Alguns meses depois de minha visita, eu ainda conseguia sentir o ambiente de trabalho dela.

As visitas pastorais são um grande treinamento para o pregador; é uma forma de se preparar para a mensagem. Muitas vezes, quando fico lutando com uma passagem durante a semana, de repente tenho um estalo enquanto ouço alguém durante uma visita na casa da pessoa. Isso disciplina a minha linguagem e me fornece uma visão da alma das pessoas.

Nosso cuidado pastoral afeta nossa pregação. Depois de alguns anos em Duke, minha esposa me disse que achava que meus sermões estavam menos intelectuais. *Quê?* Pensei. *Como pode? Estou pregando num ambiente acadêmico!*

Mas ela estava certa. Quando pastoreava a Igreja Metodista de North Side, uma igreja de operários, eu dizia: "Hoje vou lhes falar a respeito do significado do batismo cristão. Em primeiro lugar...". Ali eu explicava mais, tentando abertamente ensiná-los enquanto pregava.

Em Duke, porém, minha impressão é que meus ouvintes não entram na capela para ouvir outra preleção. *Claro, estou numa universidade. Preciso apelar à mente deles.* Mas a turma de Duke reage negativamente quando o pregador tenta competir intelectualmente com ela. Já cansei de ouvir os professores dizendo: "Quem ele pensa que é? Não vim aqui ouvir um acadêmico de quinta categoria".

Então, quando prego em Duke procuro intencionalmente a essência; quero que meus ouvintes sintam a verdade. É o que eles querem, também. No domingo passado, um solista negro cantou:

"His Eye Is on the Sparrow", e vi de meu observatório privilegiado um professor de história bem credenciado remexendo um lenço.

Mais que um Rotary Club

O que digo aqui de maneira resumida é examinado em mais detalhes no livro *Peculiar*

Spee-ch: Preaching to the Baptized (Pregação peculiar: pregando aos batizados; Eerdmans, 1992). Mas muito do que estou objetivando pode ser sintetizado numa história.

Um ex-aluno estava pastoreando uma igreja pequena e, certo domingo, logo antes da oração pastoral, ele perguntou à igreja quais eram os pedidos de oração.

Uma mulher chamada Mary levantou-se e disse:

— Meu marido Joe saiu de casa esta semana e foi embora de vez. Não sei como as meninas e eu vamos sobreviver. Por favor, ore por nós.

O pastor ficou atordoado. Como alguém podia ser tão deselegante apresentando um pedido desses durante o culto? *Ela está violando as regras, pensou. Só oramos publicamente por operações de vesícula ou por sogras hospitalizadas. Isso é demais.*

— Bem, querida — falou uma mulher mais velha, interrompendo os pensamentos dela. — Não sei se temos de orar por isso. Quando meu marido me deixou, eu sobrevivi por meio de pessoas que estão bem aqui nesta igreja. Vamos ajudá-la.

Zonzo, o pastor ouviu em silêncio.

— Mas o que vou fazer? — perguntou Mary. — Só tenho o primeiro grau. Nunca trabalhei na

vida.

— É estranho que isso tenha acontecido bem agora — falou um homem sentado mais atrás. — Estou procurando um empregado. Não posso pagar muito pelo serviço, mas seria o suficiente para você se sustentar. Na verdade não preciso de experiência, podemos ensinar o serviço. Você pode me procurar depois?

O pastor se recuperou o suficiente para orar e depois encerrou o culto da manhã.

No domingo seguinte, porém, quando se levantou no púlpito, ele disse: "No domingo passado, quando Mary pediu oração, foi um momento sagrado para nós. Mary nos transformou em igreja. Não tenho certeza de que éramos uma igreja antes de ela ter confiado aquilo a nós.

"Muitas vezes perguntei se valia a pena ir para o seminário e tornar-me pastor. Questionava se a igreja não passava de um Rotary Club santificado ou de um clube social feminino. Quero dizer em nome de todos: 'Obrigado, Mary' e 'obrigado, Senhor,

por nos transformar em igreja’.

Meu aluno amigo foi modesto demais, porque foi sua pregação, seu pastorado — tarefas milenares do ministro — que desenvolveram as virtudes que brotaram naquele culto. É só um pequeno exemplo do que pode acontecer na igreja: ela realmente pode transformar-se numa verdadeira igreja.

As ideias para sermões faíscam quando os problemas das pessoas batem como pedras de fogo no aço da Palavra de Deus.

— Haddon Robinson

Capítulo 10 Para ter o que dizer

Pregar bem é difícil. Espera-se que sejamos bem-humorados, cordiais e sábios. E, na semana seguinte, precisamos fazer tudo de novo.

Relata-se que o grande escritor de ficção científica H. G. Wells teria dito que a maioria das pessoas só pensa uma ou duas vezes na vida, ao passo que ele ganhara reputação internacional por pensar uma ou duas vezes por ano.

Um número enorme de pastores tem de pensar uma vez (ou mais) por semana! Muito mais do que gostaríamos de admitir, começamos preparando um sermão com a sensação, não de que temos algo para dizer, mas de que precisamos dizer algo. Só uma vez em cada vinte começo um sermão com a sensação de que ele está se desenvolvendo bem. 0 processo criativo é acompanhado de um sentimento de ambiguidade, incerteza ou de tentar revelar o desconhecido.

Como a dona-de-casa cujo alvo de três refeições nutritivas por dia é complicado por bebês que saem engatinhando e fazendo bagunça, responsabilidades de um emprego de meio período, cestos transbordantes de roupa suja e um telefone que não para de tocar, as múltiplas responsabilidades da vida pastoral tornam ainda mais difícil pensar com clareza e escrever sermões.

As pessoas nunca morrem numa hora conveniente. Os encargos administrativos preocupam os pastores com dezenas de detalhes que não acabam. A fadiga emocional por lidar com os problemas das pessoas drena as energias criativas. E a necessidade de falar várias vezes por semana vai além da nossa capacidade de assimilar a verdade plenamente na vida.

Assim como donas-de-casa espertas encontram recursos inteligentes para alimentar a família — uma combinação eficiente de receitas rápidas, lanches saudáveis, um especial de micro-ondas e alguns jantares completos— os pastores também podem encontrar meios de manter refeições espirituais saborosas e balanceadas sobre a mesa.

Fases distintas

Quando sentimos que não temos nada para dizer num sermão, em geral isso acontece porque pusemos os carros adiante dos bois. Estamos pensando no sermão antes de compreender o texto. Em vez disso, precisamos dividir a preparação de nosso sermão em duas fases distintas.

(1) O que vou dizer? Começo o processo concentrando-me no conteúdo, não na transmissão. Quando nos aproximamos do texto com um espírito do tipo "como vou extrair um sermão daqui?", poluímos o processo. Podemos acabar manipulando o texto por causa de um esboço, em vez de primeiro tentar observar, interpretar e avaliar o texto.

Para uma mensagem baseada na história de Cristo acalmando a tempestade, comecei meu estudo pressupondo que a ideia principal de meu sermão seria que podemos contar com Cristo para acalmar o vento e as ondas de nossa vida. Mas enquanto estudava o texto, percebi que não podia prometer às pessoas que elas jamais afundariam só porque Cristo estava com elas nas tempestades da vida.

Essa passagem precisa ser vista em seu contexto mais amplo. Jesus chamou os discípulos e lhes falou da natureza de seu reino: ele começará pequeno, mas se espalhará amplamente. Naquele estágio inicial, tudo dependia dos homens naquele barco —Jesus e os discípulos. Se eles se afundassem, o reino se dissiparia. O importante na passagem é que o reino acabará triunfando por causa do poder do Rei. Essa é uma verdade eterna que sai da ênfase nas tempestades pessoais na minha vida e se vou ou não afundar e vai para o reino eterno que jamais falhará.

Se eu prometesse que Cristo acalma todas as tempestades, teria distorcido o texto, fazendo-o dizer o que eu queria. Em lugar disso, preguei o que o texto me ensinou.

Aprendi a deixar o entendimento do texto dominar o processo do sermão no início e, mais tarde, deixar a homilética dominar. Tenho mais materiais do que consigo pregar quando primeiro tento compreender e interpretar o texto propriamente dito. Pergunto: *o que o autor bíblico está fazendo?* Depois estudo o contexto para encontrar o fluxo do pensamento. (Em geral obtenho mais ideias para pregação no contexto do que no estudo

da gramática e da estrutura das palavras na língua original.)

Ao estudar o contexto, cheguei ao tema principal para um sermão sobre lPedro 5. “Aos presbíteros que há entre vós”, escreve Pedro, “eu, presbítero como eles, e testemunha dos sofrimentos de Cristo, e ainda coparticipante da glória que há de ser revelada” (v. 1). Em meu estudo, descobri que o tema do sofrimento acompanhado de glória percorre toda a epístola de 1 Pedro. Seja no casamento, seja no governo, seja na família — ou na igreja— quando sofremos por Cristo, experimentamos a glória de Cristo. Meu sermão, portanto, destacou esse tema aplicado aos líderes da igreja.

(2) Como vou dizer isso? Nessa fase, passo para a questão da comunicação. Como levar às pessoas as ideias que descobri na passagem de um jeito que lhes desperte interesse, motive, informe e transforme? De tudo o que eu poderia dizer dessa passagem, o que vou escolher para dizer?

Essa parte do processo também pode nos fornecer algo significativo para dizer. Logo pergunto: *qual a linha de ação que o autor bíblico está tomando aqui? Basicamente, ele está (a) explicando, (b) estipulando ou (c) aplicando?*

Se a passagem é principalmente uma explicação, então meu sermão será principalmente didático. Na parábola do fariseu e do publicano (Lc 18.9-14), o propósito central da passagem é ensinar que a pessoa que vê a Deus como Deus e se humilha diante dele é justificado e exaltado, e a pessoa que se exalta diante de Deus permanece em seus pecados.

Por conseguinte, meu sermão concentra-se em explicação, não em exortação. Escavo por baixo das pressuposições que temos sobre fariseus e coletores de impostos, ajudando meus ouvintes a entrar na mente desses dois homens. O que eles pensavam a respeito deles mesmos? O que os outros pensavam deles? Como ficariam esses papéis hoje? Falei a respeito da natureza dos pecados de hipocrisia, justiça própria e desobediência.

Um dos melhores jeitos de vencer o “bloqueio de sermão” é pensar: *em que é difícil acreditar nessa passagem?*

Podemos subestimar a necessidade de provar a veracidade de um texto. Mesmo que não haja uma inclinação cética em nossa mente, precisamos perguntar: *será que meus ouvintes vão acreditar nisso? Isso se conforma com a minha experiência? E com a deles? Se não, por que não?*

Nossa experiência não rege a Bíblia, mas precisamos explicar as discrepâncias que

percebemos entre o que a Bíblia diz e a nossa realidade. Suponha que uma pessoa ouça a passagem "se dois dentre vós concordarem a respeito de qualquer coisa ser-lhes-á concedida". Ela pensa: *e se eu quiser um Cadillac azul? Se eu conseguir que dois presbíteros concordem comigo em oração, o negócio está feito?* Como a maioria das pessoas, ela questiona: *será que acredito nisso?* Em meu sermão, tento ser um advogado para ela. A pessoa não vai levantar a mão para me interromper, mas como a maioria nos bancos hoje, ela ouve os sermões com um senso agudo de ceticismo. O pregador que desconsidera isso está desconsiderando a realidade. C. S. Lewis tem sido popular em décadas recen-

tes em grande parte porque lida com a pergunta: "Isso é mesmo verdade?". Ele supunha que as pessoas precisam ser convencidas.

Boas ideias para a pregação também brotam quando aplicamos as verdades da Bíblia à vida das pessoas. As ideias para sermões faíscam quando os problemas das pessoas batem como pedras de fogo no aço da Palavra de Deus.

Às vezes não conseguimos achar muito o que dizer porque nosso pensamento é como o aço; tudo é Palavra de Deus, mas não a ligamos a situações específicas na vida contemporânea. Outras vezes, ficamos sem opção por sermos como as pedras de fogo; estamos voltados para as pessoas, mas carecemos do conteúdo autorizado que só as Escrituras podem trazer.

Mas quase sempre conseguimos acender uma chama de pregação quando juntamos esses dois elementos. Assim, parte de meu preparo é fazer as seguintes perguntas de aplicação: que diferença isso faz? Quais as implicações para nossa vida nesse texto? Se alguém levar esse texto a sério e tentar vivê-lo segunda-feira de manhã, em que a vida dessa pessoa deve mudar?

Truques de cozinha

Como recursos que nos poupam trabalho na cozinha, há jeitos de escrever sermões sem tanta pressão de encontrar algo para dizer.

Apresento seis "truques de cozinha".

(1) Crie um calendário de pregação. Muitos pastores estabelecem um plano do que vão pregar no próximo quadrimestre, semestre, ano. Podemos fazer um retiro de alguns dias e perguntar a nós mesmos as necessidades da igreja, os assuntos que sentimos Deus imprimir em nosso coração, os temas pelos quais estamos avidamente interessados.

Um calendário de pregação não precisa nos deixar amarrados. Se algum golpe brilhante de Deus nos atingir, sempre podemos mudar nossos planos de pregação. Mas se não, quando entramos no gabinete, temos a sensação de uma orientação resultante de muita reflexão, muita oração.

Meus calendários têm sido baseados primeiramente em séries expositivas de livros inteiros da Bíblia (o que me dá muito mais do que o suficiente para encher qualquer depósito).

Depois de estabelecido o calendário, podemos providenciar arquivos para cada série de sermões, que se tornarão depósitos para informações interessantes que encontrarmos nas semanas e meses antes de pregar esses sermões. Quando finalmente chegar a hora de preparar o sermão, já teremos coletado ilustrações, citações e ideias.

(2) Trabalhe nos sermões em ciclos de dez dias. O propósito de um ciclo mais longo é fornecer tempo de maturação.

Na quinta-feira, dez dias antes do domingo em que vou pregar, faço meu estudo exegético. Leio o texto e penso nele até dar com uma parede. Então escrevo o que me segura: quais as palavras que não entendo? Quais os problemas que não consigo resolver? Quais as ideias que não fazem sentido? Se você não conseguir determinar especificamente os seus problemas, não vai encontrar as respostas.

Assim, dez dias antes de pregar um sermão, sei em que preciso pensar, coisa que faço enquanto dirijo, tomo banho ou espero o sono na cama à noite. Isso também dirige minha leitura. Sei onde estão as falhas na minha compreensão e posso encontrar as respostas de modo mais rápido. Posso consultar vinte comentários em uma hora se souber os problemas fundamentais.

Muitas vezes, quando me sento para retomar o estudo na quinta-feira seguinte, as dificuldades na passagem estão muito mais esclarecidas. Penso: *mas por que fiquei tão enroscado?* Quando pre-guei um sermão sobre as sete igrejas em Apocalipse, fiquei curioso sobre as sete cidades e como elas afetavam as igrejas. Fiz uma pesquisa complementar que acrescentou observações importantes. Se tivesse escrito o sermão um ou dois dias antes de pregar, não poderia ter feito aquilo.

Nesse ciclo, meu próximo tempo de estudo é cinco dias depois, na terça-feira, quando termino meu trabalho exegético e organizo o sermão. No fim do dia, quero ter pelo menos o esboço homi-lético do sermão e a introdução completa. Também posso começar a moldar os movimentos principais.

Minha última parte no preparo ocorre na sexta-feira. Termino de escrever e realmente tenho tempo para reorganizar e lapidar.

(3) Estudo em dose dupla. Duane Litfin, presidente do Wheaton College, foi quem primeiro me apresentou a ideia de preparar dois sermões a partir da análise de uma passagem para pregação. Quando ele pastoreava em na cidade de Mênfis, se a mensagem da manhã de domingo tratava principalmente de explicar ou provar a veracidade da passagem, à noite ele se concentrava na aplicação. Ou, no domingo à noite ele desenvolvia um subtema da passagem que não pôde receber a devida atenção na mensagem da manhã. Em Filipenses 2.1-11, por exemplo, ele pregaria de manhã sobre ser humilde como Cristo e, à noite, sobre a doutrina da humanidade de Cristo.

(4) Pense visualmente. Pense nas palavras num espectro, com palavras e ideias abstratas no alto da escada e ideias concretas na base. Os acadêmicos sobem a escada da abstração; os comunicadores descem para chegar o mais perto possível das particularidades.

Quando tenho uma ideia, sem um quadro específico na mente, não acontece nada de interessante dentro de mim. Mas minha mente começa a voar quando tenho uma imagem.

Quando estudo um texto, pergunto: *que imagem estava na mente do autor bíblico quando ele escreveu isto?* Se o assunto é reconciliação, ele não escreveu sobre alguma doutrina abstrata; estava

pensando em inimigos fazendo as pazes. Quando estudo uma passagem dessas, levanto perguntas que me mantenham ligado à vida real: *como é ter um inimigo? Por que é tão difícil fazer as pazes?* Vou pensar em países na Europa, onde povos que viveram décadas juntos começam de repente a matar uns aos outros. *O que acontece quando vizinhos tornam-se inimigos?*

Não penso em ideias abstratas como "paternidade". Penso em um bebê montado nos meus joelhos, em acordar de madrugada e ir tropeçando até o berço de uma criança que não para de chorar e dos sentimentos de amor e impaciência que acompanham tudo isso.

(5) Trabalhe o sermão falando alto. Minha família aprendeu que, se alguém entra no escritório e me ouve falando sozinho, estou ocupado com um sermão. Tenho conversas imaginárias com as pessoas a quem quero que os sermões ajudem:

— Robinson, você diz que Deus quer que a gente ame as pessoas, mas o que você faz quando vai lavar os pés delas e leva um chute na boca? Quantos chutes a gente leva até

dizer “chega!”?

— Três — continuo em voz alta para mim mesmo, — e então pode quebrar os dedos da pessoa. Não, eu não diria isso. O que eu diria?

Quando trabalhamos o sermão em voz alta, isso ajuda a definir nosso pensamento. Também nos faz sentir o fluxo das ideias no texto.

(6) Tome emprestado. Deus não nos dá nenhum ponto a mais por originalidade. Ele nos dá pontos por fidelidade e clareza. Ter na estante livros dos grandes mestre do mundo, pessoas que gastaram vários anos da vida estudando um livro como Romanos, e não usá-los é negar as muitas contribuições da igreja cristã. É um erro achar que em três horas de exegese vamos ter uma compreensão que se equipare à dos que gastaram anos estudando um livro.

Mas guarde os comentários para uma etapa posterior do processo. Se formos muito cedo para os comentários, eles inibem nossos pensamentos. Mas depois de ler toda a passagem e saber onde estão minhas dificuldades, os comentaristas tornam-se meus mestres.

Afluentes da maré alta na pregação

Tenho desenvolvido hábitos que me ajudam a coletar material para sermões de maneira contínua (não só para o sermão que vou pregar neste domingo). São afluentes da maré alta na pregação.

Primeiro, observo e interpreto a vida diária. Helmuth Thielicke disse: “O mundo é o livro ilustrado de Deus”. Podemos desperdiçar uma porção de experiências. Há lições nos fatos do dia-a-dia, em coisas tão corriqueiras quanto ficar preso no trânsito ou ouvir um piada.

Isso é ainda mais real quando acontece alguma coisa que nos atinja emocionalmente, seja isso positivo, seja negativo. Mesmo que não perceba de imediato o significado, escrevo o fato num cartão

e penso no assunto. É um fragmento da vida que um dia vai completar uma ideia, ilustração ou sermão.

Ler livros, revistas, ver filmes e televisão — até os comerciais — é outro jeito de observar a

vida.

Assisti a um filme estrangeiro, *Jean deFlorette*, que começa com alguém que mora na cidade, mas recebe de herança uma fazenda, muda-se para o campo e tenta aprender nos livros como cuidar da terra.

Querendo tomar a fazenda, alguns vizinhos inescrupulosos bloqueiam uma fonte que irriga a fazenda. O novo proprietário, sem saber que possui fontes, ora pedindo chuva. Juntam-se nuvens de chuva, mas ela cai do outro lado da montanha, sem regar suas terras. O homem acaba morrendo, e os corruptos compram sua fazenda por quase nada. Aí termina o filme.

Desliguei o vídeo profundamente deprimido. Disse à minha esposa: "É assim que muitos veem o mundo. Triunfa o mal — *e fim"*.

Mas se algum dia eu pregar sobre Acabe tomando a vinha de Nabal, o filme fará parte da minha introdução.

O que pergunto nos comerciais é: *o que eles querem que as pessoas façam?* Os marqueteiros gastam milhões de dólares em pesquisas para saber o que motiva as pessoas. Quando assistimos às propagandas, vemos os resultados das pesquisas deles.

Numa propaganda recente, uma escola buscava novos alunos, declarando várias vezes que seus formandos ganhavam mais dinheiro. A escola não prometia que suas aulas dariam mais preparo aos alunos, que eles seriam melhores nem que se abririam portas para uma realização maior na carreira. A isca era o dinheiro. Na pregação, posso usar essa propaganda para levantar uma pergunta: se o dinheiro, por si, vai mesmo trazer satisfação.

Como outro afluente da maré alta na pregação, faço questão de conversar com pessoas diferentes de mim.

Aprendi a aproveitar ao máximo o poder das perguntas: Como você se sustenta? Em seu campo de trabalho, quais são os seus maiores problemas? Quem são as pessoas bem-sucedidas no seu mundo? Para você, o que faz as pessoas serem vitoriosas ou fracassadas? De que você tem medo? Se você pudesse ter qualquer coisa do mundo, o que teria?

Conheci um homem que tinha uma firma de manufatura de plástico.

— Como você concorre com os grandões na sua área? — perguntei.

— Serviço — respondeu. — Presto o melhor serviço aos meus clientes.

Ele começou a descrever até que ponto chegava para dar aos clientes o que eles queriam. En-tendi que hoje o produto pode não ser tão importante para as pessoas quanto o espírito e o serviço que o acompanham. Qualquer hora, isso pode ser aproveitado num sermão sobre evangelização.

Uma das conversas mais interessantes que tive recentemente foi com um homem com AIDS. Ele havia se envolvido num relacionamento homossexual com alguém com quem pensava ter uma "relação de amor".

— O outro não me disse que tinha AIDS — disse ele com tristeza.

Ele descreveu o medo de morrer em poucos anos e a raiva que sentia porque alguém a quem amava lhe fizera algo que o mataria. Falou de sentimentos de remorso, de ficar isolado, de querer o afeto dos outros, mas não sentir afeto neles, de ser sexualmente frustrado e, ao mesmo tempo, de odiar o sexo por seu poder de sedução.

— Não posso fazer com outra pessoa o que ele fez para mim.

Apesar disso tudo, tornara-se cristão. A conversa com ele me ajudou a compreender melhor as pessoas nessa situação. Essas conversas alimentam minha alma e acrescentam riquezas à pregação.

Atencão para a alma

Quanto mais alimentada a nossa alma, tanto mais conseguimos pregar sem ficar esgotados.

Das muitas disciplinas espirituais que alargam o espírito, a mente e a alma, precisamos encontrar aquelas que mais nos beneficiam. Tenho um amigo cujo filho entrou para um mosteiro em busca de espiritualidade. Ele encontra grande beneficio no voto de silêncio e nos longos períodos de meditação nas Escrituras. Essas disciplinas são menos proveitosas para mim. Mas é impossível descrever com palavras como minha amizade com certas pessoas tem-me beneficiado. Embora a companhia de grupos grandes mais me canse do que estimule, sempre reorganizo a agenda para gastar um dia ou dois com algum amigo.

Também precisamos reconhecer a diferença entre crescimento autêntico e crescimento emprestado. Conheço uma mulher que entende muito de música clássica. Quando ouve uma obra-prima, isso é alimento para sua alma. Tenho inveja dela. Queria que a música

me enlevasse como faz com ela. Às vezes quando a ouço falar de música, sou tentado a falar como ela fala. Mas eu estaria arremedando um crítico musical.

Nos nossos primeiros dias como cristãos e pregadores, precisamos de mentores e modelos para começar. O crescimento que eles inspiram em nós é autêntico se seus valores tornam-se realmente nossos, não algo que valorizamos porque esta ou aquela pessoa disse. Mas se tentarmos pregar exa-

tamente como eles, os mesmos temas que eles, vamos perder a integridade. Se você continuar fazendo isso, vai acabar sendo uma falsificação.

Há uma grande diferença entre alguém que tem grande prazer em meditar durante o pôr do sol e alguém que medita ao pôr do sol porque isso é o que fazem as pessoas "profundas". Podemos ler em *Pregação e Pregadores* o que Martin Lloyd-Jones fala da importância da urgência na pregação, mas se tentarmos ser mais urgentes sem ter os valores e as paixões que geram urgência, nossa pregação parecerá artificial para nossos ouvintes.

As ideias, temas, experiências, virtudes, autores e artes que se apegaram à nossa alma são aquilo que faz transbordar nosso cálice de pregação.

O número de assuntos que precisam ser tratados é tão grande, a quantidade de informações para a pregação nas Escrituras é tão gigantesca, as necessidades das pessoas são tão inesgotáveis, que um pregador não conseguiria terminar todo o trabalho mesmo que tivesse dez vidas. Se organizarmos nosso trabalho homilético e permanecermos plenos de Deus, é mais provável que, na maioria das vezes, ao nos sentar para preparar nossos sermões, não só tenhamos algo que dizer, como tenhamos mais para dizer do que o tempo permite.

As ideias, temas, experiências, virtudes, autores e artes que se apegaram à nossa alma são aquilo que faz transbordar nosso cálice de pregação.

O número de assuntos que precisam ser tratados é tão grande, a quantidade de informações para a pregação nas Escrituras é tão gigantesca, as necessidades das pessoas são tão inesgotáveis, que um pregador não conseguiria terminar todo o trabalho mesmo que tivesse dez vidas. Se organizarmos nosso trabalho homilético e permanecermos plenos de Deus, é mais provável que, na maioria das vezes,ao nos sentar para preparar nossos sermões, não só tenhamos algo que dizer, como tenhamos mais para dizer do que o tempo permite.

Podemos realizar atos heroicos de sacrifício, compromisso e abnegação por algum

tempo, mas um dia, se não prestarmos atenção às nossas necessidades pessoais, acabamos sem gás.

— Steve Brown

Capítulo 11

Força para a correria da semana

Ben Haden, pastor da Primeira Igreja Presbiteriana de Chattanooga, no estado norte-americano do Tennessee, velho amigo meu, havia falado num encontro em Miami e eu o estava levando ao aeroporto. Na época, além de pastorear, eu ia de avião toda semana para um Seminário Teológico Reformado, onde trabalhava como professor adjunto de homilética e apresentava um programa de rádio que atravessava as noites de domingo (e dormia a maior parte da segunda-feira, meu dia de folga).

Eu achava que estava administrando aquilo até que bem. Apesar de me agitar e me virar a noite inteira, eu pensava: *vou dormir melhor amanhã.*

Embora às vezes tivesse de lidar com uma carga injustificada de raiva ou de depressão leve, dava de ombros, pensando que se tratava apenas de mais uma semana pesada. As pessoas na igreja diziam: "Pastor, você parece cansado", mas aquilo fazia-me sentir melhor. Além disso, eu pensava: você não pode prestar muita atenção a isso, senão vai acabar como uma criança mimada. Em todo o caso, tirava um dia ou outro para jogar golfe ou ir à praia.

— Steve, você está perto de um esgotamento nervoso", disse Ben no caminho para o aeroporto.

Aquilo me deixou sem resposta; eu não queria admitir, mas depois de refletir um pouco, per-cebi que ele estava certo. Eu estava exausto.

Às vezes, quando as pressões do ministério me atingem, tenho uma fantasia de voltar para a Carolina do Norte, para um estilo de vida mais simples. Volto a ser disc-jóquei (ou melhor, um técnico de discos de vinil), trabalho das nove às cinco, vejo televisão, amo as pessoas e passo tempo com a família. Houve tempo em que eu dizia brincando — mas isso era mais sério do que qualquer um imaginaria — que, se deixassem levar minha esposa, poderia tornar-me um monge trapista.

Muitas coisas podem transformar o ministério numa correria semanal. Tédio. Tempo que falta, trabalho que sobra. Inúmeros probleminhas que vão nos golpeando pouco a pouco. Crises eventuais que nos engolem.

Onde encontrar energia para enfrentar o entra semana, sai semana do ministério? Em particular, como encontrar energia e criatividade para pregar com eficiência durante

décadas?

Acorde os fantasmas do passado

Durante a Revolução, George Washington certo dia visitou uma igreja. Reconhecendo-o, o pastor tirou o chapéu. Washington disse: "Reverendo, ponha o chapéu de volta. Nós dois temos feito a mesma coisa — o que se espera que façamos".

O ministério é uma correria semanal, mas é o que se espera que façamos. Às vezes, podemos criar fantasias sobre outro trabalho ou sobre uma vida diferente, mas, se formos realistas, pessoas equilibradas, na maioria das semanas simplesmente voltamos e fazemos o que temos de fazer.

Entretanto, podemos manifestar atos heroicos de sacrifício, compromisso e abnegação por algum tempo, mas um dia, se não prestarmos atenção às nossas necessidades pessoais, acabamos sem gás. Isso afeta todo o ministério e, em especial, nossa pregação.

Em particular, descobri que às vezes corremos de um lado para outro no ministério como robôs malucos, recusando-nos a desacelerar porque não estamos dispostos a resolver algum conflito interno.

Divido o escritório com um homem que leciona psicologia no Seminário Reformado. Ele tem na parede um desenho que retrata um grande auditório só com três pessoas sentadas; a legenda diz: "Convenção Anual de Filhos Adultos de Pais Normais".

Como a maioria das pessoas, os pastores carregam do passado uma bagagem que afeta suas emoções e o modo pelo qual lidam semanalmente com as pressões do pastorado. Embora possamos negar essa bagagem por um tempo, em algum instante vamos ter de lidar com ela.

Eu sabia que havia fantasmas no meu passado, mas eles estavam dormindo, e eu não queria acordá-los: meu pai era alcoólatra e eu cresci ouvindo minha mãe ameaçando deixá-lo. Quando estava com doze anos, dei de frente com a amante dele. Pode-se imaginar a solidão, a vergonha, a raiva e o medo no meio dos quais fui criado.

Décadas depois, como pastor, até que eu me saía bem. Trabalhava de manhã até a noite. Mas, no fim, tinha aumentado tanto a minha carga de trabalho (provavelmente porque não queria enfrentar meu conflito interno), que fiquei esgotado, a amargura e o medo de minha infância afloraram e eu não sabia como lidar com aquelas emoções explosivas.

Um amigo havia passado por experiência semelhante e conversou comigo. Um dia eu lhe disse: "Vou acordar esses fantasmas, mas vou preparado. Se eles me atacarem, eu saio correndo".

Pouco tempo depois, meu amigo participou de uma reunião em que eu era preletor. Mais tarde ele me disse: "Tenho um recado do Senhor para você. Acorde os fantasmas. Mas não precisa sair correndo. Eles não têm pernas".

Aos poucos lidei com aqueles problemas, perdoei meu pai e me livrei da sensação de vergonha que me fizera sofrer tanto tempo — é um longa história. Mas depois que enfrentei minhas mágoas do passado, reconquistei o equilíbrio para exercer um ministério ativo a longo prazo.

Voe nas asas de um pombo

Tenho pregado quando minha vida espiritual não está vibrante e tenho pregado quando estou experimentando a rica presença de Deus. A primeira experiência é como pedalar uma bicicleta sem marchas, subindo uma ladeira longa e íngreme; a segunda é como voar nas asas de um pombo.

Tornei-me cristão principalmente por motivos intelectuais e preguei intelectualmente durante anos. De vez em quando sentia-me enlevado ouvindo algum músico cristão, por exemplo, mas isso era tudo.

Treze anos atrás, entrei em crise no ministério. Eu estava intelectual e homileticamente preparado todas as semanas, mas espiritualmente desolado. Eu era convertido; cria nas doutrinas — caso contrário, não teria suportado o que estava suportando no ministério! Minha pregação era razoavelmente eficaz. Mas cheguei a um ponto em que meu pecado era mais real do que Deus para mim. Tudo era mais real do que Deus para mim.

"Deus, quero te conhecer", orava. "Não quero te conhecer de ouvir dizer. Custe o que custar, quero te conhecer."

Aquele foi o começo de uma longa jornada.

Independentemente uns dos outros, três amigos me enviaram *A Celebração da Disciplina*, de Richard Foster. Aquilo me abriu uma porta. Comecei a ler alguns contemplativos que eu mal conhecia: João da Cruz, Teresa de Ávila, Tomás Merton. Experimentei algumas das disciplinas espirituais, gastando tempo em silêncio na presença de Deus, por exemplo.

Aos poucos, Deus começou a se fazer presente, às vezes como paz silenciosa, às vezes como alegria incontrolável. Essa experiência mudou minha vida.

Aquela oração — "Deus, quero te conhecer; custe o que custar, quero te conhecer"— é o tipo de oração desesperada que precisamos fazer periodicamente na vida.

E, uma vez restaurada a nossa alma, precisamos criar meios para manter a intimidade. Penso que o segredo para isso não é uma grande fé ou uma grande disciplina ou uma grande decisão, mas simples honestidade.

No filme *Um Violonista no Telhado,* Tevye é um homem comum com uma vida de oração in-comum. O filme não o retrata como alguém de grande fé, mas ele ora com honestidade. Ele conta a Deus como se sente. Ele é verdadeiro. Ele não tenta impressionar a Deus.

Preciso ser verdadeiro com Deus. Meu momento devocional pela manhã é o único momento em que não preciso estar em cena,

sou completamente aceito. Ali derramo a alma, dizendo a Deus quando estou irritado, quando estou contente, às vezes chorando, outras, cantando.

Atalhos

Tempo e energia têm limite. Sob a pressão das responsabilidades e emergências semanais na igreja, só alguns sermões podem receber nosso esforço máximo. Um jeito, portanto, de manter a energia para pregar é aprender alguns atalhos.

♦ *Repita.* Nossas mães nos disseram que se não esperássemos duas hora depois de comer para nadar, teríamos uma congestão, nos afogaríamos e morreríamos. É um mito. Os professores de seminários contam aos alunos um mito semelhante: os pastores jamais devem repetir os sermões. Eles se esquecem de que durante o Grande Avivamento, George Whitefield pregou os mesmos poucos sermões dezenas, senão centenas, de vezes.

Há alguns bons motivos para repetir o material dos sermões:

Primeiro, se repetirmos um sermão mediano um ano depois, é provável que ninguém perceba, exceto sua esposa! As pessoas simplesmente não se lembram.

Segundo, a igreja muda em poucos anos. Em Key Biscayne, de início sentia-me terrível com a mudança de 80% dos membros que tínhamos a cada cinco anos. Então percebi

que aquilo me livrava de alguma pressão de aparecer com algo novo três ou mais vezes por semana. Dos 20% que permaneciam, metade provavelmente havia faltado na primeira vez que preguei a mensagem.

Terceiro, muitos sermões são bons demais para serem pregados uma só vez. Se uma ilustração abençoou a maioria da congregação, quero usá-la de novo em outra oportunidade. Algumas histórias engraçadas fazem você rir mesmo na segunda ou terceira vez.

Naturalmente, você pode exagerar. Um amigo me contou como havia usado a velha ilustração das pegadas na areia (em que a perplexidade do pessoa que sofre ao ver só um par de pegadas na areia é esclarecida quando o Senhor diz que ela foi carregada nos momentos mais difíceis) três vezes durante o ano. Depois da terceira vez, alguém lhe disse: "Obrigado pela ilustração, mas acho que três vezes já são suficientes".

Quando repetimos sermões, não devemos, claro, repetir profusamente o sermão inteiro. Podemos acrescentar ou subtrair ilustrações e pontos para mantê-lo atual. Só isso pode dar ao sermão um toque novo.

Incentivo pastores a desenvolverem "trilhas", unidades inteiras de dados que podemos usar em várias ocasiões. Por exemplo, tenho uma série de mensagens que tratam das doze prisões em que podemos nos encontrar: a prisão da responsabilidade, a prisão da culpa, a prisão do legalismo e assim por diante. Posso pegar trechos desse material e reproduzi-los como uma fita cassete em várias mensagens e ocasiões — um estudo bíblico na casa de alguém, um retiro de jovens, um boletim informativo. Se usada num sermão domingo de manhã, a trilha pode ser usada meses depois em outro sermão matinal de domingo.

♦ *Fale de improviso.* Depois de fazer um instituto bíblico ou um seminário, tendo pastoreado por vários anos, você sabe mais sobre a vida cristã do que 99% dos membros da sua igreja. Principalmente na cultura de hoje, não estamos pregando para pessoas de alta sofisticação bíblica ou homi-lética. Por isso, depois de dez ou vinte anos no ministério, acho que temos a liberdade de falar de improviso uma vez ou outra.

Falar de improviso não é o mesmo que deixar de preparar-se, mas apenas confiar em sua experiência e no Espírito Santo para conduzi-lo na apresentação de alguns assuntos básicos (como o que significa ser membro de uma igreja ou como a pessoa pode se tomar cristã).

Apresento seminários sobre comunicação junto com R. C. Sproul. Ele diz aos pregadores que eles não devem levar anotações para o púlpito. Confie no que você

sabe e fale às pessoas. Arrisque-

se e vá para o púlpito sem anotações de espécie alguma. Sproul seria a última pessoa a defender a falta de preparo. O que ele quer dizer é que podemos confiar mais do que estamos acostumados na profundidade da nossa experiência e dos nossos estudos.

Nas semanas em que estou muito ocupado, eu me arrisco a falar de improviso nos cultos de quarta-feira à noite. Eu estudo o texto e medito sobre a apresentação, mas não me importo em preparar um esboço detalhado. Eu preparo um esboço bem simples e falo baseado nele. O que se perde em concisão e clareza, ganha-se em intimidade e impacto.

É claro que para os cultos dominicais bem cronometrados, em que se exigem clareza e concisão, toma-se necessário um preparo maior.

♦ *Tome emprestado.* Um pastor da Califórnia escreveu-me uma carta divertida: "Tenho uma confissão. Todos em minha congregação estavam criticando meus sermões, então roubei um dos seus. Você usou uma ilustração sobre seu gato e eu não tenho um, então mudei esse ponto. Fora isso, preguei sua mensagem inteira. Mas nunca recebi tantas críticas por causa de um sermão!"

Portanto, algo emprestado talvez não resolva todos os seus problemas, mas vai ajudá-lo em pelo menos um deles: a necessidade de encontrar novos dados para serem empregados em ilustrações.

Então sinto-me livre para vasculhar os sermões dos outros procurando ilustrações, ideias e esboços. As pessoas me dizem:

— Uso muitas histórias suas.

— Tudo bem, também as roubei de alguém — respondo.

Creio que jogamos todos no mesmo time. Naturalmente, tento conceder o devido crédito, caso a história seja incomum ou bem desenvolvida.

Mas risque a ideia de tomar emprestados sermões inteiros. A famosa definição de pregação de Phillips Brook — a verdade por intermédio da personalidade — é verdadeira. Um sermão copiado parecerá estranho na minha boca. Simplesmente não causará impacto na igreja.

Hábitos semanais

Todos já ouviram declarações do tipo "você precisa estar mais sobre os joelhos do que sobre a máquina de escrever". Depois de minha reviravolta espiritual, meu coração inclina-se naturalmente nessa direção, mas também sei que um segredo para ter energia para a pregação semanal é criar alguns hábitos semanais que me mantenham em forma.

O problema é que uma porção de conselhos que ouvi ao longo dos anos não funciona comigo. Aqui, portanto, apresento alguns princípios, um tanto discrepantes com que trabalho.

♦ *Não se organize —a menos que seja obrigado.* Não sou organizado por natureza. Se tento me organizar porque li um livro sobre administração do tempo ou porque alguém disse que preciso — não porque eu preciso — esses novos sistemas estão fadados ao fracasso. Não há motivação para mantê-los. Mas se for caso de vida ou morte, a necessidade de me manter organizado me compele.

Nunca organizei minha biblioteca até que tive de fazê-lo. Sempre sabia onde estavam meus livros favoritos. Mas quando cheguei a um ponto em que já não conseguia encontrar as citações, então a biblioteca finalmente foi organizada, poupando-me horas no preparo dos sermões.

Se você está satisfeito com sua vida, desfrute o que Deus lhe deu. Se as pressões aumentarem, leia um livro de administração do tempo. Nunca faça hoje o que você pode deixar para amanhã.

♦ *Espere até o último minuto.* Descobri que trabalho melhor sob fogo cruzado. Não consigo ficar motivado para trabalhar num sermão, por exemplo, até que a hora de pregar esteja realmente chegando. Então não faz sentido eu ficar me torturando para começar com antecedência; isso não funciona.

Em Key Biscayne, escrevia meus sermões de domingo no sábado. Começava às quatro da manhã e gastava todo o tempo preciso. Às vezes escrevia até tarde da noite, às vezes só precisava de uma ou duas horas, mas em geral levava de oito a quinze horas de trabalho pesado com a cara enterrada nos papéis. Escrevia os sermões das noites de domingo nas tardes de sábado. Em geral, eu gastava a maior parte da quarta-feira escrevendo meu sermão para a mesma noite.

♦ *Não leia o que deve.* Não leio um livro só porque é bom, porque um líder altamente qualificado o recomendou, porque é preciso. Não leia volumes de teologia só porque seu professor de seminário disse que os pastores devem ler um livro de teologia por ano. A vida é muito curta. Coma primeiro a sobremesa. Leia o que você gosta, o que lhe interessa, o que o estimula, o que abre as janelas e permite a entrada de uma brisa

fresca.

A maior parte das minhas leituras não acaba entrando nos meus sermões, mas é estimulante ou traz satisfação. Leio ou folheio três ou quatro livros por semana, mas francamente hoje não há muitos livros religiosos que eu leia de capa a capa. Nunca mais li livros de teologia. As revistas que leio regularmente são *Time, National Review, Seleções* e *Christianity Today.*

♦ *Pareça superficial.* Nem sei quantas vezes fiquei arrasado com críticas de alguém a quem eu respeitava: "Ele só sabe contar histórias". Agora considero isso um elogio.

Talvez houvesse um tempo em que os pregadores podiam se virar sem ilustrações, quando as pessoas se sentavam e ouviam exposições diretas de um texto, mas esse tempo passou. Em nossa cultura dominada pela mídia, as pessoas pensam visualmente. Se você não conseguir ilustrar, não vai conseguir comunicar (seja como for, o que não pode ser ilustrado é mesmo irrelevante). Muitos torcem o nariz quando pensam em contar histórias, mas quem faz isso corre grande risco no ministério.

Portanto, assim como gosto de estudar teologia e filosofia, minhas antenas homiléticas estão atentas às boas ilustrações.

Quando encontro uma, ou faço uma fotocópia ou anoto, mas não as arquivo em ordem alfabética. Tenho um arquivo em que guardo ilustrações conforme vão aparecendo e as folheio regularmente, relendo o que está lá. Uma boa ilustração pode ser usada de dez diferentes maneiras; portanto, a maior parte do material que coleciono se encaixa em alguma mensagem dentro de poucos meses.

Os livros de ilustração são minha rede de segurança. Você ouviu professores afirmarem que jamais se devem usar livros de ilustrações. Bem, estão mentindo na sua cara. Eles estão usando os mesmos esboços de aula há vinte anos; os pastores estão por aí correndo atrás de três mensagens por semana. Use qualquer coisa que esteja à mão, qualquer coisa que funcione. Se só conseguir duas ilustrações boas num livro, já valeu o preço (e você vai encontrar mais que duas).

Diga à igreja que você vende a alma por uma boa ilustração e peça que lhe forneçam coisas que prendam a atenção deles. Quando você usar uma ilustração fornecida por alguém da igreja, mencione o nome da pessoa no púlpito. Logo você terá dezenas de auxiliares de pesquisa.

♦ *Pare de ser bonzinho.* Se quiser encontrar tempo suficiente para gastar no preparo de sermões, você precisa desenvolver um "lado mau". Na igreja, sempre há alguma

coisa quebrada. Se você ceder aos caprichos de gente que espera que você faça coisinhas aqui e ali, nunca terá tempo suficiente para estudar. Você vai gastar todo o tempo agradando as pessoas.

Certa vez coloquei no boletim de domingo os horários em que estaria à disposição para aconselhamento e conversas. Alguns ficaram revoltados com aquilo, achando que o pastor devia estar à disposição deles vinte e quatro horas por dia.

Então respondi aos que reclamaram: "Estarei à disposição vinte e quatro horas por dia para emergências e, principalmente, para um velório — o seu". Em parte, era brincadeira, e as pessoas sabiam disso.

Se você conseguir aprender a dizer não (mesmo que se sinta culpado com isso), vai deixar claro que não é a mãezona de todos. Isso ajudará os leigos a se responsabilizarem cada vez mais uns

pelos outros. Então, você terá bastante tempo para estudar e para estar à disposição para momentos de necessidade real.

Eu conhecia Ben Haden como um homem de percepção incrível em relação às pessoas; então levei a sério seu comentário sobre meu esgotamento. Em poucas semanas, cancelei o programa de rádio e comecei a separar um tempo para mim. Quanto mais sadia se tornava minha agenda, tanto mais percebia como Ben estava certo. Eu estava na corda bamba, mas não conseguia perceber enquanto estava naquela situação.

O versículo da minha vida é: "Tudo quanto te vier à mão para fazer, faze-o conforme as tuas forças". Já que acho difícil admitir que estou saturado, preciso ouvir os conselhos dos que me conhecem.

Também preciso prestar atenção na minha vida emocional e espiritual e nos meus hábitos semanais. Quando ajo assim, minha vida é renovada pelo Espírito Santo, e isso significa que minha pregação continuará renovando as pessoas, semana após semana, ano após ano.

soas ouvem de nós algo que não possam ouvir de Dear Abby[1] ou Leo Buscaglia.

— William Willimon

Capítulo 12

Pregando aos desinteressados

Um grupo cristão de estudantes queria que eu falasse sobre ser cristão no campus da Universidade de Duke.

— Para os iniciantes — disse eu — acho que até o próximo fim de semana alguns de vocês estarão na cama com alguém com quem não estão casados, talvez alguém deste grupo. O que eu poderia dizer esta noite que valesse como recurso para se recusarem a isso?

Eles não gostaram do que ouviram. Alguns disseram:

— Espere ai. Somos um grupo de cristãos. Como você tem coragem de dizer uma coisa dessas?

— Você me parece normal respondi — e conheço as estatísticas de que poucos universitários ainda continuam virgens. Não estou dizendo isso para atacá-los; sou pregador e devo lhes dar o que vocês precisam para viver como cristãos.

Depois que o grupo se acalmou, um aluno disse:

— Por que vocês, pregadores, sempre agem como se o sexo fosse o maior pecado do mundo?

[1] Coluna de jornal norte-americano escrita por Abigail Van Buren, que publica cartas pedindo conselhos juntamente com suas respostas *(Dictionary ofEnglish Language and Culture*, Essex: Longman, 1992). (Nota da tradutora.)

— Boa pergunta. Parece que você conhece a Bíblia, porque o sexo não é o maior problema de acordo com a Bíblia. Mesmo assim, achamos que se conseguirmos que vocês digam não a isso, uma coisa relativamente pequena, é impossível dizer até onde vamos conseguir chegar.

Vivemos e ministramos numa cultura que zomba das verdades que pregamos, fica ofendida com elas ou, pior, é condescendente com elas por questões de interesse

diplomático. Uma importante função dos pastores de hoje é pregar a verdade para um mundo desinteressado, para incrédulos que não nos levam a sério, para cristãos nominais que não querem "ser fanáticos" em matéria de religião. Como convencer essas pessoas de que há algo melhor, mais profundo, mais importante a que podem dedicar a vida?

Em letras miúdas

Permitam-me começar com um alerta: não vamos passar a ter pena de nós mesmos, como se a situação de paganismo atual fosse totalmente nova.

Seria divertido, acho, perguntar ao autor de Atos:

— O que você acha do atual desinteresse pelo evangelho?

— Alguém espancou você por pregar o evangelho? Essa foi a reação que enfrentamos — seria, provavelmente, a resposta de Lucas.

Lucas, é claro, tinha uma confiança impressionante no poder da Palavra, apresar das dificuldades; sua história mostra a Palavra saltando fronteiras. Alguns, de fato, acusam Lucas de triunfalis-mo homilético: "A pregação faz as coisas acontecerem! Olhe para Pedro — ele pregou e milhares de pessoas apresentaram-se para o batismo".

Mas triunfalismo? Estêvão prega alguns versículos depois e é apedrejado até morrer. Os comunicadores cristãos podem querer batismos, mas temos de reconhecer as "pedradas" que também podem nos atravessar o caminho. Nosso dilema moderno não é novo: a pregação em toda a história do cristianismo tem lutado com a necessidade de anunciar as boas novas a um mundo indiferente e, às vezes, hostil. Isso sempre esteve impresso em letras miúdas na descrição de cargo do pregador cristão.

Faz muito tempo, porém, desde que levei uma surra por causa do evangelho (ou desde que tive duas mil pessoas querendo ser batizadas!). É mais comum receber a resposta dos gentios em Atos: zombaria ou desinteresse desdenhoso. É como Agripa ou Félix, que disseram coisas assim: "Rapaz, fazia tempo que não ouvíamos uma coisa tão interessante. Precisamos nos sentar juntos e conversar de novo. Claro que tudo é relativo, e não acreditamos de um jeito ou de outro..." Acho que Lucas nos

diria: "O que vocês estão interpretando como desinteresse é só a boa e velha reação pagã ao evangelho. Resistência não é novidade nenhuma!".

Mas a reação que obtemos não é o problema. O problema é levar o testemunho

apostólico, por mais difícil que seja. Meu amigo Stanley Hauerwas e eu estávamos falando numa reunião de ministros metodistas. Durante o período de perguntas e respostas que se seguiu, um deles levantou-se e disse:

— Preguei sobre justiça racial em minha igreja, e as coisas foram de mal a pior. Meus filhos foram ridicularizados na escola. E a igreja chamou o bispo e reclamou dos meus sermões. Depois minha esposa foi demitida do trabalho. Como resultado, tivemos de nos mudar; fui nomeado para uma igreja em outra cidade.

Meu coração se abriu para aquele pobre irmão. Mas o de Hauerwas, não.

— Deus é um patrão que não tem piedade — disse Hauerwas, encolhendo os ombros. — Ele é o grande Deus, não uma falsificação. E isso é o que acontece quando se trabalha para um Deus real. Será que alguém mais quer falar alguma coisa?

Ninguém abriu a boca depois daquilo.

Quando nos inscrevemos para trabalhar para Deus, nos inscrevemos para os batismos e também para as pedradas. Não devemos esperar nada menos que a reação obtida pelos apóstolos: oposição ou total perplexidade.

De baixo para cima

Precisamos admitir: um dos motivos pelos quais o mundo moderno menospreza nossa pregação é que raramente as pessoas ouvem de nós algo que não possam ouvir de Dear Abby ou Leo Bus-caglia. Encontrei pessoas que desistiram de nós porque somos muito insípidos. Raramente ouço que alguém deixou nossas igrejas porque estamos muito envolvidos em ativismo social, somos liberais demais ou conservadores demais. Mas já ouvi um monte de gente confessar: "É chato. Nunca ouço alguma coisa interessante. O sermão é tão previsível que desanima".

Muitos são indiferentes à nossa mensagem porque sempre a suavizamos, tentando torná-la mais palatável ao gosto moderno. As pessoas não querem isso; pelo contrário, vivendo numa cultura relativista e perdida, precisam desesperadamente de uma bússola moral.

Certo dia eu estava numa aula de sociologia para falar de casamento. Entrou o assunto do divórcio, e eu estava falando:

— Bem, aqui estão as palavras de Jesus e tem ocorrido um debate dentro da igreja por causa de sua interpretação — eu tentava dar espaço às muitas possibilidades.

De repente um aluno interrompeu:

— Isso é exatamente aquele tipo de porcaria hipócrita que os religiosos dizem hoje: "O divórcio não é certo, mas, por outro lado, pode ser bom".

— Isso mesmo! Fale isso para ele! — outro aluno entrou para ajudar.

Depois da aula puxei de lado o aluno e perguntei sobre a reação dele. Fiquei surpreso quando

ouvi:

— Olha, meu velho nos deixou pela secretária dele quando eu tinha 16 anos.

Passamos as duas horas seguintes conversando a respeito daquilo.

Os destroços da década de 60 parecem diferentes quando você olha para eles de baixo para cima. O divórcio não é visto como "uma nova opção atraente de liberdade pessoal", mas como o abandono por parte de um dos pais.

Para muitos, os ensinos da Bíblia são ideias radicalmente novas. Eu falava no campus da Duke com uma moça que havia trabalhado para o *Habitat for Humanity em Americus,* no estado da Geórgia. Ela mencionou seu espanto com a disciplina deles:

— Uma coisa preciso falar sobre eles: lá você não pode praticar sexo com outras pessoas.

— Sério?

— Sério. Isso dá expulsão. Disseram que descobriram que o sexo entre os membros do grupo destrói a comunidade. Eles têm muitas coisas importantes para fazer, e as pessoas não podem botar tudo a perder se deitando juntas.

Aquilo foi uma descoberta para ela. Ela ficou intrigada pelo lato de as pessoas considerarem alguma coisa mais importante que sexo.

Até muitos que cresceram na igreja passaram praticamente incólumes pela moralidade cristã. Certa vez perguntei a um aluno da Duke se ele pretendia ter elações sexuais antes do casamento.

— Pretendo. Por que não? — respondeu.

— Você cresceu na igreja. Não acha isso meio errado? — perguntei.

— Nunca ouvi que fosse errado — respondeu. — O que você está querendo dizer?

Ele era totalmente ingênuo, mesmo tendo crescido numa igreja cristã.

As pessoas estão maduras para uma voz que lhes apresente algo pelo qual valha a pena viver ou morrer.

Verdades atraentes

Ao mesmo tempo, nunca nos devemos iludir quanto aos motivos que fazem as pessoas comparecer à igreja.

Perguntei a um aluno que estava comparecendo havia várias semanas:

— O que você acha do culto?

— Eu gosto.

— O que você acha da pregação?

— Bom, também gosto.

— Do que você gosta?

— Ah... eu gosto!

Fiquei pressionando para conseguir mais detalhes.

— Olha, Dr. Willimon, vou ser honesto com você. Venho para o culto para ver as mulheres.

— Obrigado — respondi. — Isso me faz bem. Se um dia ficar orgulhoso, vou me lembrar dessa conversa.

Tive de me acostumar com o fato de que as pessoas vão à igreja por um monte de razões — a maioria ruim, teologicamente. Ainda que afinal estejam buscando um significado para a vida, não devemos ser ingênuos, pensando que as pessoas estão atentas a cada palavra nossa. Se formos tentar alcançar os desinteressados, teremos de pregar de um jeito que cative a atenção deles.

No livro que Stanley Hauerwas e eu escrevemos juntos, *Preachingto Strangers* (Pregando para estranhos), Hauerwas observa que um dos meus sermões era maravilhosamente divertido. Considerei aquilo um elogio; chatice não é virtude. Não me importo por ser divertido, desde que seja fiel ao texto.

Quando estava no ginásio, minha irmã me deu um livro chamado *Public Speaking as Your Listeners Like It* (Falando em público como seus ouvintes gostam), que influencia até hoje a minha pregação. Seu ponto principal era a regra do "hum-hum": assuma que seus ouvintes jamais estão interessados naquilo que você está interessado. O livro recomendava que se pintasse o ouvinte como um sujeito que foi arrastado até lá pela esposa e não gosta da sua aparência. Ele acha que sabe mais que você e não para de olhar para o relógio.

Sua missão: convencê-lo de que seu assunto é a coisa mais importante que ele vai ouvir pelo resto da vida.

A regra do "hum-hum" não significa que eu deixe de lado assuntos menos palatáveis. Só porque meus ouvintes se importam menos com os jebuseus, isso não significa que eu não vá pregar sob

os jebuseus. Minha tarefa como pregador é convencê-los de que realmente se importam com os jebu-seus. Para isso precisamos usar um arsenal de técnicas para fazer com que liguem para isso.

Um jeito de fazer isso acontecer é sendo polêmico. Ataco a igreja com o evangelho de modo que todos possam se juntar para se proteger.

Um domingo antes do Natal, um pregador visitante não apareceu por causa do tempo frio, e então preguei uma mensagem impulsiva sobre João Batista. No sermão eu disse: "Imagine colocar João Batista num cartão de Natal dizendo: 'Nossos pensamentos para você nesta época especial do ano encontram sua melhor expressão naquele que disse: "Serpentes, raça de víboras! Como escapareis da condenação do inferno?"' Feliz Natal".

Depois disso, as pessoas ficaram me dizendo que eu havia pregado um ótimo sermão. Eu achava que o sermão fora um tanto rude quando pensava nele. Então, gastei o resto da semana perguntando às pessoas:

— Por que o sermão foi bom?

— Você estava certo, e estamos prontos para um pouco de honestidade acerca de

nossa condição.

Outro jeito de atrair as pessoas é ser franco e forte ao falar das questões que atingem as pessoas.

Em um sermão sobre discipulado, eu disse: "Olhem, nossa economia capitalista adoraria manter vocês fazendo sexo o tempo todo. As pessoas adorariam vender jeans e perfume para você; é assim que o deixam anestesiado. Querem convencê-lo de que na vida não há nada mais importante do que um orgasmo.

"Querem convencê-los de que isso é o que fazem os adultos, que essa é a parte mais importante de sua natureza humana. Isso faz um bocado de diferença na sua aparência, na maneira pela qual você se veste, no tipo de olhar que você dá. Querem que você acredite nisso. E você se converteu maravilhosamente a isso.

"Mas é tudo mentira", disse eu. "Odeio ter de dar este furo de notícia para vocês: o sexo não é essa maravilha toda. Tudo bem. Sei o que estão pensando: vocês acham que estou dizendo isso porque sou quarentão. Mas tenho feito isso há muito mais tempo que vocês — e digo que não é uma grande coisa. Vocês são quase tão bons nisso agora quanto serão algum dia. E não vão ser salvos com isso.

"Não é engraçado que a Bíblia quase nunca mencione o sexo?", concluí. "Jesus não queria falar de sexo; ele queria falar de discipulado. Jesus só se interessa por sexo no que diz respeito ao dis-cipulado. Se o sexo o impede de ser um discípulo fiel, é um grande problema. Se não, divirta-se."

Um aluno me disse certa vez: "A mensagem de hoje foi típica de um Willimon. Você entrou, deu um soco na boca do estômago deles e foi embora". Tenho um propósito duplo em ser polêmico e franco: a mensagem da Bíblia é polêmica e franca, e essa pregação atrai as pessoas.

A função séria das brincadeiras

Outro modo de atrair o ouvinte é pelas brincadeiras. Os ouvintes são vulneráveis ao bom humor. Uma das minhas vocações mais agradáveis na vida é demonstrar como o evangelho é maravilhosamente divertido e irônico.

Jesus conta uma parábola irônica em que compara um banquete ao reino de Deus. No relato de Lucas, um homem realiza uma festa e envia convites para aqueles que são felizardos o suficiente para os receber. Mas ninguém aparece. O homem fica furioso e então convida a ralé que não tem aonde ir numa noite de sábado.

Então, na prática, ele diz: “Que coisa! Cozinhamos toda essa comida. Saiam por aí e tragam qualquer pessoa. Tragam os bons e os maus. Vocês recolheram os coxos bonzinhos. Saiam por aí e tragam qualquer um”.

O ponto central do ensino de Jesus é este: o reino de Deus é uma festa e não seremos mortos se nos pegarem lá. É uma parábola engraçada, que prepara o ouvinte para um golpe certeiro: passamos a vida inteira evitando certas pessoas só para acordar um dia e descobrir que, no reino, vamos ter de comer ao lado delas por toda a eternidade. Considero essa história maravilhosamente divertida e engraçada, mas também mordaz. Seu humor prepara o ouvinte para uma dura verdade.

Martin Luther King pregou certa vez um sermão em que contou que foi apunhalado por uma mulher enlouquecida. Ele mencionou que, depois de apunhalado, os jornais registraram que um médico disse: “Se o Dr. King tivesse espirrado, teria morrido”. Uma menininha branca do estado de Connecticut, diz ele, mais tarde escreveu-lhe uma carta em que dizia: “Caro Dr. King, fico realmente feliz porque o senhor não espirrou”.

Então King disse: “Se tivesse espirrado, não estaria aqui em Birmingham”. Depois, “bem se tivesse espirrado, não teria condições de ir a Estocolmo para receber o Prêmio Nobel”. Ele continuou fazendo uma lista dos lugares a que não teria ido, caso tivesse espirrado. Seu bom humor deu vida ao sermão, de modo que a congregação reagiu, gritando améns e rindo com ele.

Vitalidade com asas

No fim, a única coisa que me mantém anunciando as graves verdades de Deus aos desinteressados é que tenho convicção de que essa coisa toda chamada cristianismo é verdadeira. O que deve manter-me acordado à noite não é o fato de que alguém me achou chato ou minha mensagem antiquada, mas se tenho sido fiel à minha vocação de pregar a Palavra.

E uma razão pela qual continuo achando que esse negócio é verdadeiro é o que acontece quando ela é pregada. Em Duke, é como se eu estivesse num laboratório, e todas as variáveis ministeriais são arrancadas até que só a pregação sobra para ser avaliada. Vejo inúmeras vezes em que a pregação pode levar o incrédulo à fé e o crente indiferente a um compromisso mais profundo.

Alguns anos atrás, Jim Wallis, editor da revista *Sojourners,* pregou na capela de Duke. Ele apresentou os argumentos radicais dos *Sojourners* e, dois dias depois, um calouro me disse:

— Dr. Willimon, quero agradecer por ter trazido aquele homem aqui. Voltei para o meu quarto, liguei para os meus pais e disse-lhes que queria que tirassem meu nome do rol da igreja em que cresci.

— Ah, não! Por que você foi fazer uma coisa dessas? Não quero telefonemas furiosos da sua

mãe.

— Cresci naquela igreja... cristão o tempo todo — respondeu — e ninguém nunca falou sobre Jesus e os pobres. Fiz o que Wallis mandou: examinei a Bíblia e é incrível como ela fala dos pobres e dos ricos e do amor de Deus.

O rapaz estava vibrando, pensando em como passaria os feriados de Natal trabalhando para o *Habitat for Humanity*.

É lindo ver esse tipo de vitalidade ganhando asas.

Às vezes até os desinteressados são radicalmente transformados pelo poder da verdade do evangelho. Assustador, não é?

A pregação nos engana. Parece uma simples questão de exegese e oratória. Acontece que se trata de sangue, suor, lutas e lágrimas.

— Mark Galli

Epílogo

Um pastor escreveu para um de meus colaboradores, lastimando o seu ministério: “Faz agora sete anos que sou pastor. Tem sido muito difícil. Saí do seminário muito idealista: a realidade do ministério pastoral foi de arrasar [...] Eu realmente acreditava que se uma igreja fosse amada e visse uma apresentação clara do evangelho entraria na linha. Seria salva. Pro-grediria. Quanta ingenuidade!”.

Que pastor nunca sentiu essa desilusão? Às vezes nos sentimos como se pregássemos num deserto quente e vazio: tudo o que vemos a quilômetros são ondas de calor subindo preguiçosas da areia branca e, talvez, alguns cactos e um ou dois lagartos. Sentimo-nos sozinhos — uma voz que clama no deserto nem chega a fazer algum eco que seja audível. E sentimo-nos bobos. Quanta ingenuidade!

Não é à toa que estamos desanimados. A pregação sempre foi e sempre será uma tarefa eternamente importante, mas eternamente árdua. Conforme observaram nossos autores, o púlpito sempre será um dos pontos de maior pressão no ministério. A pregação nos engana. Parece uma simples questão de exegese e oratória. Acontece que se trata de sangue, suor, lutas e lágrimas.

Mas estamos errados em nos considerar ingênuos. É preciso que nos lembrem de vez em quando, como neste livro, de que não há outro meio pelo qual as pessoas podem ser salvas em Cristo, exceto por uma pregação clara, feita com o coração: “Como crerão naquele de quem nada ouviram? E como ouvirão, se não há quem pregue?”

Sim, é tão simples e tão ingênuo assim.

E acreditamos nisso. Não, nós sabemos disso, em algum lugar, bem lá no fundo. É exatamente por isso que continuamos a proclamar aos cactos e lagartos, enquanto perambulamos pelo deserto

do desespero. É por isso que, depois de carregar mentalmente o caminhão de mudança, recolocamos mentalmente nossos comentários nas estantes. É por isso que, depois de uma greve de pregação (de seis dias), pregamos de novo. E de novo. E de novo.

Somos como Jeremias: “Quando pensei: não me lembrarei dele e já não falarei no seu nome, então, isso me foi no coração como fogo ardente, encerrado nos meus ossos; já desfaleço de sofrer e não posso mais”.

E, no fim, o calor dentro de nós é maior que o calor de fora. Então pregamos, no frio relativo do deserto.

Como profeta de Deus, é comum o pastor se sentir num deserto, pregando para pessoas que se parecem com cactos. Solidão, mal-estar, silêncio e aridez são sentimentos comuns em qualquer pessoa que precise atravessar um deserto. As exigências do ministério podem fazer o pastor se sentir assim, principalmente quando ele faz a si mesmo perguntas como estas:

- Como posso saber se minha pregação está fazendo alguma diferença na vida dos membros?

- Onde posso encontrar energia e criatividade para pregar todas as semanas durante décadas a fio?

- Como posso pregar sobre o amor, se o meu próprio casamento não vai

bem? !

- Como posso concorrer com os grandes pregadores que meu rebanho escuta pelo rádio e pela TV?

Perguntas como essas incomodam e podem gerar preocupação, desânimo, apatia e depressão. Elas podem até mesmo arrasar a vida de um pastor. Ou, a exemplo de halteres que forçam os músculos, elas podem tornar a pregação mais forte e cheia de vigor. Essas e outras questões recebem atenção em 0 *Pastor*; *Profeta de Deus*, mais um volume da série *Pastorado Eficaz*. Os 12 capítulos que compõem este volume foram escritos por três respeitados pregadores, que ajudarão o pastor a transformar as pressões do ministério em oportunidades de aperfeiçoamento.

OS AUTORES:

Steve Brown é pastor e tem um programa de rádio de alcance nacional nos Estados Unidos. Leciona comunicação e teologia prática no Seminário Teológico Reformado, em Orlando, na Flórida.

Haddon Robinson leciona Homilética no Seminário Teológico Gordon-Conwell, em South Hamilton, no estado norte-americano de Massachusetts. Foi presidente do Seminário de Denver, nos Estados Unidos. E autor de A *Pregação Bíblica*, durante mais de 15 anos publicado por Edições Vida Nova.

William Willimon é deão da capela da Universidade de Duke, onde também leciona a

matéria chamada Ministério Cristão. Foi pastor da Igreja Metodista Unida nos Estados

Unidos.

/

E autor de *Integrative Preaching, Preaching and Leading Worship* e *Peculiar Speech* (ainda não publicados no Brasil). ,SBN 85-275-0289-5

edições



astoradí fieaz